

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

João Alves Maciel Neto

A aquisição do sentido de realidade segundo o pensamento de Sándor Ferenczi

Juiz de Fora

2020

João Alves Maciel Neto

A aquisição do sentido de realidade segundo o pensamento de Sándor Ferenczi

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: História e Filosofia da Psicologia.

Orientador: Prof^ª Dr^ª Fátima Siqueira Caropreso.

Juiz de Fora

2020

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Maciel Neto, João Alves.

A aquisição do sentido de realidade segundo o pensamento de Sándor Ferenczi / João Alves Maciel Neto. -- 2020.
92 f.

Orientadora: Fátima Siqueira Caropreso

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2020.

1. Ferenczi. 2. Psicanálise. 3. Metapsicologia. 4. Princípio do Prazer. 5. Princípio de Realidade. I. Caropreso, Fátima Siqueira, orient. II. Título.

JOÃO ALVES MACIEL NETO

**A AQUISIÇÃO DO SENTIDO DE REALIDADE SEGUNDO O PENSAMENTO DE
SÁNDOR FERENCZI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.


Dissertação defendida e aprovada em 6 de agosto de 2020.



Prof^ª. Dr^ª. Fátima Siqueira Caropreso
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Walter Melo Júnior
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Daniel Kupermann
Universidade de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Mírian e Josemar, que desde o início sempre me presentearam com amor e apoio, e sempre ressaltaram a importância da educação, do conhecimento e de seguir os próprios sonhos.

À minha orientadora, Fátima Caropreso, por todo o conhecimento transmitido, assim como pelo tempo, cuidado, atenção e dedicação concedidos durante todo o processo de realização desse trabalho. Ao professor Richard Simanke, por ainda na graduação ter contribuído imensamente para o meu interesse em pesquisa durante os anos de iniciação científica.

Aos membros da banca, Walter Melo e Daniel Kupermann, pela riqueza das contribuições e questões levantadas tanto na qualificação quanto na defesa do presente trabalho.

Aos amigos, os quais sempre tornam os momentos e percursos mais leves, agradáveis e seguros. Dentre eles, agradeço em especial aos também companheiros de mestrado Amanda, Mariana Muniz, Matheus e Monique, pela amizade e afeto dentro e fora da sala de aula. Aos que compartilham o interesse pela psicanálise, em especial Adriana, Jéssica e Paula, por todas as questões pessoais e teóricas compartilhadas. Às amigas presentes desde a graduação, em especial Amata, Bia, Júlia, Luísa, Mariana Almeida, Nicole e Vívian, que, até hoje, seguem compartilhando tanto a amizade quanto o interesse pelo ser humano. E aos demais amigos e também familiares que, em toda a rica diversidade de áreas e caminhos traçados, seguem proporcionando o afeto e companheirismo necessário em cada nova etapa da vida.

À Universidade Federal de Juiz de Fora, por demonstrar a riqueza e o valor da universidade pública, especialmente em um cenário social e político muitas vezes contrário ao direito do saber e do questionar. Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pela oportunidade de realização dessa pesquisa. Aos professores que, ao longo da vida, serviram de inspiração.

À minha analista, Flávia, pelo processo de análise que foi – e é – essencial e por demonstrar que, além da pesquisa, a psicanálise também é uma prática valiosa.

À CAPES, pela bolsa de mestrado concedida.

“Eros, liberto pelo desintrincamento pulsional, converte destruição em crescimento, em um desenvolvimento posterior das partes que foram protegidas.” (FERENCZI, 1927, p. 377).

RESUMO

Por muito tempo, pesquisadores do campo da psicanálise focaram as inovações clínicas do psicanalista húngaro Sándor Ferenczi, deixando em segundo plano os aspectos metapsicológicos de sua teoria. Embora se baseie, inicialmente, em hipóteses freudianas, Ferenczi também formulou uma teoria metapsicológica rica e original. O presente trabalho tem como objetivo analisar a teoria de Sándor Ferenczi sobre a aquisição do sentido de realidade, seguindo as diretrizes de uma epistemologia da psicanálise, proposta por Monzani (1989). Ao tomar como ponto de partida a teoria de Freud sobre a passagem do “princípio do prazer” ao “princípio de realidade”, Ferenczi formula uma série de hipóteses originais sobre o processo de transição entre esses princípios e sobre a possibilidade de um conhecimento objetivo do mundo externo. Ao abordar o desenvolvimento do ego desde o período pré-natal até o reconhecimento da realidade externa e a consequente possibilidade do conhecimento científico, Ferenczi apresenta uma série de formulações inéditas e leva a psicanálise até pontos ainda não profundamente adentrados. Além de considerar uma série de estágios pelos quais o indivíduo deve passar para que o mundo externo possa ser conhecido de forma ao menos parcialmente objetiva, o autor aborda a adaptação do indivíduo à realidade também em seus aspectos filogenéticos, assim como o papel das pulsões durante esse processo. A teoria sobre a aquisição do sentido de realidade mostra-se uma teoria adaptativa, que aborda processos internos e externos no desenvolvimento psíquico do sujeito e os caminhos que o mesmo percorre para alcançar a satisfação de seus desejos em meio a destruições e reconstruções.

Palavras-chave: Ferenczi. Psicanálise. Metapsicologia. Princípio do Prazer. Princípio de Realidade.

ABSTRACT

For a long time, researchers from the psychoanalysis field focused on the clinical innovations from Hungarian psychoanalyst Sándor Ferenczi, leaving aside the metapsychological aspects of his theory. Although initially based on Freudian ideas, Ferenczi also developed a rich and original metapsychological theory. The present work aims to analyse Sándor Ferenczi's theory about the acquisition of the sense of reality, following the epistemology of psychoanalysis guidelines proposed by Monzani (1989). Starting from Freud's theory about the transition from the "pleasure principle" to the "reality principle", Ferenczi develops a series of original hypothesis regarding the process of transition between these principles and the possibility of a factual knowledge of the external world. Approaching the ego development from the prenatal period to the recognition of the external reality and the consequent possibility of scientific knowledge, Ferenczi presents a series of unprecedented formulations and takes psychoanalysis to points still not deeply explored. In addition to the consideration of a series of stages in which the individual must pass in order to acknowledge the external world at least in a partial factual way, the author also addresses the adaptation to reality in its phylogenetical aspects, as well as the role of the instincts throughout this process. The theory regarding the acquisition of the sense of reality consists of an adaptive theory, which encompasses internal and external processes in the subject's psychic development and the routes one takes in order to obtain the satisfaction of desires among destructions and reconstructions.

Keywords: Ferenczi. Psychoanalysis. Metapsychology. Pleasure Principle. Reality Principle.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	O APARELHO PSÍQUICO E OS DOIS TIPOS DE PROCESSOS	13
2.1	FORMULAÇÕES SOBRE OS DOIS PRINCÍPIOS DO FUNCIONAMENTO PSÍQUICO – PRAZER E REALIDADE.....	19
3	O DESENVOLVIMENTO DO SENTIDO DE REALIDADE.....	25
4	ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER.....	36
5	THALASSA.....	46
5.1	CONTEXTO, DESENVOLVIMENTO E ELABORAÇÃO.....	46
5.2	A ADAPTAÇÃO À REALIDADE.....	48
5.2.1	O desenvolvimento do sentido de realidade erótica.....	49
5.2.2	A adaptação à realidade no desenvolvimento ontogenético.....	53
5.2.3	A adaptação à realidade no desenvolvimento filogenético.....	58
5.3	DESTRUIÇÃO E CRIAÇÃO.....	66
6	O PROBLEMA DA AFIRMAÇÃO DO DESPRAZER.....	72
6.1	PROCESSOS INTERNOS NO RECONHECIMENTO DA REALIDADE.....	72
6.2	O TRABALHO CONJUNTO DA DESTRUIÇÃO E DA CRIAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO.....	80
7	CONCLUSÃO	84
	REFERÊNCIAS	88

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objetivo analisar a teoria de Sándor Ferenczi sobre a aquisição do sentido de realidade e a possibilidade de conhecimento do mundo externo. A partir de concepções freudianas, ele formula uma série de hipóteses metapsicológicas originais sobre a aquisição do sentido de realidade, as quais permanecem pouco investigadas e compreendidas. A maior parte dos estudos sobre sua obra focam suas inovações clínicas, no entanto, encontramos nessa uma rica teoria metapsicológica, bem menos explorada e reconhecida (CAROPRESO, 2019). Através do resgate das ideias de Ferenczi, para além de novos recursos técnicos, novas questões metapsicológicas podem ser levantadas (LABAKI, 2014; HERZOG; PACHECO-FERREIRA, 2015) Segundo Rachman (2007), uma análise das contribuições de Ferenczi é necessária para “corrigir uma significativa distração histórica” (p.76) com relação ao trabalho do mesmo.

Questões sobre a relação do sujeito com a realidade e a possibilidade de conhecimento do mundo externo foram abordadas pela psicanálise desde os trabalhos iniciais de Freud. Em seu “*Projeto de uma Psicologia Científica*” (FREUD, 2003), o autor formula uma primeira teoria sobre o pensamento e introduz conceitos que viriam a ser retomados e desenvolvidos em sua obra subsequente. Em “*A Interpretação dos Sonhos*” (FREUD, 2012), mais especificamente no Capítulo VII dessa obra, Freud desenvolve e reelabora suas hipóteses sobre o funcionamento psíquico e introduz a hipótese do “princípio do prazer”. De acordo com esse princípio, o aparelho psíquico teria como meta primária a descarga da excitação, ou a fuga do prazer, da forma mais direta possível. Seria através dessas descargas que o funcionamento mental encontraria satisfação.

Ainda no Capítulo VII, Freud (2012) diferencia dois tipos de processos psíquicos. Os chamados “processos primários”, inconscientes e presentes desde o início da vida psíquica, seriam livres de inibição e buscariam descarregar as excitações da forma mais direta possível, pela via alucinatória. Esses processos seriam, assim, governados pelo princípio do prazer. Os “processos secundários”, por sua vez, emergiriam em um segundo momento e inibiriam a descarga imediata da excitação, de forma a permitir a satisfação real das necessidades, a partir da modificação do mundo externo. Esses processos levariam em consideração a realidade e tornariam possível o pensamento consciente.

Posteriormente, em “*Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Psíquico*” (2010b), Freud apresenta a hipótese, que já estava pressuposta em seus trabalhos prévios, de que, a partir de certo momento do desenvolvimento psíquico, o *princípio de*

realidade deveria se sobrepôr ao princípio do desprazer – agora renomeado como *princípio do prazer*. De acordo com o autor, a consideração pela realidade do mundo externo seria cada vez mais necessária para a sobrevivência do sujeito e a realização efetiva dos desejos.

Como apontam Mészáros (2014) e Herzog e Pacheco-Ferreira (2015), Ferenczi demonstra, em sua teoria, um interesse especial pelos primeiros anos de desenvolvimento do eu e, como pontua Kupermann (2019), pelas relações objetais iniciais. Tal interesse vai ao encontro das hipóteses propostas por Freud sobre os dois princípios do funcionamento mental. Em “*O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e Seus Estágios*” (1916c), Ferenczi aponta uma lacuna deixada por Freud – pelo próprio assumida (FREUD, 2010b) – relativa a questão sobre a maneira como se daria a passagem do princípio do prazer ao de realidade. Ele formula, então, suas próprias hipóteses a respeito de como esse processo de sobreposição se daria.

Para Ferenczi (1916c), o indivíduo inicialmente acreditaria ser onipotente devido ao fato de ter grande parte de seus desejos realizados nos primeiros momentos de vida e, aos poucos, passando por vários estágios, deveria gradualmente perder tal ilusão de onipotência para se adequar à realidade. Com relação a esse processo, Caropreso (2019) aponta que “o desprazer iria aos poucos sendo tolerado, pois a aquisição do sentido de realidade teria como condição a aquisição da capacidade de aceitar o desprazer” (p. 4). Como comenta Bastos (1993), seria em meio a esse processo que o pensamento consciente viria a surgir. Ferenczi (1916c) justifica sua pesquisa:

Ao me lembrar da suposição de Freud de que “uma parte da antiga ilusão de grandiosidade da infância foi honestamente confessada” na fantasia de onipotência do paciente obsessivo, tentei localizar a origem e o destino dessa ilusão. A partir disso, eu esperava também aprender algo novo sobre o desenvolvimento do eu do princípio do prazer ao de realidade, uma vez que que me pareceu provável que a substituição (para a qual somos compelidos pela experiência) da megalomania infantil pelo reconhecimento do poder das forças naturais compõe o conteúdo essencial do desenvolvimento do eu (p. 185, tradução nossa).

As concepções de Ferenczi sobre a aquisição do sentido de realidade estão diretamente relacionadas a suas hipóteses sobre os mecanismos de projeção e introjeção. O autor considera que os estágios iniciais do desenvolvimento do sentido de realidade são introjetivos, pois neles o eu incorpora o mundo em si. Posteriormente, o indivíduo ingressaria em uma fase projetiva, na qual o eu passaria a ser capaz de incluir-se no mundo (FERENCZI, 1916c). Os dois mecanismos encontrariam seu balanço ideal no último estágio do desenvolvimento do sentido de realidade (FERENCZI, 1927). Assim, o conceito de introjeção, apresentado inicialmente em “*Transferência e Introjeção*” (FERENCZI, 1916a), é de extrema importância,

não apenas para a teoria metapsicológica elaborada por Ferenczi, mas também é um dos pontos chave de sua prática clínica, como esclarece Kupermann (2008).

Com a elaboração da hipótese freudiana da segunda dualidade pulsional em “*Além do Princípio do Prazer*” (FREUD, 2010a), e com a formulação da segunda tópica, a função de autopreservação atribuída ao princípio de realidade passa a ser compreendida como um mecanismo utilizado pelo Eu através de sua relação com o mundo externo (HARTMANN, 1956). A inclusão do conceito de pulsão de morte também afetou diretamente a compreensão do processo de adaptação do sujeito à realidade (FIGUEIREDO, 1999). Essa pulsão, de acordo com Freud (2010a), manifestaria uma tendência arcaica do organismo de retorno a um estado de total ausência de desprazer, de retorno ao estado inorgânico. Ferenczi, por sua vez, também identifica uma tendência regressiva no funcionamento psíquico, a qual, no entanto, possuiria finalidades diferentes e não se limitaria à aspiração de regressar ao inorgânico (SOREANU, 2017; DAL MOLIN; COELHO JUNIOR; CROMBERG, 2019). Em “*Thalassa*” (FERENCZI, 1993), o autor desenvolve a hipótese de que o funcionamento do organismo apresenta uma tendência regressiva. Contudo, essa tendência não aspiraria apenas retornar ao estado inorgânico, mas também visaria o regresso a etapas anteriores da vida.

Ferenczi (1993) argumenta que as catástrofes sofridas pelo organismo ao longo de seu desenvolvimento ontogenético e filogenético possibilitam formas mais complexas de existir após suas superações. De acordo com Câmara e Herzog (2018), essas catástrofes podem ser compreendidas como rupturas no modo de viver de um organismo. Com o surgimento de um antes e um depois, manifesta-se a tendência de retomar o antes, a parte menos dividida. Como indica Brum (2018, 2019), as cisões do que antes era tido como um todo proporcionariam ao indivíduo a possibilidade de uma existência mais complexa e desenvolvida. A tendência de retorno, em um movimento paradoxal, daria origem a novas formas de viver e de se adaptar à realidade externa e às adversidades por ela impostas.

Em 1926, Ferenczi publica “*O problema da afirmação do desprazer*” (1927), último de seus textos dedicado ao estudo do sentido de realidade. Em textos anteriores, como indica Figueiredo (1999), ele dera mais atenção à relação do sujeito com o ambiente. Nesse texto, por sua vez, o autor busca esclarecer quais seriam os processos psíquicos internos que acompanhariam o desenvolvimento do sentido de realidade, algo que, segundo ele, ainda não havia sido esclarecido (BÁLINT, 1967; HERZOG; PACHECO-FERREIRA, 2015; CAROPRESO, 2019).

Baseando-se nas hipóteses introduzidas por Freud em “*A Negação*” (2011a), Ferenczi (1927) sustenta que aceitar o desprazer, superando sua negação e seu recalçamento, é parte

essencial do processo de adaptação à realidade. Ele desenvolve uma teoria sobre como esse processo ocorre e complementa, assim, as hipóteses sobre o desenvolvimento do sentido de realidade elaboradas em suas publicações anteriores. Nessa elaboração teórica, são integrados conceitos apresentados por Freud em *“Além do Princípio do Prazer”* (2010a), em especial, aqueles de “pulsão de vida” e “pulsão de morte”.

Nesse cenário, um processo interno de destruição e reconstrução passa a ser o elemento central do desenvolvimento do sentido de realidade. Ferenczi (1927) argumenta que enquanto a pulsão de morte visaria destruir os conteúdos desprazerosos introjetados, a pulsão de vida transformaria essas autodestruições em novas e mais complexas criações, um processo necessário e com tendências opostas de igual importância.

Para realizar o presente trabalho, partiremos da análise de alguns textos de Freud que abordam conceitos importantes para a compreensão da teoria de Ferenczi sobre o sentido de realidade. São eles: o sétimo capítulo de *“A interpretação dos sonhos”* (1900), *“Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico”* (1911), *“Além do princípio do prazer”* (1920) e *“A negação”* (1925). Em seguida, passaremos à análise dos principais textos de Ferenczi sobre o tema em questão: *“Transferência e introjeção”* (1909), *“O conceito de introjeção”* (1912), *“O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios”* (1913), *“Thalassa”* (1924), e *“O problema da afirmação do desprazer”* (1926). Algumas concepções, presentes em outros textos de ambos os autores e relevantes para este trabalho, também foram exploradas. Ao longo de toda a dissertação, incluímos contribuições da bibliografia secundária sobre o tema.

Essa dissertação é composta por cinco capítulos. No primeiro, são discutidas as primeiras formulações de Freud acerca dos conceitos de processo primário e secundário, assim como a concepção desse autor sobre a transição do princípio do prazer ao princípio de realidade. No segundo capítulo, são apresentados os estágios propostos por Ferenczi no processo de desenvolvimento do sentido de realidade, assim como o papel dos mecanismos de introjeção e projeção nesse processo. No terceiro capítulo, são abordadas algumas ideias apresentadas por Freud em *“Além do Princípio do Prazer”* (2010a), em especial o conceito de pulsão de morte. No quarto, são discutidas as ideias de Ferenczi relativas à tendência regressiva e sua relação com a adaptação à realidade externa, assim como o papel das catástrofes no processo de adaptação à realidade e suas origens ontogenéticas e filogenéticas. No quinto e último capítulo são abordadas as hipóteses de Ferenczi acerca dos processos internos que acompanham o processo de desenvolvimento do sentido de realidade.

A análise das obras primárias seguirá as diretrizes propostas por Monzani (1991) para a pesquisa epistemológica em psicanálise. Realizaremos uma leitura interna da teoria psicanalítica, seguindo o desenvolvimento dos conceitos e buscando explicitar suas articulações teóricas dentro da própria teoria.

Como algumas divergências foram encontradas entre a tradução dos textos de Ferenczi para o português e as traduções de Ernest Jones e Cecil Banes para o inglês, utilizamos como referência primária as traduções para a língua inglesa, visto que estas foram autorizadas pelo próprio Ferenczi. As versões originais no alemão também foram consultadas quando encontramos divergências muito grandes entre as traduções para o português e para o inglês. Nesse caso, uma rápida discussão estará presente com as informações relevantes para a compreensão do conceito em questão.

2 O APARELHO PSÍQUICO E OS DOIS TIPOS DE PROCESSOS

Freud, em seu texto “A Interpretação dos Sonhos” (*Die Traumdeutung*), publicado no ano de 1900, busca uma maior compreensão do psiquismo humano a partir das atividades mentais ativadas – ou desativadas – no processo de formação do sonho. No Capítulo VII deste texto, diferentemente dos anteriores, uma explicação metapsicológica é elaborada no intuito de tentar compreender de que forma o sistema psíquico supostamente se organizaria, e quais seriam as suas propriedades, de forma que o processo onírico pudesse ser melhor esclarecido. Monzani (1989) aponta que o que interessa a Freud nesse capítulo, antes de tudo, é compreender a razão por trás do modo alucinatório de funcionamento durante o sonho. A teoria que Freud elabora, no entanto, não diz respeito só aos processos oníricos, mas aos processos psíquicos como um todo, e poderia ser colocada na base da psicanálise. Como apontado pelo próprio autor no início do capítulo:

É impossível que cheguemos a *explicar* o sonho como processo psíquico, pois explicar significa derivar de algo conhecido, e não há atualmente nenhum conhecimento psicológico ao qual pudéssemos subordinar aquilo que, na condição de fundamento explicativo, pode ser inferido do exame psicológico dos sonhos. Ao contrário, seremos obrigados a estabelecer uma série de novas hipóteses que tocam com conjecturas a estrutura do aparelho psíquico e o jogo das forças nele ativas, tomando o cuidado de não levá-las muito além da primeira associação lógica, porque de outro modo seu valor se perderia no indeterminado (FREUD, 2012, p. 537, grifo do autor).

Embora o sonho seja distorcido e muitas vezes mutilado ou até apagado pela memória no dia seguinte, para Freud, isso não alteraria o fato de que pensamentos precedentes à lembrança, e até mesmo à formação do sonho, permanecessem presentes no psiquismo. É com grande influência desta premissa que o autor visa construir sua hipótese metapsicológica nesse texto.

Na seção B do capítulo 7, nos deparamos com a ideia de um aparelho psíquico formado por uma série de sistemas de memória, os últimos dos quais seriam os *sistemas* inconsciente (*Ics*) e pré-consciente (*Pcs*). Inicialmente, é preciso compreender que o aparelho possuiria duas extremidades: uma sensível, a qual receberia as percepções de estímulos internos e externos, e uma motora, a qual possibilitaria a motilidade. A extremidade perceptiva, sem memória alguma, seria seguida por sistemas de memória, que armazenariam “traços mnêmicos” da excitação derivada destas percepções. Os traços mnêmicos seriam essencialmente inconscientes e continuamente exerceriam seus efeitos no aparelho psíquico, os quais poderiam ou não emergir na consciência. Adentrando novamente o processo de formação dos sonhos, Freud aponta então duas diferentes instâncias psíquicas: uma instância

crítica, mais ligada à consciência, guia da vida de vigília e da ação consciente, e uma instância criticada, constantemente submetida às críticas da outra instância. A instância crítica estaria ligada ao sistema pré-consciente e à extremidade motora, enquanto a instância criticada corresponderia aos traços mnêmicos do sistema inconsciente.

O *sistema inconsciente* seria composto por representações insuscetíveis de consciência nos processos psíquicos normais de vigília. Já o *pré-consciente* seria aquele composto pelo material passível de se tornar consciente. As representações pré-conscientes poderiam acessar a consciência, desde que cumpridas certas condições, como possuir certa intensidade, serem focalizadas pelo mecanismo da atenção, entre outras. Freud (2012) caracteriza o sistema inconsciente como um sistema que “(...) não tem acesso à consciência *exceto pelo pré-consciente*, uma passagem que obriga o seu processo excitatório a tolerar alterações.” (p. 569). Em tal sistema se localizaria a principal força geradora dos sonhos. O sistema pré-consciente, porém, não estaria isento de seu papel na formação onírica, visto estar nele presente as imagens associativas necessárias para a inteligibilidade psíquica do sonho.

Seguindo em sua metapsicologia dos sonhos, Freud (2012) argumenta que os mesmos teriam como finalidade realizar desejos previamente existentes no inconsciente – desejos estes originários da infância e mantidos sob um estado de repressão – e que ainda não encontraram a excitação ou oportunidade necessárias para chegarem por vias normais, durante a fase de vigília, à consciência. Tais “moções de desejo”, como foram chamadas, precisariam encontrar energia excitatória suficiente para formarem um sonho. Desejos situados no pré-consciente poderiam, ainda, aparecer nos sonhos, mas desde que encontrassem em algum desejo inconsciente, do mesmo teor, a excitação necessária para que pudessem então ser elaborados oniricamente.

A realização de tais desejos estaria voltada a alcançar a experiência de uma vivência de satisfação, ou seja, a uma tentativa de reviver a situação de primeira satisfação experienciada ainda enquanto recém-nascido, como no que se refere à cessação da fome durante aquele período – neste caso por meio de um outro que lhe eliminaria esse estímulo interno¹. Caropreso e Simanke (2006) esclarecem que a vivência de satisfação, nesse momento da teoria freudiana, é colocada como a vivência originária na estruturação dos

¹ Essa hipótese foi anteriormente tratada por Freud em seu “Projeto de uma Psicologia Científica”(2003). Nesse texto, embora Freud utilize terminologias neurológicas para tratar destes mesmos aspectos, a ideia principal de um estímulo endógeno satisfeito por um objeto externo é semelhante, tendo a vivência de satisfação “as consequências mais decisivas para o desenvolvimento funcional do indivíduo” (p. 196). Alguns desdobramentos neurológicos presentes em tal texto, entretanto, se limitam a esse texto e não são recuperados, pelo menos diretamente, no texto de 1900.

processos psíquicos. Uma moção psíquica que buscasse sempre reviver esta experiência através do investimento de uma imagem mnêmica associada a um traço mnêmico excitatório de necessidade é o que, neste ponto, Freud (2012) chama de “desejo”.

A satisfação do desejo, porém, uma hora viria a não ocorrer, visto que nem sempre o cuidador estaria solícito à criança, e ainda assim sua necessidade de satisfação permaneceria. Agora, o desejar e sua realização não mais encontrariam sucesso em um meio estritamente alucinatório, e tornaria-se necessário um maior reconhecimento do mundo externo de forma que, gradativamente, a criança pudesse utilizar-se dos recursos deste para satisfazer suas necessidades internas. O sonhar, logo, seria um resquício desse funcionamento psíquico primitivo e menos eficaz, que desconsideraria a realidade externa na satisfação de suas necessidades. Freud (2012), a partir disso, conclui:

O sonho, que realiza seus desejos pelo caminho curto e regressivo, conservou com isso apenas uma amostra do modo de trabalho *primário* do aparelho psíquico, abandonado devido à sua ineficácia. Aquilo que outrora dominava durante a vida de vigília, quando a vida psíquica ainda era jovem e inepta, parece ter sido banido para a vida noturna, mais ou menos assim como encontramos no quarto das crianças as armas primitivas abandonadas da humanidade adulta, o arco e a flecha. *O sonhar é uma parcela da vida psíquica infantil superada.* (p. 595, grifo do autor)

Mais adiante, na seção E deste mesmo capítulo, Freud retoma esses pontos fazendo algumas novas adições. Com o que foi exposto até aqui, o autor admite ser possível supor uma função intelectual inconsciente altamente complexa operando no aparelho psíquico não apenas durante o sonho, como também durante a vida de vigília, visto que o mesmo se apropriaria não apenas dos já citados desejos infantis, como também de restos diurnos – muitas vezes surprimidos – para a sua formação.

Freud (2012), assim, vai adiante em seu pensamento e afirma que os sistemas inconsciente e pré-consciente participariam conjuntamente da formação do sonho. O primeiro destes sistemas produziria pensamentos oníricos de uma maneira estranha, logicamente incorreta, em uma forma de elaboração psíquica anormal, enquanto o segundo daria origem a pensamentos oníricos semelhantes ao pensar normal, dotados de certa lógica.

Para que se compreenda melhor o funcionamento desses sistemas, é preciso retomar rapidamente as hipóteses freudianas sobre o desejo e o funcionamento do aparelho psíquico. Ao ser levado em consideração que principal função do aparelho psíquico consistiria na descarga da excitação, visto que qualquer acúmulo da mesma seria tido pelo aparelho como desprazer, o desejo e sua realização seriam um meio para o aparelho descarregar as excitações que o atormentam, livrando-se assim do desprazer. Dessa forma, a realização de desejo através da descarga da excitação por trás do mesmo estaria diretamente subordinada à

tendência fundamental do aparelho, que consistiria em manter-se em um estado de menor tormento proveniente do acúmulo de excitações possível. Tais descargas, logo, consistiriam em vivências de satisfação sentidas como prazer. Relacionado a isso, Freud (2012) aponta “que nada exceto um desejo é capaz de colocar o aparelho em movimento e que o fluxo de excitação dentro dele é regulado automaticamente pelas percepções de prazer e de desprazer” (p. 627).

O inconsciente, seguindo a tendência fundamental do aparelho, seria então regido pelo chamado *princípio do desprazer*, e o fato de as excitações nele presentes se encontrarem em estado livre, ou seja, sem nenhuma inibição, resultaria em uma tendência deste sistema de buscar descarregar tais excitações da maneira mais imediata possível. O primeiro desejar, com isso, teria dado origem a um *investimento alucinatorio* da lembrança de satisfação, investimento este que, por sua vez, se mostraria insuficiente para cessar toda a necessidade de descarga, visto que tal lembrança, embora alucinatoriamente investida, não corresponderia ao objeto real em si, mas sim a um objeto fantasiado.

.Devido a necessidade de descarregar apropriadamente tais excitações endógenas, como apontam Caropreso e Simanke (2006), uma segunda forma de atividade psíquica deveria entrar em cena, atividade esta que direcionaria a excitação para a motilidade voluntária, de forma a modificar o mundo externo em busca da *percepção real* do objeto de satisfação. Freud (2012) justifica esse ponto ao alegar que:

Assim, se tornou necessária uma segunda atividade – em nossa linguagem, a atividade de um segundo sistema – que não permitisse que o investimento mnêmico avançasse até a percepção e a partir dela ligasse as forças psíquicas, mas que conduzisse a excitação proveniente do estímulo de necessidade por um desvio que, enfim, passando pela motilidade voluntária, modificasse o mundo externo de tal maneira que a percepção real do objeto de satisfação pudesse entrar em cena. Até este ponto já seguimos o esquema do aparelho psíquico; os dois sistemas são o germe do que, sob a forma de Ics e Pcs, introduzimos no aparelho inteiramente formado (p. 627).

Modificar o mundo externo de maneira eficaz, portanto, exigiria que uma grande soma de experiências fossem acumuladas nos sistemas mnêmicos de forma com que o segundo sistema pudesse dispor deste material para sua utilização quando necessário. Uma certa quantidade de excitação, logo, deveria ser mantida no aparelho para com que tais atividades tivessem a energia psíquica necessária para sua realização de forma eficiente. Assim, enquanto o primeiro tipo de atividade psíquica estaria voltado para um livre escoamento das quantidades de excitação, o segundo se voltaria para a inibição e a regulação desse escoamento, de forma a empregar apenas a quantidade necessária para a modificação do mundo externo.

Como indicam Klein, Vertzman e Pacheco-Ferreira (2016), a excitação ficaria suspensa pela ação do segundo tipo de atividade psíquica até que muitos caminhos associativos tenham sido percorridos. Terminado este trabalho de inibição e regulação pelo segundo sistema, a excitação poderia, finalmente, escoar de forma mais apropriada pela via da motilidade. Esses dois tipos de processos corresponderiam aos sistemas Inconsciente e Pré-consciente e, a partir da diferenciação de atividades destes dois sistemas, é formulada oficialmente, então, a hipótese dos dois processos psíquicos:

Denominarei agora de *processo primário* o único processo psíquico admitido pelo primeiro sistema e de *processo secundário* aquele que resulta da inibição exercida pelo segundo. Ainda posso mostrar com relação a outro ponto para que fim o segundo sistema precisa corrigir o processo primário. O processo primário almeja a descarga da excitação para, com a quantidade de excitação assim acumulada, produzir uma *identidade perceptiva*; o processo secundário abandonou essa intenção e em seu lugar assumiu outra, a de conseguir uma *identidade de pensamento*. Todo o pensar é um rodeio que vai da lembrança de satisfação tomada como representação-meta até o investimento idêntico da mesma lembrança, que deve ser alcançado outra vez pela via das experiências motoras (FREUD, 2012, p. 630, grifo do autor).

O autor ainda deixa claro que, para além dos termos “primário” e “secundário” se referirem à hierarquia de tais processos, os mesmos também se referem às condições cronológicas com que se instauram e passam a agir no aparelho psíquico. Os processos primários estariam presentes no aparelho desde o início, enquanto os processos secundários se constituiriam gradativamente ao longo do desenvolvimento, inibindo e regulando os primários cada vez mais. O processo secundário, assim, se desenvolveria através da inibição cada vez mais potente do processo primário. Tudo aquilo que foi psiquicamente constituído antes da formação do processo secundário, ou seja, o real cerne de nosso ser, se manteria ilegível por este e, logo, seria inacessível aos investimentos feitos pelo pré-consciente e impassível de inibição pelo processo secundário, mas ainda assim reverberaria em todas as aspirações psíquicas posteriores.

Alguns traços mnêmicos, entretanto, poderiam ser desagradáveis ao aparelho psíquico devido a geração de desprazer que o escoamento de sua excitação através da percepção pudessem gerar. Seguindo a tendência do princípio do desprazer, o aparelho tentaria se afastar ao máximo possível destas lembranças de forma com que nenhum investimento de excitação viesse a ser atraído até a mesma. A única forma com que essa lembrança pudesse vir a ser investida seria se a liberação de desprazer advinda da mesma pudesse ser inibida. Entraria em

ação, neste caso, um mecanismo por Freud chamado de recalçamento², o qual teria como função impedir que o desprazer derivado da lembrança fosse gerado no momento em que a mesma fosse investida.

As moções de desejo oriundas do infantil, ou seja, presentes antes da chegada do processo secundário, também permaneceriam em um constante estado de recalçamento. Visto que o processo secundário não teria acesso a tais lembranças, o mesmo também não seria capaz de impedir a liberação do afeto à elas associado, e assim a realização de tais desejos entraria em contradição com as representações-meta do pensar secundário, o que acabaria, também, por resultar na geração de desprazer. Assim, Freud (2012) considera que “a existência de um patrimônio mnêmico infantil, subtraído desde o início ao Pcs, se torna a precondição do recalçamento” (p. 632).

Na seção final do Capítulo VII, Freud procura traçar mais enfaticamente uma ligação entre os estados inconsciente e consciente dos processos psíquicos ao retomar o que foi anteriormente desenvolvido neste capítulo. Para isso, o autor inicialmente aponta uma distinção entre dois tipos de processos psíquicos inconscientes, separados por dois diferentes sistemas de acordo com sua relação com um novo sistema, o *consciente*: um primeiro, que corresponderia ao inconsciente em si, logo insuscetível de consciência; e um segundo, o pré-consciente, que seria inicialmente inconsciente, porém suscetível de consciência e que funcionaria como uma espécie de anteparo entre o sistema inconsciente e o sistema consciente. Este, enfim, atuaria como “um órgão sensorial para a percepção de qualidades psíquicas” (FREUD, 2012, p. 643), excitável por qualidades internas e externas e desprovido de qualquer memória, assim como as extremidades perceptivas anteriormente citadas – sendo estas o ponto de contato da consciência com o mundo externo. Além disso, a consciência contribuiria com uma segunda e mais fina camada reguladora dos investimentos de excitação que a ela chegam.

De volta à teoria dos sonhos, agora no que se refere ao processo de pensamento em si, o mesmo seria desprovido de um aspecto qualitativo até o momento em que uma excitação de prazer ou desprazer o acompanhasse, associando-se a determinada lembrança. Analogicamente à censura existente entre o inconsciente e o pré-consciente, passaria a haver também uma censura entre o pré-consciente e o estado de consciência. Desta forma, um

² Embora tenhamos utilizado aqui o termo “recalçamento”, como foi utilizado na tradução adotada, outras traduções optam pelo termo “repressão” e suas derivações. A existente discussão relativa a tradução correta para *Verdrängung* não se mostra relevante para o presente trabalho, logo será utilizado o termo de acordo com a referência consultada – ambos possuindo o mesmo significado teórico.

desejo que levasse a um sonho conscientemente imoral, por exemplo, não indicaria que o sujeito seria de fato capaz de cometer tal ato, visto o mesmo não ter alcançado a consciência através de vias normais durante o período de vigília.

O que existe no inconsciente, muitas vezes, é intolerável demais para chegar por vias livres à consciência. O ato do pré-consciente de barrar o acesso de tais desejos à consciência, contudo, não os exclui do aparelho psíquico ou os destrói e, segundo Freud (2012), apenas o fato de os mesmo existirem para além da consciência já os tornam, de certa forma, reais. Começa a emergir, a partir deste ponto do pensamento freudiano, a importante ideia de uma *realidade psíquica*, na qual os desejos desconsideram o mundo externo e que foi formalmente inserida na edição revisada em 1909 (VERSIANI, 2001), ideia esta que será importantes tanto para o decorrer deste trabalho quanto para a obra de Ferenczi.

Os conceitos desenvolvidos por Freud no Capítulo VII inegavelmente repercutem em toda sua teoria posterior. A alocação do princípio do desprazer enquanto base do psiquismo é mantida durante toda a primeira tópica de sua obra. Os conceitos de processo primário e secundário, à este princípio diretamente relacionado, mostram-se novamente importantes, e são todos retomados e atualizados no texto “*Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*” (FREUD, 2010b).

2.1 FORMULAÇÕES SOBRE OS DOIS PRINCÍPIOS DO FUNCIONAMENTO PSÍQUICO – PRAZER E REALIDADE

Em “*Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico*” (FREUD, 2010b), ao considerar os processos psíquicos inconscientes como a base da psicanálise, Freud volta a afirmar que os mesmos consistem em processos primários. Tais processos seriam regidos pelo chamado princípio do prazer³ e teriam como objetivo final a descarga, da forma mais direta possível, da excitação que alcançasse o aparelho psíquico, sem levar em consideração a realidade. Os mesmos encontrariam-se presentes no organismo desde o início e atuariam de forma alucinatória, tal como ocorre nos sonhos, que seriam vestígios destes processos.

A partir de certo momento, porém, a satisfação não mais poderia ser alcançada pela via alucinatória, e o aparelho psíquico passaria a ter que levar a realidade do mundo externo em consideração, de forma que fosse capaz de transformá-lo para obter o objeto capaz de

³ Freud passa a denominar “princípio de prazer”, o que, no capítulo VII, fora denominado “princípio do desprazer”.

produzir a descarga da excitação. Como diz Freud (2010b), o “princípio de realidade” teria que substituir o “princípio do prazer”:

Com isso, foi introduzido um novo princípio de atividade psíquica; já não se imaginava o que era agradável, mas sim o que era real, ainda que fosse desagradável. Esse estabelecimento do *princípio da realidade* resultou ser um passo de enormes consequências (p. 83, grifo nosso).

O estabelecimento de um princípio de realidade exigiria que o modo de funcionamento primário, dominado pelo princípio do prazer, fosse inibido e que ocorressem, portanto, uma série de adaptações no aparelho psíquico⁴. Uma vez que os processos primários seriam regidos pelo o princípio do prazer, como explicara Freud no Capítulo VII de “*A Interpretação dos Sonhos*” (2012), é possível inferir que o princípio de realidade regeria os processos secundários – os quais possuiriam como característica a consideração da realidade externa. Esse último tipo de processo, ao longo do desenvolvimento, se sobreporia ao processo primário, no entanto, esses últimos não seriam suprimidos com a emergência do processo secundário, mas apenas seriam mantidos sob inibição, podendo voltar a prevalecer em fenômenos psíquicos tais como os sonhos.

No capítulo VII Freud fizera uma distinção entre a realidade psíquica e o mundo externo, a qual estará pressuposta no texto de 1911, assim como em toda a obra freudiana posterior. Embora naquele ponto o conceito de princípio de realidade ainda não estivesse presente em sua obra, a diferenciação entre a realidade do desejo e a realidade do mundo externo já era presente no pensamento do autor⁵. Freud (2012) aponta:

Não sei dizer se cabe reconhecer *realidade* aos desejos inconscientes. Naturalmente, cabe negá-la a todos os pensamentos intermediários e de transição. Depois que temos os desejos inconscientes diante de nós, em sua expressão última e mais verdadeira, deve-se dizer que a realidade *psíquica* é uma forma especial de existência [...] (pp. 647-648, grifo do autor).

De volta ao texto de 1911, Freud (2010b) aponta algumas alterações pelas quais o aparelho psíquico deveria passar no processo de sobreposição do princípio de realidade ao princípio do prazer. A primeira delas está relacionada ao fato de que quanto maior a significação do mundo externo, maior deve ser a significação dos órgãos dos sentidos e da consciência vinculada a eles. Assim o organismo se tornaria capaz de analisar o mundo de forma mais eficaz e, conseqüentemente, agir mais efetivamente sobre o mesmo. Três

⁴ Ao afirmar que essas adaptações seriam necessárias para que o princípio de realidade pudesse passar a atuar, Freud esclarece que sua compreensão do mesmo ainda é teoricamente incompleta. Ele afirma que “devido à nossa compreensão insegura ou insuficiente, podemos expor apenas por alto” (p.83).

⁵ Porchat (2005) aponta que a diferenciação entre mundo externo e mundo interno pelo sujeito também data desde o “*Projeto de uma Psicologia Científica*” (FREUD, 2003). Porém, como naquele texto as ideias de Freud sobre o funcionamento do aparelho psíquico e sua estruturação eram outras, não nos cabe aqui ir além de apontar que desde 1895 já haviam sementes desse campo do pensamento de Freud.

mecanismos são apontados por Freud para a realização dessa atividade, sendo eles a atenção, o juízo, e o pensamento. Estes três mecanismos foram também previamente abordados pelo autor em seu “*Projeto de uma Psicologia Científica*” (FREUD, 2003). Porchat (2005) aponta que, embora o modelo de aparelho psíquico presente no “*Projeto de uma Psicologia Científica*” não fosse igual ao modelo apresentado a partir de “*A Interpretação dos Sonhos*”, estes mecanismos tanto lá quanto aqui permanecem em sua função de levar em conta a realidade para um funcionamento mais eficiente do aparelho.

O mecanismo da atenção seria uma função especial que auxiliaria nesse constante exame do mundo externo, em conjunto a um sistema de registro que armazenaria os resultados desta atividade consciente – e que seria uma parte da memória. Ao invés de aguardar passivamente as impressões, a atenção iria ao encontro das mesmas. Quanto a esse mecanismo, Caropreso (2001) aponta que “o eu aprende que é necessário permanecer atento aos signos de qualidade resultantes das percepções, pois só assim a satisfação real pode ser obtida” (p. 35).

O juízo, por sua vez, tomaria o lugar da repressão, de forma que as ideias não fossem mais excluídas da consciência, mas sim aceitas ou rejeitadas, enquanto verdadeiras ou falsas, com base em traços de memória anteriores. Através do juízo, o aparelho psíquico poderia então atestar se determinada ideia estaria ou não de acordo com os traços de memórias referentes à realidade.

A descarga motora, por fim, não teria mais a função estrita de eliminação de estímulos como enquanto regida pelo princípio do prazer, mas sim passaria a ser utilizada para modificar adequadamente a realidade – o que seria possibilitado pelo processo do pensamento. A concepção de Freud relacionada ao processo do pensamento, como apontam Caropreso (2001, 2019) e Klein, Vertzman e Pacheco-Ferreira (2016), derivaria da vivência de satisfação e teria como modelo a satisfação da fome, na qual a criança passaria a seguir os caminhos – registros mnêmicos – já antes associados à representação da fome e do objeto que propiciou sua satisfação, pois esses se provaram bem-sucedidos. Em essência, consistiria então em “uma ação experimental em que são deslocadas quantidades menores de investimento, com menor dispêndio delas. Isso requeria uma conversão dos investimentos livremente deslocáveis em investimentos fixos, o que foi alcançado ao se elevar o nível de todo processo de investimento” (FREUD, 2010b, p. 84). Uma determinada atividade do pensamento, entretanto, ficaria sempre submetida ao princípio do prazer e livre do teste de realidade, sem sustentação no mundo real, sendo ela a fantasia.

Ao seguir adiante em suas considerações, Freud aponta que o princípio de realidade não alcançaria seu domínio sobre o princípio do prazer de uma só vez e nem de forma semelhante nos diferentes tipos de pulsões. Em relação às pulsões do eu, o princípio de realidade se imporia mais rapidamente, uma vez que as pulsões egoicas não poderiam ser satisfeitas a partir do princípio do prazer. Já as pulsões sexuais se submeteriam ao princípio de realidade mais vagarosamente, visto que elas se comportariam inicialmente de forma autoerótica e não se deparariam com a frustração decorrente da não consideração pelo mundo externo tão rapidamente como as pulsões do eu. Assim, as pulsões sexuais permaneceriam muito mais tempo sob o domínio do princípio do prazer. Segundo Freud (2010b), “a continuidade do autoerotismo é que torna possível se ater por tanto tempo à satisfação mais fácil com o objeto sexual, momentânea e fantástica, em lugar da satisfação real, que demanda força e adiamento” (p. 85). Como consequência, as pulsões sexuais se relacionariam com mais frequência à atividade da fantasia, enquanto as pulsões do eu com as atividades da consciência. O recalque, dentro desse contexto, manteria seu poder e sua principal característica - exclusão de afetos desprazerosos da consciência - no que se refere à fantasia, inibindo ideias logo após seu nascimento, antes mesmo que fossem notadas pela consciência.

Freud introduz, então, as hipóteses de um “Eu-de-prazer” e um “Eu-realidade”. O primeiro, seguindo os preceitos do princípio do prazer, não poderia fazer algo senão desejar. Assim, o Eu-de-prazer trabalharia especificamente para a evitação do desprazer através da obtenção do prazer. O segundo, seguindo os preceitos do princípio de realidade, buscaria apenas o que é útil ao aparelho, de forma a evitar danos ao aparelho e gastos imprudentes de energia com um desejo imediato, salvando-a para a realização posterior de um desejo mais certo e seguro de ser realizado. Um importante apontamento, então, é feito por Freud (2010b):

Na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo da realidade não significa a deposição do princípio do prazer, mas a sua salvaguarda. Abandona-se um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, para ganhar, no novo caminho, um prazer seguro, que virá depois (p. 86).

Visto isso, é possível concluir que o princípio de realidade não tem como função, de forma alguma, excluir ou anular o princípio do prazer e seus objetivos. O princípio de realidade, assim como o de prazer, visaria a evitação do desprazer, porém por meios mais garantidos e cautelosos, sempre considerando o mundo real que cerca o sujeito. O exemplo da fome, presente no “*Projeto de uma Psicologia Científica*” (FREUD, 2003) ilustra bem o que é exposto por Freud aqui. Devido às tentativas sem sucesso de conseguir que o outro lhe sirva seu alimento sempre que necessário, visto que aquele que a alimenta nem sempre está presente, a criança passa a ter que desenvolver estratégias cada vez mais elaboradas para que

ela própria consiga satisfazer sua necessidade de se alimentar com maior base no que o mundo externo lhe oferece. Assim, a fome e sua necessidade satisfação permanecem, porém a criança passa a ter que traçar meios cada vez mais cautelosos e garantidos para suprir tal necessidade de uma forma que gaste menos energia e através de meios cada vez mais certos e seguros.

Duas outras atividades do ser humano teriam importância direta no processo de transição e relação entre os dois princípios, sendo elas a educação e a arte. A educação se encontraria presente e diretamente ativa na passagem de um princípio ao outro, ao agir como forma de incentivo à passagem do princípio do prazer para o de realidade, como, por exemplo, nos prêmios de amor oferecidos pelo educador à criança. A arte, por sua vez, ofereceria uma espécie de reconciliação entre os dois princípios. Por não poder renunciar à satisfação de suas pulsões através da realidade, o artista poderia, por meio da fantasia, satisfazê-las através de sua obra, transformando-as em um novo tipo de realidade. A apreciação da arte de um pelos outros, com isso, seria resultado da insatisfação de cada com a renúncia que o real exige.

Ainda no que se refere a transição do Eu entre o Eu-de-prazer e o Eu-realidade, Freud coloca que as pulsões sexuais estariam passando por suas próprias mudanças, que as levariam do autoerotismo inicial ao amor objetal. Nesse ponto, Freud supõe que esses dois cursos de desenvolvimento passariam por etapas e que a fixação em alguma poderia determinar a escolha da neurose posterior. As características temporais desses desenvolvimentos seriam importantes, no entanto, segundo o próprio Freud, necessitariam mais estudos futuros relacionados ao “possível retardamento de um em relação ao outro” (2010b, p. 87). Tal hipótese sobre a relação entre etapas do desenvolvimento e a escolha da neurose é posteriormente retomada e trabalhada, de forma mais detalhada, por Sándor Ferenczi em seu texto “*O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus Estágios*” (1916c), que será retomado.

Freud (2010b) esclarece também que os processos inconscientes seriam imunes à prova da realidade. Os mesmos, primários, desinibidos, alucinatórios, não precisariam da mesma para seguir seu objetivo. O autor afirma que adviria daí a dificuldade de distinguir fantasias inconscientes de lembranças inconscientes. As fantasias, além disso, não deveriam ter seu papel subestimado na formação dos sintomas, visto que o fato de não serem reais, no sentido estrito da palavra, não anularia o poder inconsciente das mesmas. Para a eclosão de uma neurose, um sentimento de culpa neurótico teria o mesmo peso do que o de uma culpa embasada na realidade.

Aqui, novamente, é possível ver a diferenciação entre realidade material e realidade psíquica, brevemente abordada por Freud no final do Capítulo VII de “*A Interpretação dos Sonhos*” (2012), o que será de grande importância tanto na obra posterior de Freud quanto para a psicanálise como um todo. Segundo Freud (2010b), “temos a obrigação de usar a moeda vigente no país que investigamos, no caso a moeda neurótica” (p. 87).

No fim do texto, Freud (2010b) admite que o mesmo consiste em um estudo inicial, “mais preparatório do que conclusivo” (p. 88), e ainda com suas lacunas e deficiências. As contribuições deste rápido texto para a metapsicologia freudiana, porém, são nítidas e sua influência pode ser percebida em trabalhos posteriores tanto do próprio Freud como de outros autores. Um destes autores foi Ferenczi que, em 1913, dois anos após a publicação do texto freudiano sobre os dois princípios do funcionamento psíquico e sob forte influência do mesmo, publica “*O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus Estágios*”.

3 O DESENVOLVIMENTO DO SENTIDO DE REALIDADE

Ferenczi, concomitantemente a Freud, estava se aprofundando não apenas nos aspectos clínicos de sua própria prática psicanalítica, como também em uma teorização metapsicológica – esta última bem menos explorada por pesquisadores que posteriormente se interessaram pelo autor, como aponta Caropreso (2019). Herzog e Pacheco-Ferreira (2015) e Kupermann (2019) apontam também a presença de um interesse especial de Ferenczi pelos primeiros anos do desenvolvimento psíquico e pelas relações precoces do ego com seus objetos primários.

No texto “*O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus Estágios*” (FERENCZI, 1916c), Ferenczi formula uma rica teoria sobre o pensamento e o desenvolvimento do sentido de realidade, a qual parte de premissas freudianas, mas vai além dessas. O autor comenta que, embora Freud tenha formulado uma teoria sobre a passagem do princípio de prazer ao princípio de realidade, ele “não deixa respondida a questão de se o desenvolvimento da segunda forma de atividade mental pela primeira acontece gradualmente ou em uma série de etapas” (FERENCZI, 1916c, p. 182). Essa é a questão que ele busca responder em seu texto. Ferenczi formula uma teoria de acordo com a qual o psiquismo passaria por uma série de estágios, ao longo dos quais a onipotência seria gradualmente abandonada dando lugar a uma percepção mais realista do mundo externo.

A formulação da teoria freudiana do segundo dualismo pulsional, assim como outras hipóteses introduzidas por Freud na década de 1920, tiveram influência direta sobre a teoria de Ferenczi. No texto “*O Problema da Afirmação do Desprazer*” (FERENCZI, 1927), ele continua desenvolvendo suas hipóteses sobre a aquisição do sentido de realidade a partir da consideração dos conceitos freudianos de pulsão de morte e negação, assim como de uma maior consideração pelas bases biológicas do psiquismo.

Nesse capítulo, abordaremos as hipóteses elaboradas no texto “*O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus Estágios*” (FERENCZI, 1916c), de forma a apresentar as primeiras formulações de Ferenczi sobre o tema para que, posteriormente, seja possível compreender e analisar criticamente seus desdobramentos na obra do autor.

Através da análise de alguns pacientes que sofriam de neurose obsessiva, sob a ótica de um estudo de caso de Freud sobre a mesma⁶, Ferenczi (1916c) pôde constatar e reafirmar algumas

⁶ Aqui, Ferenczi refere-se ao caso do “homem dos ratos” (p. 182). Tal estudo de caso pode ser encontrado em “*Observações Sobre um Caso de Neurose Obsessiva*” (FREUD, 2013).

características especiais deste quadro, como a sensação de onipotência do pensamento obsessivo – por exemplo, de que algo ruim acontecerá se o próprio sujeito não realizar essa ou aquela ação – assim como o exacerbado distanciamento da realidade concreta que esse quadro demonstra através desses processos. Os pacientes viam-se compelidos a pensar e performar as mais diversas ações e rituais, mesmo que a experiência concreta e a razão refutassem a real eficácia de tais pensamentos e ações. Ao considerar que tais pensamentos obsessivos ilógicos seriam substitutos de moções de desejo logicamente corretas, mas recalçadas, Ferenczi julga importante voltar-se primeiramente ao problema de por qual razão essas manifestações ocorrem dessa forma.

De acordo com o autor, a neurose obsessiva seria caracterizada por uma regressão a um estágio infantil do desenvolvimento psíquico no qual os processos de inibição, adiamento, e elaboração do pensamento ainda não haviam se interposto entre o desejo e a ação, o que por conseguinte resultaria no sentimento de onipotência dos pensamentos presente na mesma. Ferenczi (1916c) explica:

Uma parte da vida mental, mais ou menos removida da consciência, permanece com o paciente obsessivo nesse estágio infantil – como mostra a análise –, em consequência de uma detenção no desenvolvimento (fixação), e faz o desejar equivalente ao agir pois, apenas por conta do recalçamento, da distração da atenção, essa parte recalçada da vida mental não foi capaz de aprender a diferença entre as duas atividades, enquanto o próprio ego, que se desenvolveu livre do recalçamento e cresceu sábio pela educação e pela experiência, pode apenas rir dessa equivalência dos dois. Daí, a discordância interna do paciente obsessivo, a ocorrência inexplicável da lucidez e da superstição lado a lado (p. 184, tradução nossa).

A partir disso, Ferenczi levanta a questão sobre em que parte do desenvolvimento psíquico, exatamente, a criança adquiriria a capacidade de conceber pensamento e ação como semelhantes, de forma a melhor rastrear a origem da sensação de onipotência e, assim, traçar o desenvolvimento do ego partindo do princípio do prazer rumo ao princípio de realidade. Como resultado, ele identifica uma série de estágios do desenvolvimento psíquico com características específicas pelos quais a criança passaria durante o processo de sobreposição do segundo princípio sobre o primeiro.

Ferenczi (1916c) aponta que haveria um período no desenvolvimento humano em que os desejos da criança seriam realizados não apenas de forma alucinatória, como propusera Freud com suas hipóteses sobre o princípio do prazer, mas também de forma fatural e efetiva. Tal período corresponderia à vida intra-uterina do bebê, visto que nela a necessidade de modificação do mundo externo seria nula, pois o corpo da mãe automaticamente forneceria tudo que o bebê necessitasse, sem o mesmo ao menos precisar desejar ou considerar a realidade. De forma a defender este como o primeiro período psíquico da vida mental,

Ferenczi (1916c) afirma que “seria insensato acreditar que a mente só inicia o seu funcionamento no momento do nascimento” (p. 186), e acrescenta que esse funcionamento seria totalmente inconsciente. Portanto, a primeira impressão mental de todo ser humano seria a de completa onipotência. Tem-se então o primeiro estágio, nomeado por Ferenczi de “*Período de onipotência incondicional*”. Como esclarece Kupermann (2019), essa impressão de tudo se ter e nada desejar “seria, a um só tempo, a gênese e o destino almejado pelo princípio do prazer” (p. 102).

A experiência do nascimento, conseqüentemente, não seria imune de repercussões psíquicas para a criança. Sua vida mental após nascer apresentaria uma continuidade com os processos psíquicos intra-uterinos e os traços desses processos teriam influência em todo o material psíquico produzido após o nascimento. Ferenczi comenta que a observação de um recém-nascido permite perceber uma série de perturbações que o acometem e de adaptações pelas quais precisa passar, como se adaptar ao barulho e à temperatura. O ato do cuidador de imediatamente cobrir o bebê, tampar seus olhos, ouvidos, e aquecê-lo, consistiria em uma tentativa de simular novamente as condições em que o mesmo se encontrava no útero. Ferenczi (1916c) cita, em nota, uma observação de Freud a respeito da angústia, de acordo com a qual as sensações do bebê durante o nascimento possivelmente evocariam o primeiro afeto de angústia, o qual seria o precursor de todas as sensações de angústia posteriores. A criança, dessa forma, desejaria sempre reencontrar-se na situação de ausência de perturbações e, logo, desejos, que uma vez vivenciara dentro do útero.

Agora vivenciando a realidade do mundo externo e fora do corpo da mãe, o bebê passaria a não ter mais suas necessidades instantaneamente satisfeitas, o que teria como consequência os choros e gritos diante de estímulos internos ou externos perturbadores. Nessa fase inicial, o bebê não possuiria uma ideia formada sobre a diferenciação das realidades interna e externa, como aponta Caropreso (2019). Considerando a presença de um cuidador atento, ao menor sinal de perturbação da criança, o mesmo rapidamente já a livraria do estímulo perturbador, o que fortaleceria a sensação de onipotência da criança. Ferenczi (1916c) argumenta que, nesse momento, a satisfação do desejo ocorreria de forma totalmente alucinatória para a criança, tal como descrito por Freud (2012). Ele retoma Freud e aprofunda:

Nós podemos supor, apoiados nas considerações que Freud expôs na parte geral de “*A Interpretação dos Sonhos*”, que a primeira consequência dessa perturbação é a reocupação alucinatória da situação de satisfação que é perdida, a existência despreocupada no aquecido e tranquilo corpo da mãe. O primeiro impulso de desejo da criança, portanto, não pode ser outro que retomar esta situação. O curioso é que – pressupondo que a criança seja

normalmente cuidada – essa alucinação é de fato realizada (FERENCZI, 1916c, p. 188, tradução nossa).

Assim, até o presente momento da vida psíquica, a sensação subjetiva de onipotência da criança alterou-se apenas em pequeno grau, visto que tudo o que ocorre no processo de realização do desejo é um investimento alucinatório do mesmo através da imaginação de sua satisfação, sem a necessidade de nenhuma modificação direta do mundo externo por parte da criança. Tem-se aqui, dessa maneira, o segundo estágio do desenvolvimento do sentido de realidade, intitulado “*Período de onipotência mágico-alucinatória*”.

O sono e os sonhos seriam uma retomada desse período da vida psíquica. Essa consideração vai ao encontro do que foi anteriormente tratado por Freud no Capítulo VII (FREUD, 2012) de que os sonhos seriam uma retomada de uma época da vida ainda regida inteiramente pelos processos primários. Para ambos os autores, porém, a satisfação dos desejos por meio alucinatório rapidamente se mostraria insuficiente e a consideração da realidade externa teria de ser impulsionada.

Uma vez que o mundo externo não responderia sempre imediatamente ao desejo da criança, de forma que essa continuaria vivenciando um desprazer por um certo período de tempo, surgiria a necessidade de encontrar novas maneiras de alcançar a realização do desejo. Assim, a criança se encontraria em uma nova condição em que a emissão de sinais, através do aparelho motor, se tornaria cada vez mais necessária para que seu desejo pudesse ser identificado e atendido pelo cuidador. Surgiria, então, uma primeira falha no modelo alucinatório de satisfação do desejo. Enquanto anteriormente os atos de chorar ou debater-se, por exemplo, consistiam apenas em descargas motoras descoordenadas, agora seriam utilizados como sinais mágicos indicando determinada perturbação. Ferenczi aponta uma complexidade crescente no desejo e, respectivamente, no que é necessário para que sua satisfação seja alcançada:

Notemos como a onipotência dos seres humanos passa, com o aumento na complexidade dos desejos, a depender, cada vez mais de “condições”. Estas manifestações eferentes logo tornam-se insuficientes para provocar o estado de satisfação. À medida que os desejos tomam formas cada vez mais especiais com o desenvolvimento, eles demandam sinais progressivamente mais especializados (FERENCZI, 1916c, pp. 190-191, tradução nossa).

Com essa nova necessidade da realização de gestos mais controlados e elaborados, a criança ingressaria em um terceiro estágio, chamado por Ferenczi de “*Período de onipotência pela ajuda de gestos mágicos*”. Em relação a esse processo, Kupermann (2003, 2019) indica que duas forças, logo, contribuem para o desenvolvimento e amadurecimento psíquico. De um lado, tem-se a crescente ousadia dos desejos; de outro a potência adversa do mundo externo.

Esse aumento na complexidade dos desejos, contudo, não seria isento de consequências. À medida que as condições para a satisfação do desejo aumentam, o número de vezes em que tais desejos não são satisfeitos aumentam também, o que provocaria uma defasagem na eficácia dos gestos mágicos. O mundo externo passaria a ter que ser levado ainda mais em consideração, de forma que as barreiras entre o desejo e sua satisfação pudessem ser mais bem identificadas e superadas. Uma ruptura na sensação de unidade entre o ego e o mundo externo, então, se faria necessária para que o último pudesse ser melhor compreendido. Tendo isso em vista, Ferenczi (1916c) diferencia entre duas fases de desenvolvimento do ego: uma *fase de introjeção*, na qual as experiências estariam todas incorporadas no ego, e uma *fase de projeção*, na qual o mundo externo seria considerado. A primeira corresponderia aos estágios de onipotência e a segunda ao estágio de realidade.

Antes de avançarmos mais no desenvolvimento do sentido de realidade, é necessário que nos detenhamos momentaneamente no conceito *introjeção*, visto que tal mecanismo se desenvolveria cedo no psiquismo e participaria ativamente tanto no processo de desenvolvimento do ego quanto no de sentido de realidade.

Em “*Transferência e Introjeção*” (FERENCZI, 1916a), o autor indica que, diferentemente do paranóico que projeta suas emoções no mundo externo ao atribuir a ele o que, na verdade, pertence ao próprio ego, através de um mecanismo chamado *projeção*, o neurótico procura incluir em si uma parte tão grande quanto possível do mundo externo e a transforma em fantasias, tanto conscientes quanto inconscientes. Nisso consiste o mecanismo de *introjeção*. O neurótico, dessa forma, estaria sempre em busca de objetos de identificação, atraindo tudo o que pode do mundo externo para sua esfera de interesses, ou seja, introjetando-os. Tais processos mentais, por sua vez, se encontrariam em todo sujeito com funcionamento psíquico normal e seriam exacerbados nas patologias⁷.

De acordo com Ferenczi (1916a), o recém-nascido inicialmente experimentaria tanto os estímulos externos quanto os internos de forma monista. Entretanto, ao passo em que a criança fosse conhecendo coisas que não se submetessem imediatamente ao seu desejo, o monismo seria convertido em dualismo, à medida em que a criança expulsasse os objetos da massa de suas próprias percepções para, assim, formar uma percepção do mundo externo, em oposição ao ego, que antes era total. Ferenczi chama tal processo de “*projeção primitiva*” e

⁷ Herzog e Pacheco-Ferreira (2015) apontam que, posteriormente, a clínica mostraria à Ferenczi que existem introjeções possíveis e impossíveis para o neurótico, de acordo com a sua teoria sobre o trauma.

argumenta que, durante o mesmo, a criança passa cada vez mais a transformar seus afetos subjetivos em sensações objetivas.

No entanto, uma parte do mundo externo não se deixaria expulsar completamente do ego e o mesmo seria compelido a reabsorver tal parte e incluí-la novamente em si. O primeiro ódio e o primeiro amor, por conseguinte, aconteceriam graças ao fenômeno da transferência, que nesse processo teria seu nascimento a partir da transmissão do prazer ou desprazer autoerótico ao objeto responsável por evocá-los. Segundo Ferenczi (1916a), ambos consistiriam nas chamadas “transferências primordiais”, as quais seriam o modelo de toda introjeção posterior⁸.

Embora esteja sendo relatado o nascimento do processo de introjeção como pensado por Ferenczi, preferimos não utilizar aqui o termo “introjeção primitiva”, como encontrado na tradução do texto para o português (FERENCZI, 1991b), visto tanto na tradução para o inglês (FERENCZI, 1916a) quanto na versão original em alemão (FERENCZI, 1909) tal processo psíquico ser referido como “primordial transference” (*Urübertragungen*). Ainda assim, embora Ferenczi não fale nominalmente em uma “introjeção primitiva”, neste exato termo, e sim em uma “transferência primordial”, é de fato ao processo de nascimento da introjeção e sua relação com a transferência e os objetos externos que o autor está falando nesse ponto.

Assim, como interpreta Bastos (1993), seria a partir da impositiva realidade externa que o ego passaria a reconhecer e diferenciar tanto um mundo externo quanto um mundo interno. Vertzman e Pacheco-Ferreira (2008) compartilham desse raciocínio e concluem que, para Ferenczi, o investimento objetal poderia se dar apenas a partir de uma fusão do ego com partes do mundo. Dessa forma, o ego passaria a poder tanto incluir o mundo em si quanto incluir-se no mundo.

A concepção de *introjeção*, elaborada por Ferenczi em 1909, corresponde ao que é desenvolvido em seu texto de 1913 e permite complementar sua compreensão dos processos psíquicos iniciais. No entanto, parece haver uma contradição no que se refere à ordem de instauração desse processo no psiquismo. Em 1909, o autor pontua que a “transferência primitiva”, considerada por ele a raiz de todas as introjeções, ocorreria após a “projeção primitiva”, como uma forma de retenção de uma parte do ego que não seria projetada no mundo externo. No texto sobre o sentido de realidade, contudo, ele afirma que as fases introjetivas viriam inicialmente e, apenas após o início da separação entre o ego e o mundo

⁸ Estas não enquanto características da neurose, mas também enquanto a intensificação de processos mentais normais. Segundo Vertzman e Pacheco-Ferreira (2008), a relação objetal, como concebida por Freud, seria uma etapa seguinte à introjeção ferencziana.

externo, teriam início as fases projetivas do desenvolvimento psíquico. Dessa forma, parece haver uma modificação teórica no que se refere à ordem de tais processos, embora a função de ambos permaneça a mesma⁹.

De volta ao texto de 1913, Ferenczi aponta que a criança passa, após o *Período de onipotência pela ajuda de gestos mágicos*, por um *período animista* na apreensão da realidade. Durante este período, a criança, que precisaria contentar-se em dispor de apenas uma parte do mundo, o ego, passaria a investir no mundo externo qualidades encontrada nela própria, de forma a encontrar no mesmo coisas presentes em seu próprio ego.

Dessa forma, seriam estabelecidas as mais íntimas relações simbólicas entre o corpo e o mundo objetivo. Nesse estágio, por um lado, a criança veria no mundo apenas representações de sua corporalidade, por outro, ela aprenderia a representar corporalmente a diversidade do mundo externo, aperfeiçoando a realização de gestos, por exemplo. Com isso, um importante passo seria dado no desenvolvimento psíquico da criança, visto que agora a mesma já diferenciaria o mundo externo de si e seria capaz de expressar desejos mais complexos, que exigem, para sua realização, alterações específicas no mundo externo.

Após a passagem por esse período animista, e a partir dos desenvolvimentos psíquicos por ela alcançados, uma das novas formas que a criança encontraria de utilizar o corpo para melhor expressar as especificidades de seu desejo é pela fala. No texto original em alemão, Ferenczi (1913) utiliza o termo “*sprache*”, o qual Ernest Jones traduz por “*speech*” (FERENCZI, 1916c). Como Ferenczi, neste ponto do texto, está tratando especificamente do processo de reprodução de sons e formação de palavras, preferimos adotar o termo “fala” ao invés do termo “linguagem”, que é utilizado na tradução para o português e pode levar o leitor à concepções mais amplas que a fala (FERENCZI, 1992). É importante ressaltar que, em um ensaio anterior, Ferenczi (1916b) já havia considerado o desenvolvimento gradual da fala como uma forma mais efetiva e econômica de representação do desejo. O que o autor faz agora é desenvolver essa ideia e inseri-la em sua teoria sobre o sentido de realidade. Iniciando com a imitação de sons e barulhos, Ferenczi (1916c) argumenta que a capacidade da fala gradativamente substituiria a utilização de gestos. Isso tornaria possível para a criança representar uma maior multiplicidade de objetos e processos relativos ao mundo externo, com maior precisão e menor dispêndio de energia.

⁹ Uma discussão mais completa acerca da relação do conceito de introjeção com as primeiras relações objetais e seus desdobramentos pode ser encontrada na seção “*Relações afetivas precoces: da introjeção à ternura*” presente no artigo “O uso do afeto na obra de Sándor Ferenczi” (VERTZMAN; PACHECO-FERREIRA, 2008).

Novamente retomando um ponto abordado por Freud em “*A Interpretação dos Sonhos*” (2012), Ferenczi comenta que é de forma concomitante ao desenvolvimento da linguagem que a consciência se instalaria no psiquismo. As representações de palavras, ao se associarem às representações inconscientes dotariam essas de qualidades sensoriais, possibilitando, assim, a rememoração consciente. A partir disso, Ferenczi (1916c) aponta que “o pensamento consciente por meio de signos verbais é a maior realização do aparelho psíquico e sozinho faz o ajustamento à realidade possível através do retardamento da descarga motora reflexa e da liberação do desprazer” (p. 195). A sensação de onipotência, porém, ainda seria parcialmente preservada pela criança, visto que o cuidador seguiria buscando compreendê-la e satisfazer seus desejos o mais rapidamente possível.

Através desse desenvolvimento do pensamento consciente e da fala, a criança ingressaria em um novo estágio, chamado “*Período de pensamentos mágicos e palavras mágicas*”. É a este estágio que Ferenczi finalmente atribui o retorno psíquico do paciente acometido pelos sintomas da neurose obsessiva. Como comentamos, esse questionamento foi um dos motivos que o incitou, inicialmente, a realizar esta investigação, tendo em vista compreender a onipotência tanto dos pensamentos quanto das palavras presentes nos rituais e ações obsessivas¹⁰, característica essa atípica na vida psíquica adulta.

Como apontado por Freud em “*Formulações*” (2010b) e retomado por Ferenczi (1916c), seria através da separação psíquica dos pais – o que variaria consideravelmente de sujeito para sujeito – que o princípio do prazer encontraria o fim de seu domínio. O triunfo do princípio de realidade, por sua vez, viria através do pensamento científico e da conclusão, por parte do sujeito, de que a onipotência de seus desejos e pensamentos seria agora dissolvida em diversas condições interpostas pelo mundo entre seu ego e a situação de satisfação do desejo. Ferenczi (1916c) aponta que “o sentido de realidade encontra seu zênite na ciência, enquanto a ilusão de onipotência vivencia aí sua maior humilhação: a onipotência anterior dissolve-se em meras ‘condições’.” (p. 197).

Embora no texto sobre o sentido de realidade Ferenczi não fale claramente do período científico enquanto um estágio, mas apenas enquanto um triunfo do princípio de realidade, em “*O Problema da Afirmação do Desprazer*” (FERENCZI, 1927), o autor retoma esse ponto e considera que o mesmo seria o último estágio do desenvolvimento do sentido de realidade. Além de apontar o abandono da ilusão de onipotência como característica do mesmo, o autor também acrescenta que nele os processos de introjeção e projeção passariam a ser

¹⁰ Ferenczi aponta também que essa característica exerceria grande influência na superstição, nas práticas mágicas e em cultos religiosos.

complementares, fatores que viriam a permitir que o mundo externo viesse a ser devidamente reconhecido e experienciado. Diz ele:

Em termos psicanalíticos, eu chamei a primeira fase de todas, na qual o ego existe sozinho e inclui em si todo o mundo de experiência, de período de introjeção; a segunda fase, na qual a onipotência é atribuída a poderes externos, de período de projeção. O último estágio do desenvolvimento poderia, então, ser pensado como o estágio no qual ambos os mecanismos são empregados em medidas iguais e em mútua compensação (FERENCZI, 1927, p. 373, tradução nossa).

Moreno e Coelho Junior (2013) resumem bem esse processo de transição de um princípio ao outro ao indicar que o mesmo implicaria em um paradoxo: enquanto experimentar a onipotência permitira a emergência de desejos mais e mais elaborados, atrelado a isso viria a necessidade de abandonar essa própria onipotência de forma a realizá-los.

Ferenczi (1916e) ressalta que o cientista deve ter cautela, de modo a não deixar que seus afetos inconscientes distorçam sua percepção da realidade e, logo, da ciência. Com isso, recomenda ser preferível que os cientistas se submetam ao processo de análise para garantir que suas investigações não sejam submissas a algum afeto regido pelo princípio do prazer. Seria apenas através do domínio psíquico do princípio de realidade que o cientista poderia se deixar levar o menos possível pela ilusão de onipotência e, assim, reconhecer as limitações humanas trazidas, muitas vezes, pelas descobertas da ciência, assim como suportar a dor as acompanham.

Para Ferenczi, como ressalta Bastos (1993), o princípio de realidade é que permitiria ao psiquismo a capacidade do pensar consciente. Ao retormarmos as concepções de Freud sobre os processos primário e secundário, podemos encontrar semelhanças no que se refere à esses processos psíquicos e o desenvolvimento do sentido de realidade no ego para Ferenczi. Uma vez que os três primeiros estágios do desenvolvimento do sentido de realidade seriam essencialmente alucinatórios, podemos classificá-los como pertencentes ao período psíquico dominado pelos processos primários e seu regente, o princípio do prazer. À medida em que os processos secundários, tal como concebidos por Freud, se instauram no psiquismo devido à falha do meio alucinatório como forma de satisfação, o princípio de realidade sobrepõe-se ao princípio do prazer. Assim, é possível classificar os dois últimos estágios do desenvolvimento do sentido de realidade apontados por Ferenczi – *pensamentos e palavras mágicas* e *científico* – já como pertencentes ao período psíquico dominado pelos processos secundários, visto ser ao primeiro deles que Ferenczi atribui a emergência da linguagem e do pensar consciente.

Uma diferenciação, porém, se daria entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais¹¹. Segundo Freud (2010b), enquanto as pulsões do eu passariam pelo processo acima descrito, por serem pulsões de auto-preservação e possuírem maior dependência da realidade externa para serem satisfeitas, as pulsões sexuais, inicialmente auto-eróticas, ficariam muito mais tempo sob o domínio do prazer. Assim, para Ferenczi (1916c), enquanto as pulsões do eu rapidamente passariam a experimentar as frustrações relativas ao mundo externo, as pulsões sexuais permaneceriam no “período de onipotência incondicional” até o fim do período autoerótico. Dessa forma, dois estágios são diferenciados pelo autor no que se refere à onipotência das pulsões sexuais: o auto-erotismo e o narcisismo. Ferenczi (1916c) argumenta que, mesmo após a entrada do sujeito na fase do erotismo objetal, o narcisismo, como Freud aponta em “*Formulações*” (2010b), não desapareceria completamente do psiquismo. Tendo isso em vista, o autor aponta que “no que se refere ao amor, nós podemos conservar a ilusão de onipotência por toda a vida” (FERENCZI, 1916c, p. 199). Diferentemente das pulsões do eu, logo, as pulsões sexuais ficariam muito mais tempo submetidas ao princípio do prazer e nunca seriam totalmente dele desassociadas.

As pulsões do eu, não obstante, também encontrariam suas formas de manter parte de sua ilusão de onipotência após a instauração do princípio de realidade. Através da arte – dos contos de fada, por exemplo – seria possível que todos os desejos impossibilitados pela realidade externa do mundo pudessem ser, de certa forma, realizados, e o estado de onipotência, pelo menos artisticamente, recuperado.

Tendo em vista tudo o que foi acima citado, o desenvolvimento do sentido de realidade consistiria em uma adaptação necessária e gradual do ser humano ao mundo externo. Ferenczi (1916c) resume:

Em geral, o desenvolvimento do sentido de realidade é representado por uma sucessão de recalcamientos, às quais a humanidade foi compelida, não por “sacrifícios rumo ao desenvolvimento”, mas por necessidade, por um ajustamento a uma renúncia demandada. O primeiro grande recalcamiento faz-se necessário pelo processo de nascimento, o qual certamente ocorre sem qualquer cooperação ativa, sem nenhuma “intenção” por parte da criança. O feto permaneceria muito melhor por mais tempo dentro do útero sem qualquer perturbação, mas é cruelmente trazido ao mundo e precisa esquecer (recalcar) os tipos de satisfação aos quais havia se afeiçoado, e se ajustar aos novos. O mesmo jogo cruel é repetido em cada novo estágio do desenvolvimento (pp. 200-201, tradução nossa).

¹¹ Cabe lembrar que, neste ponto, estão sendo avaliados textos referentes apenas à primeira tópica freudiana. Com a formulação da segunda tópica, vários conceitos e hipóteses serão posteriormente revistos pelos autores e tratados no presente trabalho de forma a permitir uma melhor compreensão dos diferentes pontos de suas teorias metapsicológicas.

Finalizam-se então as colocações de Ferenczi acerca da passagem do princípio de prazer ao princípio de realidade presentes no artigo aqui analisado. Likierman (2012) sumariza a conclusão principal desse artigo com base na escolha dos termos adotados pelo autor. Falar no desenvolvimento de um “*sentido* de realidade” indica que o indivíduo, embora necessite reconhecer cada vez mais a realidade externa, não chega a conseguir experienciá-la de forma total e completamente pura. Assim, em cada nova fase superada, tenta-se alcançar o máximo de um “sentido” de realidade possível, ainda que a ilusão de onipotência encontre uma forma de retornar.

Essa ideia vai ao encontro da consideração feita por Kupermann (2003, 2019) de que o sentido de realidade se desenvolve não apenas pelas frustrações impostas à realização do desejo, mas também pelas aquisições promovidas pela busca a essa realização. Segundo o autor, “a própria constituição pulsional humana é, também, criadora de uma vontade que faz com que o psiquismo não se acomode definitivamente a nenhuma aquisição já efetuada” (KUPERMANN, 2003, p. 100). Dessa maneira, é possível pensar que quanto mais barreiras ao desejo o mundo externo colocar, mais o sujeito poderá encontrar meios para transpô-las.

As adições realizadas por Ferenczi à metapsicologia nesse primeiro artigo sobre o sentido de realidade não passaram despercebidas, sendo positivamente reconhecidas também por Freud, que considerou o artigo “o melhor e mais significativo de todos dentre os que o Sr. [Ferenczi] colaborou para a psicanálise” (FREUD, FERENCZI, 1994, p. 189). Freud fez apenas algumas observações acerca das colocações de Ferenczi acerca da escolha de neurose¹², posteriormente corrigidas para que ambas as teorias ficassem de acordo.

É importante lembrar que o ego ainda estaria sujeito apenas às pulsões de autoconservação nesse momento da teoria, como esclarece Kupermann (2003). Com a formulação da segunda teoria pulsional por Freud (2010a), a teoria de Ferenczi sobre a aquisição do sentido de realidade passará por modificações que serão tratadas a seguir, assim que alguns pontos do novo dualismo pulsional estejam compreendidos.

¹² Embora este ponto não tenha sido diretamente tratado no presente trabalho por esquivar-se do tema principal, Ferenczi atribui à cada estágio do desenvolvimento uma categoria psicopatológica. Além de Freud sugerir correções sobre essas hipóteses, o próprio Ferenczi diz considerá-las iniciais e inconclusivas ao apontar que “ainda será necessário muito trabalho até que os pontos de fixação de todas as neuroses possam ser estabelecidos com a devida certeza” (FERENCZI, 1916c, p. 200).

4 ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER

Em 1920, Freud publica “*Além do Princípio do Prazer*” (2010a), texto no qual a hipótese do segundo dualismo pulsional é introduzida. As pulsões, que até então eram divididas em pulsões sexuais e pulsões de autoconservação (ou pulsões do eu) vão, ao longo do texto, sendo gradualmente incluídas no âmbito das pulsões de vida e uma nova classe é proposta: as pulsões de morte.

Esse processo de reformulação, entretanto, não é nada simples e não se limita apenas à teoria das pulsões. Muitos pontos da primeira tópica freudiana são reelaborados, alguns novos conceitos são introduzidos e outros, há muito abandonados, retomados, como apontam Caropreso e Simanke (2008). A questão do novo dualismo pulsional, por exemplo, só é explicitamente abordada em um ponto bem avançado do texto, como comenta Figueiredo (1999). Monzani (1989) ressalta também o caráter labiríntico de “*Além do princípio do prazer*”, que apresenta oscilações em seus próprios conceitos à medida em que eles vão sendo apresentados, deixados de lado, e reapresentados sob um novo ângulo.

Tendo em vista o propósito do presente trabalho, é importante analisar algumas hipóteses do texto em questão que serão importantes para a compreensão da teoria de Ferenczi sobre o desenvolvimento do sentido de realidade. Dentre elas, encontram-se novas formulações relacionadas ao funcionamento do princípio do prazer, a compulsão à repetição que dele escaparia e o caráter regressivo da recém estabelecida pulsão de morte.

Freud (2010a) inicia o primeiro capítulo de seu texto afirmando que está presente, na teoria psicanalítica, a suposição de que o curso dos processos psíquicos é regulado automaticamente pelo princípio do prazer. Essa primazia, entretanto, é rapidamente colocada em questão:

Mas devemos assinalar que, a rigor, não é correto dizer que o princípio do prazer domina o curso dos processos psíquicos. Se assim fosse, a grande maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada de prazer ou conduzir ao prazer, quando a experiência geral contradiz energeticamente essa ilação. O que pode então suceder é que haja na psique uma forte tendência ao princípio do prazer, à qual se opõem determinadas forças ou constelações, de modo que o resultado final nem sempre corresponde à tendência ao prazer (FREUD, 2010a, p. 123).

É a partir dessa suspeita de que algo se opõe ao princípio do prazer, ou ao menos que estaria *além* do mesmo, que Freud começa a levantar as hipóteses de seu texto. A existência de desprazer, por si só, não seria ainda um motivo para que se supusesse algo além, visto ela mesma ser necessária para que se obtenha prazer através da descarga das excitações. Vale

lembrar, inclusive, que o “princípio do prazer” fora inicialmente batizado como “princípio do desprazer”, no Capítulo VII de “*A Interpretação dos Sonhos*” (2012). Com isso, Freud (2010a) comenta alguns casos em que o desprazer seria admitido, mas que, ainda assim, o domínio do princípio do prazer não estaria sendo colocado em jogo.

O primeiro caso consiste na sobreposição do mesmo pelo princípio de realidade, por influência das pulsões de autoconservação e da instauração dos processos secundários. Tal princípio impõe aceitação de certo desprazer temporário com o objetivo de assegurar um prazer futuro, no entanto, o princípio de realidade não contraria a tendência à evitar o desprazer, mas sim garante sua maior eficácia.

O segundo fenômeno abordado é o dos conflitos pulsionais e cisões que ocorrem no aparelho psíquico e que conduzem à repressão. Os conteúdos relacionados a esses conflitos, por serem incompatíveis com as exigências do eu, são excluídos da consciência, de forma que a possibilidade de satisfação dos mesmos é inibida. Embora o retorno, direto ou substitutivo, deste conteúdo reprimido produza desprazer, não é possível afirmar que nesse processo o princípio do prazer é contrariado, visto que o objetivo inicial era descarregar a excitação, ou seja, obter prazer. Freud (2010a) afirma que “todo desprazer neurótico é desse tipo, é prazer que não pode ser sentido como tal” (p. 124).

Tais exemplos, como aponta Figueiredo (1999), apenas revelam a força do princípio do prazer em atingir suas metas. São responsáveis, contudo, apenas por uma parcela do desprazer sentido em condições normais.

Freud (2010a), seguindo adiante, levanta a questão de por que, nas neuroses traumáticas, os sonhos muitas vezes voltam ao momento do trauma, o que leva o sonhador a despertar aterrorizado. Levando em consideração a função original do sonho e o domínio do princípio do prazer, o sonho deveria levar à uma realização de desejo, como resgatar um momento anterior ao evento traumático ou criar a fantasia de um contexto de cura. Nesse ponto do texto, entretanto, o autor não responde essa questão, adiando-a até que mais alguns pontos sejam levantados. Ele passa a tratar das brincadeiras infantis, mais especificamente do hábito de um garoto de jogar um carretel de linha e, em seguida, trazê-lo de volta. Essa brincadeira, segundo o autor, poderia ser interpretada como um jogo de desaparecimento e reaparição. Ela representaria uma conquista cultural para a criança, que passaria, através da renúncia da satisfação imediata de seu desejo de estar com a mãe, a aceitar seu desaparecimento e celebrar seu retorno. Dessa forma, encenaria tal vivência através da brincadeira com o carretel ou outros objetos ao seu alcance. Apesar da vivência desprazerosa do desaparecimento, essa brincadeira, a princípio, estaria em conformidade com o domínio do

princípio do prazer devido a seu desfecho prazeroso. Em alguns casos, entretanto, apenas o primeiro ato da brincadeira – o desaparecimento – era performado. Dado que a obtenção de prazer viria no segundo ato da brincadeira – a reaparição –, levanta-se a questão de qual seria o ganho prazeroso na realização apenas do primeiro.

Freud (2010a), a princípio, argumenta que isso poderia se dever à passagem de uma posição passiva a uma oposição ativa, ou seja, apesar do desprazer gerado pelo desaparecimento do carretel, um prazer seria obtido com o fato da ação ser realizada pela própria criança. Uma segunda hipótese consiste em um possível desejo de vingança da mãe por sua ausência; a criança estaria vingando-se de um substituto. Essas hipóteses permitem interpretar esse fenômeno como não estando em oposição ao princípio do prazer. É traçado também um paralelo com a vida dos adultos ao comentar que o teatro trágico, por exemplo, embora forneça experiências dolorosas, é tido como fonte de prazer. O autor conclui, então, que “sob o domínio do princípio do prazer há meios e caminhos para tornar objeto de recordação e elaboração psíquica o que é em si desprazeroso” (p. 130).

Ao retomar os vinte e cinco anos de prática psicanalítica, Freud (2010a) chega ao primeiro conceito que explicitamente desafiará diretamente o domínio do princípio do prazer: a *compulsão à repetição*. Embora no texto o autor atrele predominantemente a emergência desse conceito à sua clínica, ao fenômeno da transferência e às neuroses de destino – neuroses que levam o sujeito a reviver sempre os mesmos fracassos – Caropreso e Simanke (2006) apontam que a ideia metapsicológica por trás da compulsão à repetição já estava presente, mesmo que de forma não completamente idêntica, no “*Projeto para uma Psicologia*” (2003).

Segundo Freud (2010a), durante o processo de análise, o paciente reviveria conteúdos há muito tempo reprimidos no inconsciente. O recalque e a resistência a esses conteúdos não seriam obras do inconsciente, mas sim do Eu, o que faria com que a compulsão tivesse sua origem no próprio inconsciente e dele irrompesse. Dessa forma, as resistências do Eu consciente e pré-consciente estariam a serviço do princípio do prazer e as eventuais admissões de desprazer ao princípio de realidade. Contudo, Freud observa que experiências desprazerosas desde suas origens são repetidas na análise por via da transferência e conclui que esse fenômeno escapa ao objetivo e escopo do princípio do prazer:

Nenhuma dessas coisas podia proporcionar prazer naquele tempo; seria de crer que hoje produziriam menor desprazer se emergissem como lembranças ou em sonhos, em vez de se configurarem como novas experiências. Trata-se, naturalmente, da ação de instintos que deveriam levar à satisfação, mas não trouxe frutos a lição de que também naquela época eles produziram somente desprazer. A ação é repetida, apesar de tudo; uma compulsão impele a isso (FREUD, 2010a, p. 133-134).

A partir desses fenômenos o autor defende, então, a possibilidade de considerar algo anterior, que se sobrepõe ao princípio do prazer, e relaciona a isso os exemplos relacionados aos sonhos traumáticos e as brincadeiras infantis. Esta última, agora ligada à compulsão à repetição, não estaria exclusivamente sob os efeitos da mesma, sendo admitidas também as explicações anteriormente apresentadas.

Freud (2010a) faz um importante apontamento ao considerar que a hipótese da compulsão à repetição parece “mais primordial, mais elementar, mais instintual do que o princípio do prazer” (p. 135). Quanto aos sonhos traumáticos, é então apontado que eles serviriam, também, a um propósito anterior à ação do princípio do prazer. A ocorrência desses sonhos, além de uma exceção à tese de que os sonhos são apenas realizações de desejo, faz com que seja possível visualizar “uma função do aparelho psíquico, que, sem contrariar o princípio do prazer, é independente dele e parece *mais primitiva* que a intenção de obter prazer e evitar desprazer” (FREUD, 2010a, p. 143, grifos nossos). Portanto, uma “nova” função do sonho, anterior ao princípio do prazer – e *além* dele – passa a ser admitida, como observa Monzani (1989): “é preciso convir que a fórmula fundamental da elaboração onírica deve ser restrita: os sonhos são realizações de desejos a partir do momento em que o princípio do prazer passa a dominar o aparelho psíquico” (p. 173). Quando, após o predomínio desse princípio, tais sonhos ainda ocorressem, a função original dos sonhos estaria sendo retomada.

É apenas após a exposição dessas ideias que Freud (2010a) começa a adentrar propriamente no terreno das pulsões. O autor comenta que o organismo dispõe de camadas protetoras contra os estímulos de origem externa, ao contrário do que ocorre em relação às excitações internas, de forma que, em cada um dos casos, a reação diante da recepção de estímulos seria diferente. As excitações de origem endógena consistiriam no que Freud denomina “pulsões” do organismo, as quais, segundo ele, seriam os elementos mais importantes e obscuros da pesquisa psicológica. A compulsão à repetição, presente desde antes da emergência do princípio do prazer, teria como objetivo controlar essas excitações ainda enquanto processos primários. A cada repetição a excitação se encontraria mais e mais ligada – como uma representação teatral trágica que, a cada vez que é assistida, tem o efeito emocional reduzido.

Figueiredo (1999) aponta que, enquanto as excitações endógenas crescem, se acumulam, e são descarregadas sem desafiar a própria estrutura do aparelho psíquico, elas ficam sob o domínio dos princípios do prazer e de realidade. Porém, quando há um excesso de excitação não ligável por estes princípios, a compulsão à repetição mostra-se mais nitidamente em seu domínio na tentativa de ligar tais excitações. Assim, haveria no organismo

uma espécie de tendência de retorno a um estado anterior, ausente de desprazer. Freud (2010a) aprofunda:

Aqui se nos impõe a ideia de que viemos a deparar com uma característica geral dos instintos, talvez de toda a vida orgânica, que até agora não foi claramente reconhecida ou, pelo menos, explicitamente enfatizada. *Um instinto seria um impulso, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior*, que esse ser vivo teve de abandonar por influência de perturbadoras forças externas, uma espécie de elasticidade orgânica ou, se quiserem, a expressão da inércia da vida orgânica (p. 148).

A tendência de retornar a um estado anterior à perturbação seria, logo, o que se encontraria no cerne das pulsões – hipótese essa que já havia sido apresentada como uma tendência fundamental do funcionamento mental no “*Projeto para uma Psicologia*” (DAL MOLIN; COELHO JÚNIOR; CROMBERG, 2019). No entanto, nesse momento, Freud (2010a) não limita essa tendência ao aparelho psíquico e sustenta que esse caráter repetitivo estaria presente em toda a vida orgânica. Um aspecto filogenético também estaria presente. Rudge (2006) nota que Freud, embora ancorando-se na biologia em determinados momentos, procura também não deixar as evidências clínicas de lado em seu texto, de modo que não se negue a história da espécie, e nem deixe a prática psicanalítica sem suas ferramentas.

Para Freud (2010a), tal caráter regressivo das pulsões colocariam em questão, por sua vez, o desenvolvimento humano e uma suposta tendência ao progresso. A isso, o autor atribui a influência de pressões externas, perturbadoras, que impelem a vida a um desvio. O ser vivo primordial não visaria evoluir, mas sim se manter em seu curso de vida. Freud argumenta que tal impulso ao progresso seria, inclusive, contrário à natureza conservadora das pulsões. Isso foi bem observado por Figueiredo (1999) ao comentar que, na concepção freudiana, o ser vivo sempre mudaria “[...] sob a pressão de fatores externos, e conservaria essas mudanças para uma repetição futura. É sempre a um antigo estado de coisas que o organismo vivo tenderia a retornar, tendo de lá sido tirado pelas forças perturbadores externas” (p. 84).

Esse estado seria a morte, o estado máximo de ausência de perturbações. Freud (2010a), argumenta que o inanimado existiu antes do vivente, de forma que, em última instância, “[...] o objetivo de toda a vida é a morte” (p. 149). A primeira pulsão, desse modo, teria sido a de retornar exatamente a este estado, mas as circunstâncias externas teriam feito com que a vida desse cada vez mais voltas em torno deste objetivo central. É a partir desse ponto que o novo dualismo pulsional – *pulsões de vida e pulsões de morte* – passa a ser explicitamente abordado. Freud acaba concluindo que a preservação da vida não se deve apenas à ação dos estímulos externos, pois existe ao lado das pulsões de morte outra classe de pulsões que trabalha no sentido da preservação e do desenvolvimento da vida.

Freud (2010a) inicia toda essa discussão, como observam Caropreso e Simanke (2008), com o que ele acredita escapar à tendência geral para a morte – ao menos em parte: as pulsões sexuais. As células germinativas manifestariam uma espécie de luta contra a morte, conservando a substância viva por mais tempo. As pulsões sexuais, dessa forma, também conservariam a vida por um maior período de tempo ao assegurar a fusão das células germinativas. A essa antiga classe de pulsões – e as de autoconservação, a partir de certo momento – que Freud atribui a denominação de “*pulsões de vida*”.

Tal nome é atribuído devido ao fato de essas pulsões agirem “contra a intenção dos outros instintos que, devido à sua função, conduzem à morte” (FREUD, 2010a, p. 151). Haveria, assim, uma tendência oscilante entre os dois tipos de pulsões: enquanto um grupo avançaria ao incitar o organismo a atingir a meta final da vida o mais rápido possível, o outro regrediria, de forma a prolongá-la.

Como vimos, Freud apresentara anteriormente a hipótese de que toda pulsão apresentaria uma tendência a regressar a um estado anterior, o que conduz à questão a respeito de o quê a pulsão sexual visaria repetir.

O primeiro campo ao qual Freud (2010a) recorre para buscar tal resposta é a biologia. A partir de alguns estudos realizados por biólogos como August Weismann (1834-1914), conclui em um primeiro momento que o que se opõe à morte não é a fusão de células germinativas e sua reprodução, especificamente, mas sim o contato entre dois corpos e o aumento de estimulação neles gerado. Ainda assim, a questão de a qual estado as pulsões sexuais visariam retornar permanece sem resposta.

Por raciocínio lógico, o estado primordial dessas pulsões que visam o contato entre dois corpos seria um suposto estado de fusão, no qual todos os organismos, segundo Freud (2010a), estariam unidos de forma indiferenciada. No surgimento da vida, a pulsão de morte visaria voltar ao inorgânico e a pulsão de vida visaria retomar tal estado unificado. Entretanto, como observam Caropreso e Simanke (2008), Freud reconhece que a biologia não possui dados suficientes para embasar essa hipótese, e que não é possível responder com segurança a questão sobre o que as pulsões sexuais visam repetir.

Em uma última tentativa de encontrar algum suporte, Freud (2010a) recorre à filosofia, mais especificamente a Platão e Aristófanos. Embora ali encontre apoio para suas hipóteses sobre um estado primordial unificado e a tentativa de recuperá-lo através de uma nova fusão de organismos, não é possível encontrar o embasamento científico necessário em metáforas filosóficas e a questão fica sem uma resposta definitiva. Tais pontos acerca do estado inicial

da vida e sua influência nas pulsões também serão posteriormente abordados com especial interesse por Ferenczi (1993, 1927), como será visto mais adiante.

As pulsões de autoconservação, em determinado momento, também passam a fazer parte das pulsões de vida. Essas, a princípio, são incluídas por Freud (2010a) no âmbito das pulsões de morte. Tal questão também exige maior atenção. Ao colocá-las no domínio da pulsão de morte, Freud inicialmente comenta que as pulsões de autoconservação seriam apenas pulsões parciais, que assegurariam que o organismo se guiasse para a morte à sua própria maneira. Ao trabalhar a favor da morte, elas, de certa forma, preservariam a vida, como fica claro no exemplo da fome, no qual, movida pelo desejo de descarregar a excitação que gera o desprazer da fome – a qual está de acordo com a tendência básica da pulsão de morte –, a criança executa uma ação que acaba por preservar a vida. (CAROPRESO; SIMANKE, 2006). Assim, em um primeiro momento no texto, Freud considera que apenas as pulsões sexuais – convertidas em pulsões de vida – escapam da tendência à morte.

Freud (2010a), como visto anteriormente, rejeita uma tendência natural humana ao progresso. O autor aponta que há, de fato, uma inegável direção ao desenvolvimento, ainda que acidental, favorecida pelas pulsões de autoconservação. Ele argumenta que tal desenvolvimento consiste em meras adaptações exigidas pelo mundo externo que, muitas vezes, impeliriam inclusive à uma regressão. Em suas palavras:

Para muitos de nós pode ser difícil abandonar a crença de que no próprio homem há um impulso para a perfeição, que o levou a seu atual nível de realização intelectual e sublimação ética e do qual se esperaria que cuidasse de seu desenvolvimento rumo ao super-homem. Ocorre que eu não acredito em tal impulso interior e não vejo como poupar essa benevolente ilusão. A evolução humana, até agora, não me parece necessitar de explicação diferente daquela dos animais, e o que observamos de incansável ímpeto rumo à perfeição, numa minoria de indivíduos, pode ser entendido como *consequência da repressão instintual em que se baseia o que há de mais precioso na cultura humana* (FREUD, 2010a, p. 152-153, grifo nosso).

Nessa passagem, novamente, o predomínio de uma tendência do organismo ao regresso, e não ao progresso, é enfatizada. É importante notar que as hipóteses nela contidas estão de acordo, a nosso ver, com o que fora constatado por Ferenczi (1916c) no texto sobre o sentido de realidade já abordado. A repressão das pulsões e o desenvolvimento impulsionado pela necessidade de adaptação à realidade externa, e não uma tendência natural para o progresso, se mostra como um elemento central nas ideias de ambos os autores. A diferença consiste no fato de que, enquanto Ferenczi sustenta que a onipotência original é o estado ao qual se aspira regressar, Freud considera o inanimado como o estado ao qual o funcionamento mental visaria retornar. Como aponta Figueiredo (1999), o caminho para a perfeição no pensamento freudiano, seria apenas mais um caminho para a morte.

Freud (2010a), contudo, muda de ideia quanto à classe das pulsões de autoconservação ao reconhecer a influência do narcisismo e seu caráter libidinal. Ao investir o próprio eu com libido e dar ao mesmo um lugar entre os objetos sexuais, o chamado “narcisismo”, Freud nota que as pulsões de autoconservação também possuiriam um caráter sexual – ao menos em parte, como notam Caropreso e Simanke (2008) e Monzani (1989). Dessa forma, torna-se difícil sustentar que as pulsões sexuais e as pulsões de auto-conservação pertencem a duas classes de pulsões diferentes. Freud, então, inclui a pulsão de autoconservação no âmbito da pulsão de vida, juntamente com as pulsões sexuais. Contudo, com a realocação das pulsões de autoconservação na classe das pulsões de vida, surge a necessidade de encontrar alguma outra manifestação da pulsão de morte.

A primeira hipótese que Freud (2010a) levanta é a de que a agressividade seria uma manifestação da pulsão de morte. Essa hipótese se mostraria condizente com o caráter dualístico da teoria das pulsões, visto que culminaria em uma dualidade entre amor (pulsão de vida) e ódio (pulsão de morte). Tal dualidade, como indicam Caropreso e Simanke (2008), já havia sido proposta por Freud como uma das grandes polaridades psíquicas no ano de 1915¹³. Muito se sabe, porém, sobre a íntima relação entre sexualidade e agressividade, o que torna demasiadamente simples a solução apresentada. Um instinto sádico que visa ferir o objeto, ainda assim, não poderia advir de Eros, mesmo que atue a seu lado, o que leva Freud (2010a) a concluir que, dessa forma, “[...] estará satisfeita a exigência de oferecer o exemplo de um – deslocado, é certo – instinto de morte” (p. 164).

Com a insuficiência da explicação encontrada no sadismo, Freud (2010a) retoma a questão do masoquismo, pulsão parcial complementar ao sadismo que consiste em uma reversão do sadismo para o próprio Eu. O autor, que anteriormente rejeitara a existência de um masoquismo primário, passa agora a defender essa ideia, e acrescenta que a volta do instinto contra o próprio Eu seria também uma forma de regressão a um estado anterior do mesmo¹⁴. O ódio, dessa forma, seria uma manifestação legítima da pulsão de morte e, através do masoquismo, exerceria também seu caráter regressivo. Monzani (1989) faz uma importante observação ao comentar que o fenômeno do masoquismo era observado por Freud claramente em sua prática clínica e, ao trazê-lo aqui como evidência, ele evita criar ainda mais especulações puramente teóricas. Esse comentário sobre o ancoramento do masoquismo na

¹³ “*Os Instintos e Seus Destinos*” (Freud, 2010c).

¹⁴ Uma tendência à autodestruição já era observada por Sabina Spielrein desde seu texto “*A Destruição como Origem do Devir*” (2014), como elucidado por Freud em uma nota de rodapé ao final de “*Além do Princípio do Prazer*” e destacado por Caropreso (2017) e Dal Molin, Coelho Junior e Cromberg (2019).

clínica é semelhante ao de Rudge (2006). Esta autora aponta que o masoquismo era a maior fonte de resistência ao tratamento analítico na clínica de Freud naquele momento. Figueiredo (1999), além de ressaltar o valor clínico de tal conceito, resalta também sua importância metapsicológica.

De modo a reafirmar a importância dessa nova classificação, ainda oscilante em suas justificativas, Freud (2010a) então propõe um novo princípio do funcionamento psíquico, para além dos dois já existentes. De modo tímido e utilizando a expressão da psicanalista Barbara Low (1877-1955), Freud cita – ainda entre parênteses nesse texto – o princípio de Nirvana¹⁵, o qual consistiria em “[...] uma tendência dominante da vida psíquica, talvez da própria vida dos nervos, de diminuir, manter constante, abolir a tensão interna dos estímulos” (p. 165). A pulsão de morte, logo, seguiria tal tendência originária da vida psíquica. Mais adiante, Freud aprofunda sua hipótese sobre em que consistiria essa tendência e a qual função ela serviria:

Vamos distinguir entre função e tendência de maneira mais aguda do que fizemos até agora. O princípio do prazer, então, é uma tendência que se acha a serviço de uma função, à qual cabe tornar o aparelho psíquico isento de excitação, ou conservar o montante de excitação dentro dele constante ou o menor possível. Ainda não podemos nos decidir por nenhuma dessas concepções, mas notamos que a função assim determinada participaria do universal empenho de todos os viventes: retornar à quietude do mundo inorgânico (FREUD, 2010a, p. 170).

Ao final do texto, Freud (2010a) faz uma importante afirmação que leva a uma última contradição – ou reformulação. O princípio do prazer, que até o momento servira como um guardião da vida em suas metas, passa a estar a serviço da pulsão de morte. Monzani (1989) aponta um “paradoxo do prazer” (p. 200), no qual de um lado pode ser entendido que o princípio do prazer guardaria a vida na medida em que ele seria o responsável por equilibrar a energia anímica no organismo para um funcionamento ideal, como um herdeiro do princípio de constância presente no “*Projeto de uma psicologia científica*”. Por outro lado, tal tendência seria expressa pela descarga total das excitações internas em vista do zero de estímulos, o que levaria ao prazer extremo e, por definição e consequência, também à morte. Freud (2010a) comenta:

Também nos chama a atenção que os instintos de vida tenham bem mais a ver com nossa percepção interna, pois se apresentam perturbando a paz, trazendo tensões cuja eliminação é sentida como prazer, enquanto os instintos de morte parecem realizar seu trabalho discretamente. *O princípio do prazer parece mesmo estar a serviço dos instintos de morte*; é certo que vigia também os estímulos de fora, avaliados como perigosos pelas duas espécies de instintos, mas sobretudo os aumentos de estímulos a partir de

¹⁵ O “princípio de Nirvana” é mais profundamente abordado em textos posteriores da obra de Freud. Para mais detalhes sobre seu funcionamento, ver “*O Problema Econômico do Masoquismo*” (FREUD, 2011b).

dentro, que chegam a dificultar a tarefa de viver. A isto se relacionam inúmeras outras questões, que atualmente não é possível responder. Temos de ser pacientes e aguardar novos meios e oportunidades de investigação. E permanecer dispostos a abandonar um caminho que trilhamos por algum tempo, se ele parece não conduzir a algo de bom. (p. 171, grifo nosso).

É nesse ponto que Freud encerra seu texto. As discussões nele presentes são posteriormente retomadas em textos futuros. Para o propósito do presente trabalho, por sua vez, é suficiente que esteja claro como elas se apresentam especificamente em “*Além do Princípio do Prazer*”. As hipóteses referentes ao retorno ao inorgânico, à repetição, à pulsão de morte e ao desenvolvimento adaptativo são desenvolvidas de forma mais aprofundada por Ferenczi em “*Thalassa*” (1993) e em “*O Problema da Afirmação do Desprazer*” (1927).

Assim como enfatizam Dal Molin, Coelho Junior e Cromberg (2019), muitos dos pontos trazidos por Freud em “*Além do princípio do prazer*” já podiam ser vistos anteriormente no pensamento de Ferenczi, ainda que com suas próprias particularidades. Desde o texto de 1913, Ferenczi explicitamente defendera a existência de uma tendência regressiva no psiquismo. A ideia de um estado de paz que seria atormentado é, inclusive, por ele referida com o uso do termo “*todestrieb*” (pulsão de morte), ainda que de maneira completamente informal, em uma correspondência de Ferenczi a Ernst Jones em 25 de Setembro do mesmo ano¹⁶. Após a formulação oficial do conceito de pulsão de morte por Freud, Ferenczi também incorpora o termo em sua teoria, mas ainda assim segue desenvolvendo suas próprias ideias em relação à tendência regressiva e como a mesma se relaciona com os princípios do prazer e de realidade. Essa intertextualidade, como aponta Figueiredo (1999), fica ainda mais clara ao se analisar “*Thalassa*” (FERENCZI, 1993) mais detalhadamente.

Com tudo o que foi acima apresentado e os conceitos e impasses trazidos à teoria psicanalítica em “*Além do Princípio do Prazer*” é possível agora abordar as ideias, originais em muitos aspectos, desenvolvidas por Ferenczi em “*Thalassa*”.

¹⁶ Correspondência 4F. Erös, Szekacs-Weisz e Robinson (2013).

5 THALASSA

Em 1915, ao traduzir para o Húngaro os “*Três Ensaios sobre uma Teoria da Sexualidade*” de Freud, Ferenczi começou a levantar suas primeiras hipóteses referentes ao que nove anos depois, em 1924, viria a ser lançado com o nome de “*Thalassa: Ensaio sobre uma Teoria da Genitalidade*” (FERENCZI, 1993). Muitas das hipóteses presentes nesse texto de Ferenczi também relacionam-se ao sentido de realidade e ao desejo de regressão. A inserção da pulsão de morte por Freud em “*Além do Princípio do Prazer*” (FREUD, 2010a) altera a forma com que ambos os autores se aproximam do estudo sobre o processo de adaptação à realidade. Seu caráter regressivo vai ao encontro da concepção ferencziana de retorno a um estágio da vida de total ausência de desprazer, embora os meios e finalidades dessa tendência variem em determinados pontos.

5.1 CONTEXTO, DESENVOLVIMENTO E ELABORAÇÃO

“*Thalassa*”, de nenhuma forma, é um texto simples. Câmara e Herzog (2018) apontam que a ideia inicialmente era escrever uma série de “ensaios bioanalíticos”, que formariam certo parentesco com os “ensaios metapsicológicos” que Freud vinha escrevendo. O projeto não foi para frente e, assim, Ferenczi optou por, futuramente, juntar as ideias que ali estariam contidas e lançá-las em um ensaio maior, unificado. De acordo com Figueiredo (1999), a audácia das ideias presentes nesse texto foi um dos fatores que levou Ferenczi a adiar em anos sua publicação. A insuficiência de bases científicas para suas hipóteses, muitas delas relativas ao âmbito da biologia, além de também contribuir para o adiamento, fez com que o autor publicasse uma versão com alguns dados biológicos revisados em 1928 – a que utilizaremos no presente trabalho.

Além de se aprofundar em conceitos psicanalíticos já consolidados, Ferenczi também apresenta em “*Thalassa*” (1993) uma série de ideias originais, expande a psicanálise ainda mais para os campos da biologia, fisiologia e zoologia, e chega a propor um novo método de pesquisa – o utraquismo. Utraquismo, do latim *uterque*, “um e outro”, sugere a mescla de dois campos diferentes do saber, em uma forma de retroalimentação conceitual. Conceitos de uma área são aplicados à outra, e vice-versa. Honda (2018) nota que Ferenczi utiliza esse termo em diversos de seus textos para designar não apenas o método que guiará a análise das questões por ele apresentadas, mas também demonstra através dele sua própria perspectiva sobre a

evolução da psicanálise e da teoria do psiquismo¹⁷. No caso de “*Thalassa*”, tais campos consistem especificamente na psicanálise e na biologia.

As ideias que deram origem a esse texto de Ferenczi foram, mais de uma vez, apresentadas pessoalmente pelo mesmo a Freud, quem encorajou que tal trabalho fosse publicado. Um trabalho de autoria conjunta que uniria a psicanálise a concepções lamarckistas veio a ser cogitado, o chamado “Projeto Lamarck” (FIGUEIREDO, 1999). Tal projeto, contudo, nunca veio a ser concluído devido à dificuldade de se trabalhar tais temas, sua natureza controversa, e reservas do próprio Freud em relação à publicação do mesmo. Todavia, um rascunho de 1915 assinado pelo mesmo e intitulado “*Visão de conjunto das neuroses de transferência*” foi posteriormente encontrado em meio a correspondências dos dois autores e publicado postumamente, na década de 1980 (HONDA, 2018). Apesar desses impasses, Ferenczi, como se sabe, acaba por levar suas hipóteses adiante de maneira individual, culminando no livro de 1924. “*Thalassa*”, dessa forma, pode ser visto como um herdeiro desse projeto (MAIRENO, 2017).

No necrológio escrito por Freud (2010d) após o falecimento de Ferenczi, “*Thalassa*” é qualificado como o melhor e mais rico trabalho do autor. Freud admite ter estado a par das ideias por trás do texto antes de sua publicação e comenta:

Esse pequeno livro é antes um estudo biológico do que psicanalítico, uma aplicação dos pontos de vista e percepções próprios da psicanálise à biologia dos processos sexuais e até mesmo à vida orgânica em geral, talvez a mais audaciosa aplicação da psicanálise que jamais se tenha feito. Seu fio condutor é a ênfase na natureza conservadora dos instintos, que buscam restabelecer todo estado que tenha sido abandonado devido a uma perturbação externa [...] (p. 276).

Visto isso, outro ponto importante trazido por Figueiredo (1999) e Dal Molin, Coelho Junior e Cromberg (2019) consiste na cronologia das ideias que foram desenvolvidas no texto de Ferenczi e em sua intertextualidade com Freud. O texto, lançado em 1924 e revisado em 1928, teve suas ideias base situadas entre os anos de 1915 e 1919. No entanto, nele existem referências, por exemplo, ao conceito de pulsão de morte, o qual só foi introduzido na psicanálise em 1920, com o lançamento de “*Além do Princípio do Prazer*” (FREUD, 2010a). Assim, é preciso ter atenção ao fato de que, embora o texto de Freud anteceda “*Thalassa*” e nele seja eventualmente citado, as ideias do último são, ao menos em essência, anteriores ao primeiro. Essa cronologia pode ser vista nas cartas entre Ferenczi e Ernst Jones. Em 1915, Ferenczi escreve dizendo já estar pensando em problemas “no limite entre psicologia e biologia” (ERÖS; SZECAKS-WEISZ; ROBINSON, 2013, p. 69). Em 1923, escreve

¹⁷ Segundo Honda (2018), a primeira vez que Ferenczi utiliza o termo “*utraquismo*” é no texto “*Matemática*”, de 1920. Esse texto, entretanto, só veio a ser publicado postumamente, em 1938.

novamente a Jones, e também a Freud, avisando que não poderá comparecer a um congresso em Oxford por estar ocupado com “*Thalassa*” (ERÖS; SZECAKS-WEISZ; ROBINSON, 2013, p. 89).

O termo e a ideia de “regressão” são um ponto chave aqui, visto que, embora tratado por Freud enquanto uma característica da pulsão de morte, ele já está presente no pensamento ferencziano desde o texto de sobre o sentido de realidade, publicado em 1913. Como comenta Figueiredo (1999) sobre a obra de Ferenczi, a regressão “é decisiva para a compreensão dos trabalhos que ele assina e, em particular, é decisiva na composição de *Thalassa*” (p. 132). Dal Molin, Coelho Junior e Cromberg (2019) também consideram central o papel que a ideia de regressão a um estado anterior possui em ambos os textos.

O próprio Freud, em determinado momento, comenta que muitas ideias discutidas por ele e Ferenczi durante a década de 1910 acabaram por ir parar, de forma mais elaborada, em textos assinados individualmente por um ou pelo outro (FREUD, 2010d). Embora não diga especificamente quais ideias ou quais textos, dadas as evidências acima trazidas e a atenção que ambos os autores dão aos correlativos biológicos e à tendência regressiva, é possível inferir que o mesmo estivesse se referindo, dentre outras, às ideias presentes tanto em “*Além do Princípio do Prazer*” quanto em “*Thalassa*”.

Tendo como ponto de partida o que foi inicialmente desenvolvido por Freud nos “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*” acerca do desenvolvimento da genitalidade, o conteúdo do texto de Ferenczi vai muito além delas. Tendo em vista essas informações, analisaremos as ideias apresentadas em “*Thalassa*”. Procuraremos esclarecer como Ferenczi (1993) avança em sua teoria acerca do desenvolvimento do sentido de realidade; como as ideias presentes em “*Thalassa*” contribuem para suas hipóteses sobre adaptação, regressão e como estas se relacionam com as hipóteses apresentadas por Freud em “*Além do Princípio do Prazer*”.

5.2 A ADAPTAÇÃO À REALIDADE

O interesse de Ferenczi pelos aspectos biológico, evolutivo e adaptativo dos fenômenos psíquicos, que agora se manifesta como uma proposição metodológica assumida, já pode ser visto em sua teoria sobre o sentido de realidade desde “*O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e Seus Estágios*” (1916c). Em determinado momento do artigo, o autor já dá os primeiros indícios dessa sua linha de pensamento, ao afirmar:

Quanto ao que podemos supor sobre a filogênese do sentido de realidade é possível que se trate, no momento, apenas de uma profecia científica. Pode ser assumido que um dia conseguiremos sucesso em estabelecer um paralelo entre os diferentes estágios de desenvolvimento do ego, bem como seus tipos de regressão neuróticos, e os estágios percorridos na história da espécie humana [...] (p. 200).

É exatamente este ponto de sua teoria sobre o sentido de realidade que Ferenczi retoma em “*Thalassa*” (1993). Ele separa seu livro em três grandes partes, e aborda o processo de adaptação à realidade em todas. A primeira delas consiste na “Parte Ontogenética”, na qual fornece uma explicação das questões ali propostas com base no desenvolvimento individual. A segunda consiste na “Parte Filogenética”, na qual tais questões são abordadas sob a perspectiva do desenvolvimento não apenas da espécie humana, como também da vida orgânica como um todo. Por fim, um “Apêndice”, no qual conclui o texto e levanta novas questões a serem respondidas futuramente. Começemos pela parte ontogenética.

5.2.1 O desenvolvimento do sentido de realidade erótica

Antes de se aprofundar nas questões da adaptação à realidade propriamente ditas, Ferenczi (1993) primeiramente apresenta um complemento ao que já desenvolvera anteriormente. Na terceira seção da parte ontogenética, chamada “*O desenvolvimento do sentido de realidade erótica e seus estágios*”, o autor retoma algumas hipóteses introduzidas em seu artigo de 1913.

Naquele texto, Ferenczi (1916c) desenvolvera uma teoria de acordo com a qual, desde o nascimento, o sujeito seria dominado por uma tendência regressiva permanente que visaria restabelecer a situação de total onipotência uma vez vivenciada no período intra-uterino. Para que o sentido de realidade pudesse ter seu pleno desenvolvimento, seria preciso que o sujeito renunciasse cada vez mais, conforme os desejos fossem se complexificando, a essa tendência regressiva e, enfim, encontrasse um substituto no mundo externo. Entretanto, apenas uma parte do psiquismo – o ego – participaria dessa evolução, enquanto o sono, os sonhos, a vida sexual e as fantasias permaneceriam sempre mais ligadas às tendências desse desejo primitivo. A partir disso, Ferenczi (1993) propõe-se, no presente texto, a complementar tais ideias prévias ao formular e descrever o chamado “sentido de realidade erótica”.

Enquanto o desenvolvimento do sentido de realidade do ego estaria mais relacionado às pulsões de autoconservação, ao desenvolvimento do eu e, vale ressaltar, “[...] servindo à

função de autopreservação” (FERENCZI, 1916c, p.198), o sentido de realidade erótico estaria ligado às pulsões sexuais e ao desenvolvimento da atividade sexual. Ferenczi (1993) justifica:

No que se segue vou tentar, a título de complemento dessas ideias, descrever as fases de desenvolvimento da sexualidade tal como as conhecemos pelos trabalhos de Freud, ou seja, como uma série de tentativas, no início hesitantes e rudimentares, depois cada vez mais explícitas, para retornar ao seio materno, enquanto a fase terminal de toda essa evolução, o desenvolvimento da função genital, representa o paralelo erótico da “função de realidade”, ou seja, o acesso ao “sentido de realidade erótica” (p. 270).

De maneira semelhante ao desenvolvimento do sentido de realidade do ego, o erótico também seguiria uma série de estágios até atingir sua plena realização. É importante notar que Ferenczi, nesse momento, está desenvolvendo teorias anteriormente já formuladas, em especial a teoria das fases do desenvolvimento psicosssexual, apresentada por Freud em “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*” (2016) e desenvolvida posteriormente. Questões relativas à pré-genitalidade, como indica Mezan (1999), também já haviam sido formuladas por Karl Abraham (1877-1925). O que Ferenczi (1993) traz de novo, portanto, é conceber o desenvolvimento da sexualidade como uma série de estágios em que o indivíduo, através das limitações impostas à libido pela realidade externa, busca novas formas mais efetivas de tentar retornar ao útero materno e retomar a sensação de onipotência inicialmente ali vivenciada.

O primeiro estágio do desenvolvimento do sentido de realidade erótico, de acordo com Ferenczi (1993), consistiria na “*fase do amor objetal passivo*”, e seu erotismo seria totalmente oral. Nessa fase, os cuidadores da criança estariam encarregados de manter a ilusão da sensação intra-uterina há pouco experienciada. Assim como no primeiro estágio relativo ao ego, cuida-se também da temperatura, da luminosidade, e a criança não precisa preocupar-se com alimentação ou atividades de eliminação, passivamente amando o ambiente ao seu redor. A única atividade realizada pelo bebê, de fato, é mamar – e a atividade de sucção permanece como elemento essencial de toda a atividade erótica posterior. Isso é visível já no ato do bebê de sugar o polegar, visto que aqui não há nenhum ganho alimentício e, dessa forma, consiste na primeira atividade puramente libidinal e própria desse período.

Em seguida, tem-se a “*fase canibalesca*”. A criança, que inicialmente vivera como um endoparasita no corpo da mãe durante o período intra-uterino, encontra-se agora em uma condição ectoparasitária. A mãe, aos poucos, precisa ir distanciando-se do bebê e diminuindo o processo de amamentação conforme o mesmo crie as ferramentas necessárias para a mastigação. A criança, entretanto, seguiria desejando voltar à quietude do corpo da mãe, cada

vez mais distante. Através dos dentes e a serviço de tendências libidinais, o bebê tentaria impulsivamente adentrá-la novamente de forma canibalesca¹⁸.

O aspecto agressivo já presente na ação canibalesca, por sua vez, se manifestaria de forma completa na organização sádico-anal. Nessa “*fase de introjeção*”, a criança rebela-se contrariando as ordens dos adultos relativas às suas funções intestinais. Com isso, a criança passa a equilibrar-se em meio as atividades de retenção e eliminação, nas quais, devido à introjeção do afastamento da mãe, passa ativamente a conservar suas excreções em si, como a mãe uma vez a conservou, ou as expulsar, como a mãe gradativamente tem feito¹⁹.

Ferenczi (1993) aponta que o período seguinte, o masturbatório, deve ser considerado um estágio à parte, visto ser a fase que inicia o primado da zona genital. Não obstante, o autor considera que nessa fase também estariam contidas grandes quantidades de libido sádico-anal obtidas através da introjeção e dos processos de retenção e expulsão na fase anterior. Esse papel duplo, desempenhado subjetivamente pela criança, estaria diretamente relacionado com a bissexualidade infantil, anteriormente descrita por Freud²⁰. Dessa forma, a partir do período masturbatório, o indivíduo já se encontraria apto a buscar tal retorno mediante o uso da zona genital. Seria nessa fase que se instauraria o complexo de Édipo, a proibição da realização de tal desejo e a angústia da castração.

É com a chegada ao período masturbatório e o início da primazia genital que o desenvolvimento do sentido de realidade erótica encontra seu ápice. Os períodos sexuais seguintes não são descritos por Ferenczi, ao menos nesse momento, visto já estarem englobados dentro primazia genital. Ele justifica:

Renunciamos a descrever os períodos sexuais seguintes – período de latência e puberdade – visto que o nosso propósito era apenas demonstrar que a ontogênese da sexualidade continua sendo invariavelmente dominada pela tendência para o retorno ao seio materno e que a organização genital, a qual realiza, de certo modo, essa tendência, corresponde ao máximo de desenvolvimento do sentido de realidade erótica (FERENCZI, 1993, p. 272).

¹⁸ É importante notar que essa espécie de canibalismo representa aqui algo de ordem libidinal, e não da ordem da agressividade da pulsão de morte como no pensamento de Melanie Klein (FIGUEIREDO, 1999).

¹⁹ Na primeira seção da parte ontogenética de “*Thalassa*”, intitulada “*A anfmixia dos erotismos no processo de ejaculação*”, Ferenczi (1993) já levantara algumas hipóteses sobre a relação entre os canais anais e uretrais e as atividades de retenção e expulsão. Após indicar que o pênis é uma aquisição biológica tardia da humanidade, sendo derivado do sistema digestivo, o autor comenta: “Parece haver uma certa reciprocidade entre os auto-erotismos uretral e anal antes mesmo da instauração do primado genital. A criança tende a utilizar a evacuação da bexiga ou a retenção das matérias como um meio de obter uma certa dose de prazer. Depois renuncia a uma parte desse prazer a fim de se assegurar do amor das pessoas que cuidam dela” (p. 263).

²⁰ “*Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*” (FREUD, 2016).

Relacionado ao que foi abordado até então, Figueiredo (1999) aponta dois aspectos a serem destacados. O primeiro deles consiste na precocidade da hipótese ferencziana de regressão que, segundo o autor, é assumida por Freud em “*Além do Princípio do Prazer*” e retomada por Ferenczi em “*Thalassa*”. Nesse momento, contudo, enquanto o primeiro fala sobre o repouso do retorno ao inorgânico, o segundo concebe tal repouso como um retorno à ausência de perturbações da vida intra-uterina. O segundo aspecto consiste na impossibilidade de uma concepção simples e unidirecional do desenvolvimento enquanto se admita que partes do indivíduo, não necessariamente patológicas, estejam ligadas a essa tendência regressiva.

Ferenczi (1993) considera que, enquanto os três primeiros períodos – oral, anal, masturbatório – seriam considerados autoplásticos, pois “o indivíduo procura em seu próprio corpo um substituto fantasístico para o objeto perdido” (p. 272), o período genital seria aloplástico, visto o órgão genital masculino permitir que se tente atingir este objetivo no mundo externo – primeiramente a partir da mãe, depois de suas substitutas após a interdição do complexo de Édipo. Como é possível notar, o autor refere-se de modo completo à primazia da zona genital apenas do ponto de vista masculino. E quanto à mulher?

No que concerne o desenvolvimento da sexualidade genital feminina, Ferenczi (1993) comenta que, na ausência do pênis, restaria à mulher a fantasia. Enquanto o homem disporia de um órgão que permitisse uma tentativa de regressão mais fisicamente preparada, a mulher teria que se identificar com a agressividade da invasão masculina e transformá-la em prazer. Além da atividade da fantasia, a expansão da erogeneidade na mulher para a zona mamária e outras partes do corpo também seria uma consequência da interrupção que a ausência do pênis provocaria, assim como uma maior disposição à histeria de conversão visto uma maior área do corpo estar sexualizada. Por fim, portar o filho seria também uma espécie de compensação natural, o que explicaria o laço mais profundo existente entre mãe e filho. Câmara e Herzog (2018) e Almeida (2009), por sua vez, observam que as hipóteses ferenczianas sobre a sexualidade são de caráter predominantemente masculino e exclusivamente heterossexual, deixando o estudo do desenvolvimento feminino defasado.

Ferenczi (1993) faz sua primeira menção à pulsão de morte, em “*Thalassa*”, ao comentar que tal identificação por parte da mulher com a agressividade masculina seria, a princípio, uma espécie de masoquismo oriundo dessas pulsões. Ele diz que esse processo “[...] pode explicar-se, por uma parte, pela presença de pulsões muito arcaicas (a pulsão de morte, de Freud)” (p. 273). Bissoli (2008) assinala que, após utilizar o termo “pulsão de morte”, Ferenczi acrescenta um “de Freud”. Isso indicaria que nesse momento o autor está se apropriando exatamente do modo freudiano de conceber tal pulsão. Como veremos, Ferenczi

a conceberá ora mais próxima do conceito freudiano original, ora mais distante, como indica Maireno (2017).

Para além de sua teoria exclusiva sobre o desenvolvimento do sentido de realidade, tanto egóico quanto erótico, Ferenczi (1993) passa a atrelar essa parte de seu pensamento a outras de sua teoria, mais especificamente ao processo de adaptação biológica do indivíduo ao seu meio. Para tal, parte do princípio de que o sentido de realidade, além de seu caráter essencialmente regressivo e psicologicamente adaptativo, simultaneamente assegura o sucesso das funções biológicas do indivíduo e, conseqüentemente, de sua sobrevivência e reprodução.

5.2.2 A adaptação à realidade no desenvolvimento ontogenético

No fim da seção sobre o desenvolvimento do sentido de realidade erótico, Ferenczi (1993) cogita uma “pulsão de regressão materna” por trás das atividades de caráter regressivo. Esta, que também estaria presente na vida sexual dos animais, é tida pelo autor como universal e teria sua meta realizada de modo alucinatório através do ato sexual. A partir desse ponto, nas duas seções seguintes, as últimas da parte ontogenética, o autor aborda os desenvolvimentos psíquico e biológico necessários para que o ato sexual adulto possa ser realizado com sucesso. A função de realidade também auxiliaria nesse processo, que igualmente envolveria desprazer e adaptação.

Antes de mergulhar mais profundamente nessas hipóteses, é importante chamar a atenção para dois pontos relacionados à suposição dessa pulsão. Em “*O Desenvolvimento do Sentido de Realidade e seus estágios*” (1916c), a ideia de uma tendência regressiva, não apenas no psiquismo, mas em toda vida orgânica, já se mostrava presente de forma mais tímida, sendo exposta apenas em uma nota de rodapé, como observou Figueiredo (1999). Nessa nota, Ferenczi (1916c) diz:

Se esse pensamento for seguido logicamente, é importante se familiarizar com a ideia de uma tendência à preservação, ou à regressão, *dominante também na vida orgânica*, enquanto a tendência ao desenvolvimento, à adaptação, etc., depende apenas de estímulos externos (p. 201, grifo nosso).

Essa universalidade de uma tendência à regressão e do subsequente desenvolvimento adaptativo a que ela levaria dentro do pensamento ferencziano também é recorrente, a sua própria maneira, em “*Além do Princípio do Prazer*” (FREUD, 2010a). Enquanto Freud concebe que tal repouso regressivo seria um retorno ao *inorgânico*, Ferenczi acredita que tal repouso seria um retorno, a princípio, ao *útero*. Além disso, o percurso teórico que levou os dois autores a cogitarem uma tendência regressiva também não foi semelhante, visto que,

enquanto Freud procurava explicar a compulsão à repetição, a impossibilidade de a mesma gerar prazer e a ocorrência do masoquismo, Ferenczi guia suas hipóteses com base no retorno a um estado anterior, unitário e onipotente. Essa diferença não passara despercebida por Freud, que cita tal nota de rodapé também em uma nota de rodapé em seu próprio texto. Nela, ele diz que “[...] por um outro caminho, Ferenczi chegou à possibilidade da mesma concepção” (p. 174). A partir dessas colocações, é possível inferir que essa diferença de objetivos relativas a um mesmo impulso já parecia estar clara para ambos.

De volta ao texto de 1924, Ferenczi (1993) segue em suas formulações ontogenéticas ao submeter à análise os demais processos do ato sexual. Aqui, o que fora até então discutido predominantemente no campo do psíquico, passa também a ser discutido no do biológico, em uso claro do método utraquista. Ao abordar o fenômeno da autotomia, no qual pedaços do corpo de um animal se desprendem de seu corpo de forma a protegê-lo – como a cauda do lagarto –, o autor o considera como modelo biológico do recalçamento, este enquanto uma exclusão psíquica de sensações intensas de desprazer. A ejaculação estaria de acordo com esse modelo como uma tendência a separar do corpo as secreções que nele proporcionam sensações desprazerosas. A própria ereção consistiria em uma tendência à separação do órgão genital em relação ao corpo, em uma constante luta contra a tendência oposta – a de conservação. O organismo se limitaria, entretanto, apenas a liberação do material genético, conservando o órgão para si.

Existiria, dessa forma, a necessidade de que algo se perdesse na tentativa de reingresso no útero materno – ou, mais precisamente, em seu objeto substituto. O caminho de retorno ao ventre materno, como aponta Figueiredo (1999), se daria “[...] pelo caminho da luta, do desprazer, da dor e de uma espécie de morte” (p. 160). Ferenczi (1993) comenta que as sensações obtidas durante o ato sexual são muitas vezes desprazerosas e apenas a esperança de reintegração faria com que o ato fosse desempenhado até o final. Prazer e desprazer, desintegração e reintegração, aqui, tornam-se condição um para o outro. O ato sexual, dessa forma, simultaneamente, rememoriaria o nascimento e a angústia sentida em seu choque. Ferenczi (1993) aprofunda:

Parece que vamos ter de nos habituar à ideia da *sobredeterminação* de um mesmo e único processo, como a psicanálise nos ensina no que se refere aos processos psíquicos. À medida que aprofundamos o estudo do desenrolar do coito, torna-se evidente que não se trata apenas de um processo impregnado de prazer (a representação da bem aventurada situação intrauterina) mas também da repetição de experiências desagradáveis (provavelmente a primeira *experiência de angústia*, a do nascimento) (p. 280, grifo do autor).

O ato sexual, além disso, não estaria isento de impulsos agressivos. Estes, para Ferenczi (1993), seriam oriundos dos componentes agressivos que anteriormente deslocaram-se pelas fases do sentindo de realidade erótica até chegarem à fase genital. Nesta, exprimem-se através de manifestações musculares que teriam por objetivo não apenas reter o objeto, mas são dotados também de impulsos sádicos manifestos. A concentração total na sensação de satisfação pós coito, por fim, não só aboliria a dor sentida durante o processo, mas também ofereceria ao indivíduo uma momentânea sensação de paz e ausência total de desejos – semelhante àquela uma vez encontrada dentro do útero. Dessa forma, o desfecho do ato sexual marcaria o sucesso da tentativa de regressão, ao menos de modo alucinatório. O sono, que viria logo em seguida, seria uma nova e mais incisiva tentativa de retomada do estado intrauterino. O ato sexual, dessa forma, realizaria duas tendências antagônicas. Ele acarretaria, como apontado por Figueiredo (1999), tanto um projetar-se no futuro quanto um regressar.

Ao perguntar-se se a ontogênese do ato sexual também possui um sentido, devido à uma notável uniformidade da mesma no reino animal, Ferenczi (1993) novamente retoma sua teoria sobre a adaptação à realidade. A função genital, que estaria diretamente relacionada à tendência de regressão materna, precisaria ter seu sucesso garantido após o fracasso das zonas erógenas anteriores em fornecer uma tentativa de retorno eficaz. Além disso, o ato sexual consiste em um ato periódico de descarga de energia, o que, como visto, também traz repercussões psicológicas. Dessa forma, seria fundamental que o ser vivo fosse capaz tanto de realizar o ato sexual de maneira efetiva, com o empreendimento energético correto, como também que fosse capaz de realizar suas tarefas de sobrevivência. Ferenczi (1993) comenta:

Um ser vivo que disponha de uma função genital evoluída é capaz de melhor adaptação às tarefas da existência, mesmo que em suas atividades não eróticas; pode protelar suas satisfações eróticas pelo tempo necessário e suficiente para que elas não perturbem a função de conservação. Podemos dizer, portanto, que o aparelho genital é, ao mesmo tempo, um órgão “útil” que favorece as intenções e os objetivos da função de realidade (pp. 282-283).

Além de atuar em função da tentativa de regressão e da adaptação ao desprazer do mundo externo, como visto até aqui, o desenvolvimento do sentido de realidade acabaria por também assegurar o desenvolvimento ontogenético como um todo e, conseqüentemente, o sucesso da reprodução. As zonas erógenas pré-genitais, ao serem desprovidas parcialmente de suas características libidinais, possibilitam que o indivíduo realize suas funções alimentícias e excretoras de forma consideravelmente mais efetiva. A concentração da libido na zona genital, dessa forma, favoreceria tanto o sucesso do ato sexual quanto a adaptação do indivíduo ao seu próprio meio. Uma semente dessa ideia pode ser encontrada em um artigo

anterior no qual Ferenczi discorre sobre a ontogênese do simbolismo. Lá, Ferenczi (1916d) diz que “enquanto as necessidades da vida não compelem à adaptação e, logo, ao conhecimento da realidade, as crianças preocupam-se apenas com a satisfação de seus instintos, ou seja, com as partes do corpo em que essa satisfação se dá [...]” (p.235). Após o recalque do erotismo dessas zonas erógenas, logo, outros objetos se tornariam símbolos delas.

Com isso, prossegue Ferenczi (1993), cada nova fase do desenvolvimento sexual consistiria em uma realização, ainda que parcial, do objetivo final da pulsão. A satisfação pulsional, ao ser evocada para tentar alcançar seu objetivo, reproduziria então toda a história de seu próprio desenvolvimento, suas lutas em cada etapa, seus deslocamentos para a zona erógena seguinte e, conseqüentemente, seu triunfo através da zona genital. Toda a história do desenvolvimento sexual seria assim repetida na realização do ato²¹. Câmara e Herzog (2018) indicam que cada movimento regressivo seria um retorno a estados cada vez menos compartimentalizados, ou seja, a épocas anteriores às cisões e separações.

A partir dessas considerações, Ferenczi (1993) faz uma importante constatação, ao citar que haveria também um triunfo no nascimento, e não apenas de um trauma. Tal triunfo, segundo o autor, consistiria na vitória sobre a extrema angústia que o nascimento havia proporcionado. Através de cada estágio que teve de ser superado devido ao crescimento da angústia e do desprazer, uma vitória também seria alcançada em sua superação. Assim, o ato sexual representa “[...] não só um retorno – meio fantasiado, meio real – ao seio materno, mas traduz também, por seus sintomas, a angústia do nascimento e a vitória alcançada contra ela, ou seja, o feliz desfecho do nascimento” (p. 284).

Essa ideia, segundo o próprio Ferenczi (1993), se aproxima do que Freud concebeu em “*Além do Princípio do Prazer*” (2010a) como compulsão à repetição. Para Ferenczi, porém, a repetição de certos eventos não consistiria apenas em uma tentativa de ligação da energia em estado livre, mas também em uma espécie de “festa comemorativa”, nas palavras do autor, sobre a superação do trauma e da angústia. Figueiredo (1999) considera que há uma diferença, também, no meio em que a quietude seria alcançada. Enquanto Freud focalizou a dimensão estrutural do próprio sujeito, sua circulação energética, sua reserva interna, suas energias ligadas e não ligadas e sua capacidade de viver e morrer à própria maneira, Ferenczi dá maior atenção à dimensão ambiental, no caso ao meio intrauterino, à maternagem, e às mais primitivas proteções as quais o sujeito se afeiçoou e visa retornar. Essa maior atenção

²¹ É importante ressaltar que um dos nomes provisórios de “*Thalassa*” foi “*Catástrofes no desenvolvimento da função genital*” (FIGUEIREDO, 1999; CÂMARA; HERZOG, 2018). Esse título provisório, a nosso ver, reflete bem tanto o que está sendo exposto aqui quanto a essência adaptativa nas ideias de Ferenczi.

atribuída ao papel do ambiente por Ferenczi também é notada por Herzog e Pacheco-Ferreira (2015) e Kupermann (2019), o qual enfatiza seu aspecto clínico.

No que se refere ao princípio do prazer, Ferenczi (1993) diz ser incapaz de dar uma resposta definitiva sobre se a repetição estaria a serviço dele ou de seu além. O autor argumenta que a repetição pode ser considerada uma compulsão até o momento em que corresponde a uma liquidação energética de um efeito de choque, porém, a partir do momento em que há uma negação da perturbação e a repetição torna-se uma vitória sobre o desprazer, estaríamos diante de mecanismos de prazer. Esse ganho prazeroso na concepção ferencziana da compulsão à repetição é igualmente constatado por Bissoli (2008) e Câmara e Herzog (2018). Dessa maneira, segundo Gondar (2016), a compulsão à repetição ganha uma maior “positividade” em relação à concepção freudiana, a qual serve exclusivamente à destruição em detrimento de um retorno.

O prazer obtido pela via da repetição, para Ferenczi (1993), faria uma espécie de jogo com o perigo e o desprazer. Uma certa dose de prazer seria admitida, mas apenas no nível em que a satisfação de sua superação pudesse ser encontrada. Um exemplo pode ser visto através da relação entre fome e apetite. A fome seria um instinto simples que visaria eliminar a sensação de desprazer e o apetite seu paralelo erótico. Apenas a pequena privação encontrada no apetite somada à garantia de satisfação ao alimentar-se poderia terminar com a geração de prazer a partir de um prazer preliminar – o de cessar a fome.

As organizações sexuais, prossegue Ferenczi (1993), seriam modelos mais elaborados desse exemplo. O prazer, nesse caso, viria da descoberta de que é possível sobreviver fora do corpo da mãe. Assim como o choque do nascimento e toda sua angústia posterior, a capacidade de sobrevivência após o mesmo também ficaria marcada para sempre no psiquismo. Seria esse registro que faria com que o indivíduo se colocasse periodicamente em situações de risco e de angústia, apenas pelo prazer de afastá-las novamente. O retorno temporário e alucinatório à experiência intrauterina no ato sexual e no sono posterior possuiriam, portanto, um caráter revigorante, assim como as demais lutas pela adaptação e a sobrevivência subsequente às mesmas.

Ao fim da parte ontogenética de “*Thalassa*”, Ferenczi (1993) reflete sobre o equilíbrio entre prazer e desprazer e resume o que foi discutido até aqui:

Portanto, segundo a nossa concepção, o acasalamento resume num único ato toda uma série de sequências impregnadas de prazer e de angústia. Por uma parte, o prazer fica livre de excitações pulsionais desagradáveis, o prazer de voltar ao ventre materno, o prazer de um feliz desenlace do nascimento; por outra parte, a angústia que se sentiu no decorrer do nascimento e aquela que terá de ser revivida durante o retorno (em fantasia). Como o retorno se

limita, na realidade, ao órgão genital e ao esperma, enquanto o resto do corpo pode preservar sua integridade (e só participa da regressão de modo “alucinatório”), torna-se possível eliminar do orgasmo todo o elemento de angústia e concluir o coito com um sentimento de plena satisfação (p. 287).

Através do que foi exposto até aqui, é possível perceber que a hipótese de retorno a um estado anterior segue no cerne da teoria metapsicológica de Ferenczi. Em “*O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*” (1916c) Ferenczi desenvolve uma teoria sobre a necessidade de abandono da onipotência vivida dentro do útero devido às imposições do mundo externo e as subsequentes tentativas de retomá-la, sugerindo questões ontogenéticas e filogenéticas para estudos posteriores. Em “*Thalassa*” (1993), seguindo os pressupostos ali presentes no texto sobre o sentido de realidade e as lacunas nele deixadas, ele leva sua teoria sobre a realidade e o retorno a um estado anterior para além da onipotência, e argumenta que a tentativa de regresso ocorreria também na esfera da sexualidade, a princípio de modo real, e em seguida de modo simbólico e alucinatório.

Em ambos os textos, o desprazer e a adaptação também possuem caráter fundamental, visto que a existência do primeiro leva à necessidade da segunda. Enquanto, no texto de 1913, Ferenczi nos fornece uma teoria sobre a adaptação do eu ao mundo externo, em 1924, o autor desenvolve também uma teoria sobre a adaptação sexual ao mesmo. A sexualidade também se desenvolveria a partir de uma série de perturbações e restrições do mundo externo, e a função da realidade auxiliaria o organismo na tentativa de recuperar com maior êxito, ao menos parcialmente, o objeto perdido. No ato sexual, dessa forma, a ontogênese do desenvolvimento sexual seria repetida, sendo perceptível tanto suas lutas e desvios quanto seus triunfos.

Ferenczi (1993), contudo, admite que a combinação entre prazer e adaptação segue sendo um ponto obscuro de sua argumentação, visto que seria o desprazer que inicialmente levaria o organismo a adaptar-se. Para isso, propõe que o paralelo filogenético também seja considerado, com o objetivo de tentar preencher essa lacuna. Como esclarece Corrêa (2019), considerações filogenéticas já eram parte do descartado projeto biológico conjunto de Ferenczi e Freud. Agora, Ferenczi desenvolverá suas hipóteses filogenéticas dentro dos contornos de sua própria teoria.

5.2.3 A adaptação à realidade no desenvolvimento filogenético

Na parte filogenética de “*Thalassa*”, Ferenczi (1993) leva sua teoria adiante ao considerar que através da compreensão da gênese da espécie novas constatações relativas à história individual poderiam ser realizadas. De acordo com o autor, apenas por meio dessa

forma de investigação algumas expressões simbólicas psíquicas e corporais podem ser decifradas, como uma espécie de hieróglifo. O contato com a realidade e sua relação com as perturbações do mundo externo também são abordadas pelo autor em sua investigação filogenética. Figueiredo (1999) nota que, nessa parte do texto, Ferenczi passa a tratar os dados biológicos não apenas com a casualidade vista até então, mas confere a eles a característica de evidências probatórias.

Ferenczi (1993) argumenta que suas especulações partem da frequência com que observou o símbolo do peixe em manifestações normais e patológicas, individuais e coletivas, e em sua leitura psicanalítica das mesmas. A consideração de que a espécie humana teria evoluído a partir de vertebrados aquáticos²² leva o autor a inferir que, de alguma forma, isso possa dar origem a certos traços filogenéticos no inconsciente, os quais se manifestariam nessas simbolizações. Semelhanças entre o peixe no oceano, o feto no útero e o pênis em uma cavidade úmida, todos em ambiente aquático e devidamente protegido, poderiam não ser coincidências.

É a partir dessa questão que o autor inicia sua investigação filogenética, que novamente apresentará um caráter duplo de adaptação ao mundo externo e retorno a um estado anterior. O impulso regressivo levaria não apenas a uma adaptação do indivíduo, como também da espécie. Vida e morte, progresso e regresso, adquirem também um caráter histórico. Ferenczi (1993) coloca a seguinte questão:

O que diríamos se toda a existência intrauterina dos mamíferos superiores fosse apenas uma repetição da forma de existência aquática de outrora, e se o próprio nascimento representasse simplesmente a recapitulação individual da grande catástrofe que, quando da secagem dos oceanos, obrigou tantas espécies animais e certamente nossos próprios ancestrais a se adaptarem à vida terrestre e, em primeiro lugar, a renunciarem à respiração branquial para desenvolver órgãos próprios para a respiração de ar (p. 288).

O autor aponta que certos detalhes do simbolismo dos sonhos e das neuroses sugeririam a existência de uma profunda analogia simbólica entre o corpo materno e o oceano. O ser humano antes do nascimento pode ser considerado um endoparasito aquático, ou seja, vive em um ambiente úmido que lhe fornece tudo o que necessita, assim como a vida exclusivamente marinha dos tempos antigos. Após o nascimento, a criança passa a usar seus órgãos respiratórios e pode ser caracterizada como um ectoparasita aéreo da mãe, visto

²² Não nos cabe aqui investigar profundamente todas as teorias biológicas abordadas por Ferenczi, apenas explicitá-las na medida em que seus reflexos na teoria metapsicológica do autor possam ser compreendidos. Para fins de maior aprofundamento em suas bases teóricas é importante ressaltar que o mesmo cita ter sido influenciado pelos trabalhos de cientistas como Lorenz Oken (1779-1851), Wilhelm Bolsche (1861-1939), Ernest Haeckel (1834-1919), Jean Lamarck (1744-1829), dentre outros.

depende da mesma para se alimentar e ainda não ser possível sobreviver sem ela. Daí viria o simbolismo da “mãe-terra”, da qual provinham os primeiros nutrientes fora do mar, reminescente daquele primeiro período de abandono dos mares em que a vida teve que se adaptar a um novo ambiente. Assim, enquanto o simbolismo marinho da mãe possuiria um caráter mais primitivo, o seu simbolismo terrestre reproduziria esse primeiro período de adaptação à nova realidade terrestre, mas ainda dependente da mesma. O fato de diversos mitos representarem o oceano como símbolo de nascimento reforça, para o autor, esse possível simbolismo filogenético inconsciente.

Dois dados provenientes da embriologia e da zoologia são apresentados por Ferenczi (1993) como favoráveis às suas hipóteses. O primeiro é a constatação da embriologia de que apenas animais terrestres desenvolvem membranas amnióticas que cessam o líquido amniótico de forma a proteger o embrião; o segundo, retirado da zoologia comparada, é o fato de que os animais que desenvolvem seus embriões sem membranas amnióticas não acasalam. Neles, a fecundação se dá fora do corpo materno, em um meio aquático, na maioria dos casos. A evolução dos órgãos de acasalamento só começa com os anfíbios (animais de ambiente meio aquáticos meio terrestres) e ainda assim a eretividade do órgão masculino não é alcançada até se desenvolver em alguns répteis e nos mamíferos. Dessa forma, “a posse de verdadeiros órgãos genitais, o desenvolvimento no interior do corpo materno e a sobrevivência à grande catástrofe da seca dos oceanos constituem, portanto, uma entidade biológica inseparável” (FERENCZI, 1993, p. 292).

Figueiredo (1999) comenta que a teoria biológica fornece dados referentes apenas às fases que a própria espécie passou ao longo de sua história adaptativa. Ferenczi, indica ele, passa a utilizar esses mesmos dados para argumentar que não apenas essas fases são recapituladas, como também as catástrofes ocorridas e as condições ambientais nelas envolvidas – como os anexos protetores, no caso o útero e, em tempos passados, o mar.

A ideia central na investigação filogenética de Ferenczi (1993) é o que o autor chama de “*regressão talássica*”. A tendência de retornar ao ventre materno seria, a partir disso, parte de uma tendência maior: a de retorno ao oceano deixado nos tempos primitivos. Existiria, na vida orgânica, uma atração que compelia o ser vivo a esse retorno e, antagonicamente, faria com que a vida também evoluísse.

É importante notar que a ideia que Ferenczi (1993) apresenta aqui se assemelha, no que se refere à existência de uma tendência regressiva, à de Freud em “*Além do Princípio do Prazer*” (2010a) quando o mesmo concebe a pulsão de morte. Ferenczi, por sua vez, introduz pontos que estão ausentes no pensamento freudiano. O autor, que afirmara anteriormente que

o retorno seria ao estado intra-uterino de ausência de desejos, algo já inédito, agora introduz essa hipótese do retorno ao *mar* nos primórdios da vida. Essa hipótese também é original do pensamento ferenciano, assim como a sexualidade enquanto recapitulação do desenvolvimento adaptativo ontogenético e, agora, também filogenético. Ambos os autores, ainda assim, seguem explicitamente negando a existência de uma tendência natural ao progresso e à evolução, estes sendo apenas uma consequência da tendência ao retorno ao estado de ausência de desejos.

Para Ferenczi (1993), assim como na ontogênese, as fases do desenvolvimento da sexualidade passariam por catástrofes, lutas e triunfos até chegarem na primazia genital, o desenvolvimento filogenético da genitalidade²³ passaria por uma série de lutas adaptativas impostas pela realidade externa até finalmente chegar ao desenvolvimento dos órgãos genitais nos mamíferos vertebrados²⁴. Dessa forma, as catástrofes e limitações impostas pela realidade externa passam, em um nível ainda mais amplo do que no texto sobre o desenvolvimento do sentido de realidade, a serem partes centrais do pensamento de Ferenczi (GONDAR, 2016; CÂMARA; HERZOG, 2018).

Ferenczi (1993) aponta que, quanto mais elevado o nível de evolução biológica de um organismo, mais eficazes são as medidas de proteção das células germinativas em um meio favorável. A partir disso, o autor retoma o exemplo dos anfíbios que, a partir de seu meio duplo de existência aquática e terrestre, ainda dispõem da possibilidade de fecundação interna e externa. É neles, também, que os caracteres sexuais secundários – meios de atrair ou dominar o ser do sexo oposto – começam a se desenvolver. Por fim, é em um vertebrado primitivo, o canguru, que a cloaca finalmente divide-se em reto e uretra, com um canal comum de passagem da urina e do esperma atravessando um prolongamento peniano erétil – assim como no homem.

Teria sido com a seca dos oceanos e a necessidade de adaptação a uma nova realidade, então, que os órgãos fecundativos mais aprimorados teriam se desenvolvido, de forma a

²³ Nesse momento, Ferenczi (1993) se baseia nas ideias dos zoólogos Franz Doflein (1873-1923) e Richard Hesse (1868-1944).

²⁴ É necessário comentar com que visão Ferenczi (1993) se debruça sobre os fatos biológicos apresentados. Na visão do autor, o modo de pensar da psicanálise se adequa mais ao pensamento de Lamarck do que ao de Darwin. O pensamento darwiniano, de acordo com Ferenczi, se apoia na variação e na seleção natural enquanto impulsores da evolução, e assim considera que ela seria resultante, em última instância, do acaso. Ademais, para o autor, as incessantes repetições vistas em grande parte do mundo natural não encontram explicação através da visão darwiniana. A visão de Lamarck, por sua vez, reconheceria o processo de adaptação e, nesse reconhecimento, encontraria lugar também para a repetição. Assim, a teoria lamarckista estaria mais próxima de como Ferenczi concebe o pensamento psicanalítico do que a teoria darwiniana.

permitir a fecundação interna e o desenvolvimento intrauterino em um ambiente líquido, o qual teria combinado com êxito a forma de existência parasitária e o desejo de regressão talássica. Ao se considerar que o desenvolvimento filogenético precede – e influencia – o ontogenético, a mãe passa, com isso, a ser compreendida enquanto um símbolo e uma substituta do oceano arcaico que fora originalmente abandonado.

Essa série evolutiva, conclui Ferenczi (1993), seria parcialmente análoga às fases do desenvolvimento do sentido de realidade erótica. Os diversos modos de acasalamento que se pode observar no mundo animal, desse modo, estariam de acordo com as diversas formas de expressão da sexualidade infantil.

No desenvolvimento filogenético, assim como no ontogenético, Ferenczi (1993) privilegia o ponto de vista do macho como ponto de partida e objeto de estudo, como chamam a atenção Almeida (2009) e Câmara e Herzog (2018). Em relação ao desenvolvimento filogenético da fêmea, o autor aponta que um paralelo com a compensação por ele descrita na ontogênese também pode ser traçado. Com a saída do mar e a incidência da tendência regressiva, um substituto terrestre do ambiente úmido e protetivo deveria ser encontrado. Teria surgido, assim, a tendência à penetração de outro corpo, e o bimorfismo sexual teria consequentemente se acentuado nas espécies terrestres. A princípio esse processo teria se dado em uma forma de luta de todos contra todos e, gradualmente, o corpo dos organismos machos desenvolveram órgãos mais propícios à penetração, enquanto os organismos fêmeas condições mais ideais para a sobrevivência dos gametas. As manifestações sádicas no ato sexual, segundo o autor, poderiam ocasionalmente consistir em resquícios inconscientes desse período de lutas intensas. Derivaria desse período também o caráter mais aterrador, perigoso e violento do falo paterno, presente até os dias atuais.

Almeida (2009), ao notar a menor atenção que Ferenczi dá ao desenvolvimento genital feminino ontogenético e filogenético, sugere que o mesmo seja visto como mutuamente complementar ao masculino. Embora o próprio Ferenczi não desenvolva essa ideia explicitamente, limitando-se a discorrer sobre a genitalidade predominantemente do ponto de vista masculino, vale ressaltar as hipóteses dessa autora. Enquanto o percurso do desenvolvimento genital masculino levaria o homem a buscar inconscientemente o ambiente úmido e de completude anteriormente perdido, o desenvolvimento sexual feminino levaria a mulher a se identificar inconscientemente com o simbolismo desse próprio ambiente. Ambos os desenvolvimentos, dessa maneira, teriam seus percursos particulares igualmente importantes e proporcionariam a continuação das espécies através da união genital complementar. Nas palavras da autora:

Nesse sentido, sugiro que a regressão implicada na genitalidade feminina durante o ato sexual seja entendida também nas três formas sugeridas por Ferenczi para a genitalidade masculina: alucinatoriamente, simbolicamente e realmente. O útero feminino torna-se realmente o meio líquido que recebe as células germinais masculinas. O genital externo da mulher, incluindo a vagina, clitóris e inervações da região genital, realiza a regressão simbolicamente, enquanto representante de todo o organismo, traduzindo nas sensações da penetração o suposto retorno ao estado de complementaridade original. Por fim, alucinatoriamente, a mulher não apenas retorna ao seio líquido original, mas torna-se esse meio que abriga potencialmente a origem de uma nova vida. Nesse sentido, a mulher realizaria uma regressão ainda mais profunda, por tratar-se de uma regressão ao ambiente. A regressão não termina no ponto de origem de uma individualidade que habita um meio líquido, mas continua até o continente líquido que abriga o indivíduo (ALMEIDA, 2009, p. 45).

De volta ao texto de Ferenczi (1993), é importante ressaltar que a filogênese, ainda que funcione como base para o desenvolvimento da ontogênese, não necessariamente garante o desenvolvimento pleno da mesma. Cada vida individual, ainda que siga tendências pré-estabelecidas, pode possuir seus próprios desdobramentos. Além disso, tais experiências singulares podem eventualmente vir a influenciar a vivência de futuras gerações. Apesar de sua enorme influência, “a universalidade da experiência filogenética não desqualifica ou minimiza o peso da singularidade de cada história individual e das variações entre indivíduos” (FIGUEIREDO, 1999, p. 175).

Em “*Acasalamento e fecundação*”, última seção da parte filogenética de “*Thalassa*”, Ferenczi (1993) comenta ser necessário admitir que o ato da fecundação apresenta problemas de natureza diferente do problema do acasalamento, visto a fecundação ser um processo consideravelmente mais arcaico do que a união de dois seres durante ato sexual. Partindo desse ponto, o autor considera ser importante também elaborar sistematicamente a ideia de um paralelo perigenético – ou seja, acompanhar a história evolutiva do embrião e, a partir daí, o que a fecundação repete.

O que Ferenczi (1993) encontra na filogenia que poderia corresponder ao processo de fecundação remete à forma de vida mais remota possível: a existência unicelular, a catástrofe que cindiu essa forma de vida e a tentativa de retomar a unidade total. Essa ideia é assumidamente uma retomada da hipótese de Freud, presente em “*Além do Princípio do Prazer*” (2010a), de que forças externas cindiram a matéria anteriormente unitária em diversas partes e que, segundo ele, teria suscitado o desejo de reunificação – através das pulsões de vida – e o desejo de retornar à ausência de estímulos encontrada no inorgânico – através das pulsões de morte. Ferenczi (1993), por sua vez, apresenta a tendência ao regresso e a

retomada de uma sensação de unidade sempre como duas faces de um mesmo processo, uma levando à outra, o que a princípio difere da concepção de Freud.

Esse pensamento, que vem sendo gradualmente apresentado ao longo de todo o texto, fica mais claro em uma passagem sobre o que a fecundação visaria repetir:

Admitindo-se que a fecundação também constitui a repetição de uma catástrofe primitiva semelhante à que se encontra na origem da função de acasalamento do mundo animal, talvez não tivéssemos de abandonar a nossa teoria da genitalidade e poderíamos tentar harmonizá-la com os dados indiscutíveis da biologia “pré-genital”. Para tanto, basta-nos supor que o ato do coito e o ato da fecundação, estreitamente vinculado ao primeiro, representem a fusão numa unidade não só da catástrofe individual (nascimento) e da última catástrofe sofrida pela espécie (a secagem dos oceanos), mas também de todas as catástrofes que sobrevieram após o surgimento da vida; portanto, o orgasmo não é apenas a expressão da quietude intra-uterina e de uma existência aprazível num meio mais acolhedor, mas também daquela tranquilidade que precedia o aparecimento da vida, a quietude morta da existência inorgânica. A fecundação, isto é, a solução adotada por ocasião de uma catástrofe precedente, talvez tenha servido de modelo para a fusão numa única entidade dos instintos de fecundação e de acasalamento, independentes em sua origem (FERENCZI, 1993, p.300).

Haveria, dessa forma, uma espécie de hereditariedade tanto dos traços mnêmicos dos traumas, quanto das soluções encontradas para suas respectivas superações. A compulsão à repetição, da maneira em que é compreendida por Ferenczi (1993), também teria seu papel aqui. O autor pressupõe que tensões produzidas não apenas por catástrofes contemporâneas, como também por catástrofes ontogenéticas e filogenéticas teriam uma parcela de sua energia não-ligada liquidada a cada repetição. O princípio de realidade, similarmente, seria uma espécie de herdeiro filogenético, ao se considerar que novos órgãos foram desenvolvidos a partir da necessidade de adaptação à realidade externa no que se refere, também, à necessidade de autoconservação, como nota Hartmann (1959). Esse seria um caminho percorrido por toda evolução, diz Ferenczi (1993): “em primeiro lugar, adaptação a uma tarefa atual, depois, restabelecimento tão completo quanto possível da situação inicial, abandonada compulsoriamente” (p. 302). Trauma e catástrofe, logo, seriam condições para evolução e preservação da vida desde a primeira união entre dois organismos.

Para Figueiredo (1999), essa diferença do objetivo do retorno na teoria dos autores pode ser explicada pelo fato de que, enquanto Freud concebe apenas uma catástrofe primordial a qual daria origem à tendência a retornar ao estado anterior, no caso o inorgânico, Ferenczi concebe duas. A primeira, similar a de Freud, e uma segunda: o nascimento, ou seja, a retirada do organismo já vivo da condição pré-natal. A tendência regressiva, para Ferenczi (1993), consistiria também no retorno a uma fase de ausência de estímulos anterior ao

nascimento. Essa fase, porém, seria a princípio a de unidade total, na qual através da existência intrauterina o organismo, já vivo, nada deseja e tudo tem. Maireno (2017) indica que no pensamento de Ferenczi existem dois tipos de retorno: um retorno ao Zero, ao inorgânico, e ao Um, a unidade total.

Ao final da parte filogenética, Ferenczi (1993) apresenta uma última catástrofe, já apresentada de forma simplificada em “*O Desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*” (1916c). Naquele texto, o período de latência que o indivíduo atravessa, de redução das atividades sexuais e de maior desenvolvimento moral e adaptação às normas sociais, fora comparado à era glacial atravessada pela humanidade. Em “*Thalassa*”, Ferenczi (1993) retoma essa ideia e complementa que tal era não apenas limitou o desenvolvimento do sentido de realidade erótica que já havia sido atingido, mas também contribuiu para maiores realizações intelectuais através de um maior desenvolvimento civilizatório visto a glaciação ter imposto um rebaixamento das pulsões eróticas²⁵. O autor reforça a relação proposta entre genitalidade e intelectualidade ao comentar que os primeiros amniotas vertebrados a desenvolverem órgãos de copulação foram também os primeiros nos quais o cérebro passou a mudar de formato.

As catástrofes no pensamento de Ferenczi (1993) podem, por fim, ser compreendidas como rupturas do que antes era um fluxo contínuo. Com o surgimento de um antes e um depois, manifesta-se a tendência de retomar o antes, a parte menos dividida, anterior do acontecimento catástrofico. O depois teria como meta final sempre a completude do antes. Desse modo, como colocado por Câmara e Herzog (2018), “onde há catástrofe e trauma o “desejo” há de advir” (p. 254). Essa observação sobre o desejo é compartilhada também por Kupermann (2019). Assim como em relação ao desenvolvimento do sentido de realidade do ego, o autor comenta que, mesmo na concepção bioanalítica de Ferenczi, “toda evolução adaptativa atende não apenas a necessidade de sobrevivência, mas também a um desejo” (p. 141).

²⁵ Corrêa (2019) aponta que Freud desenvolveu hipóteses similares sobre a influência da glaciação, dentre outras, no artigo descartado do “*Visão de conjunto das neuroses de transferência*”, originalmente planejado para o “Projeto Lamarck”. Figueiredo (1999) considera estar presente uma visão eurocêntrica nesse aspecto da teoria e aponta que a colocação de uma era glacial como desenvolvimento civilizatório parece refletir a crença de que populações de climas frios são mais civilizadas do que as encontradas em climas tropicais.

5.3 DESTRUIÇÃO E CRIAÇÃO

Após finalizar a formulação de suas hipóteses ontogenéticas e filogenéticas, algumas conclusões e proposições importantes baseadas no que fora anteriormente apresentado são formuladas por Ferenczi (1993) em uma terceira parte do texto, intitulada “Apêndice”. O autor divide o mesmo em duas novas seções “*Coito e sono*” e “*Conclusões bioanalíticas*”, nas quais apresenta também avanços em sua teoria sobre o sentido de realidade, sobre a tendência regressiva e suas relações com os impulsos progressivos e regressivos no psiquismo e na vida orgânica como um todo.

Ao retomar as ideias relacionadas ao ato sexual e ao sono, Ferenczi (1993) reafirma o caráter regressivo presente nos mesmos e apresenta diferenças entre a forma com que cada um busca esse objetivo. O sono realizaria a regressão de forma fantasística, negando em bloco todo o mundo externo e perturbador e concentrando toda sua atenção psíquica e fisiológica no processo de repouso. O ato sexual, por sua vez, atuaria de forma metade fantasística, metade real. O órgão de fato penetra o objeto de desejo no mundo externo, porém este apenas enquanto um substituto possível do verdadeiro objeto – o corpo materno que fora barrado pelo complexo de Édipo. O sono, além disso, utilizaria meios autoplásticos e projetivos, enquanto o ato sexual meios aloplásticos e introjetivos. Dessa maneira sono e coito estariam em polos evolutivos opostos. Enquanto o sono já é um meio de retorno possível ao nascer, para que a tendência regressiva seja realizada pelo coito, uma série de preparações devem antes ser desenvolvidas pelo organismo²⁶.

Apesar das diferenças, ambos levariam a um sentimento de satisfação perfeito, desprovido de desejos, e o mais próximo possível do restabelecimento da quietude uma vez encontrada dentro do ventre materno. Amor e sono, dessa forma, seriam uma espécie de “cura” contra a adversidade externa, uma paz, ainda que temporária, em meio ao desprazer. O sono contentaria-se em repetir a feliz situação intra-uterina, enquanto o ato sexual reproduziria também as lutas e triunfos.

Outra consideração feita por Ferenczi (1993) diz respeito ao tempo concedido, na vida do sujeito, às duas formas regressivas ao longo da vida. Enquanto o tempo concedido ao sono tende a diminuir ao longo da vida, o tempo concedido à atividade sexual aumenta. O recém-nascido dorme incontáveis horas por dia e tem um erotismo ainda primitivo, ao passo que o

²⁶ Para além de seus argumentos metapsicológicos, Ferenczi fornece também algumas evidências observáveis como diferenças nos ritmos respiratórios tanto durante o ato sexual quanto no sono, considerações sobre atividades musculares e a regulação térmica do indivíduo adormecido.

adulto sacrifica horas de sono para uma vida sexual ativa e, muitas vezes, chega a ter o sono perturbado pelo desejo sexual insatisfeito. Uma importante constatação é feita em relação à velhice. Segundo Ferenczi (1993), nessa fase da vida “o sono, tal como a pulsão genital, desaparecem progressivamente, talvez para ceder lugar as pulsões de destruição mais profundas” (p. 311).

Embora não utilize o termo “pulsão de morte”, e sim “pulsões de destruição”, o autor nesse momento parece se aproximar mais da concepção freudiana da pulsão de morte. Para Freud (2010a), são as pulsões de morte que teriam caráter regressivo e destrutivo, como nas manifestações do masoquismo e da compulsão à repetição, enquanto as pulsões de vida visariam a união e a complexidade. Essa associação quase exclusiva entre retorno e destruição parece não se encaixar completamente no pensamento de Ferenczi ao longo de “*Thalassa*” (1993), se apresentando apenas em momentos pontuais. Para ele, a destruição e as catástrofes se apresentam como causas necessárias para a evolução, seja ela da ordem da sexualidade ou da conservação da vida através de novos meios adaptativos. Até mesmo através da repetição, o indivíduo também obterá um ganho prazeroso ao celebrar o triunfo sobre um trauma.

É possível pensar que Ferenczi adota as ideias de retorno como presentes no conceito freudiano de pulsão de morte apenas no que se refere a um retorno direto ao inorgânico, a aniquilação total do indivíduo ou de parte dele. Qualquer destruição que incida sobre o organismo e não seja total parece adquirir em Ferenczi outro valor metapsicológico, diferente do em Freud. Como Ferenczi argumenta que, devido ao avanço da idade, seria gradativamente mais difícil transformar as destruições em adaptações mais complexas e eficientes, parece ser possível interpretar que ele compreende a ideia da pulsão de morte freudiana tradicional como uma tendência regressiva ainda mais arcaica do que a tendência de retorno ao útero e ao mar, indo ao encontro do que Freud (2010a) estabelecera. Ferenczi (1993), por sua vez, não se aprofunda na explicação dessas pulsões destrutivas e, como classificado por ele no caso da velhice, “mais profundas”. É como se a pulsão de destruição fosse uma espécie de último recurso regressivo do organismo. Nos termos numerais de Maireno (2017), na impossibilidade de tentar retornar ao Um na velhice, resta apenas retornar ao Zero²⁷.

Na última seção de “*Thalassa*”, Ferenczi (1993) propõe a existência de uma *ciência bioanalítica* – combinando biologia e psicanálise – dadas as elaborações e resultados

²⁷ Bissoli (2008) indica que Ferenczi retomará a hipótese da redução de pulsões de vida e aumento de pulsões de morte conforme a idade avança em textos clínicos posteriores.

alcançados nas investigações realizadas nesse texto²⁸. Acrescenta que, com tudo o que foi visto até então, é possível pensar a existência de uma espécie de inconsciente biológico. Visto que a tendência regressiva incidiria não apenas sobre o ser humano, mas também sobre a vida orgânica, as repetições teriam um sentido que apenas a proposição desse inconsciente poderiam satisfazer.

Esse ponto de vista é defendido através da constatação de que, assim como um ponto no espaço requer no mínimo três eixos de coordenadas, um fato psíquico também necessita ser visto por mais de um ângulo. O psiquismo, assim, teria um caráter pluridimensional e sobredeterminado. O que a psicanálise acrescentaria aos métodos de investigação tradicionais seria a atemporalidade dos traços mnêmicos, característica exclusiva da atividade psíquica inconsciente. Para Ferenczi (1993), não apenas traços mnêmicos provenientes da filogênese e da ontogênese seriam armazenados, como era pressuposto na psicanálise até então, mas haveria também um inconsciente biológico, o qual carregaria todos estes traços, incluindo a tendência arcaica de regressão a um estado anterior. Ao transferir o caráter atemporal do psiquismo para os acontecimentos biológicos, a existência de um inconsciente biológico permitiria explicar as repetições e, principalmente, a tendência regressiva universal.

Dentro dessa tendência regressiva universal existente no inconsciente biológico, Ferenczi (1993) indica que o coito e o sono representam “o ressurgimento de uma tendência muito mais arcaica e primitiva ainda (desejo pulsional da paz inorgânica, pulsão de morte)” (p. 317). O que ele parece fazer, assim como no caso da velhice anteriormente abordado, é explicitar que uma tendência ao inorgânico sempre esteve por trás da tendência regressiva. É importante notar que, nesse momento, o autor afirma claramente uma tendência à ausência de desejos inorgânica e novamente reafirma seu caráter mais arcaico; ele não se refere apenas ao retorno ao útero ou ao oceano primitivo como abordado anteriormente. Dada essa passagem, novamente torna-se possível inferir que Ferenczi faz uso do conceito freudiano de pulsão de morte apenas quando o mesmo aborda a morte em forma de destruição total, ou ao menos como uma forma de separar-se completamente de algo extremo em si mesmo de modo autotômico, como interpreta Figueiredo (1999).

Fica claro, em uma passagem na qual Ferenczi resume o que fora abordado até então, o aspecto complementar que progresso e regresso adquirem em seu pensamento. O contato com a realidade, dentro disso, se mostra fundamental:

²⁸ O autor também apresenta argumentos relativos a outros aspectos de sua teoria. Nos limitamos, devido ao propósito do presente trabalho, a apresentar apenas os relacionados ao sentido de realidade e a adaptação ao mundo externo.

De acordo com nossas conclusões extraídas de um estudo do “sentido de realidade” e com os estudos aprofundados de Freud sobre a vida pulsional, partimos, a fim de examinar a evolução da genitalidade, do fato de que só uma excitação exterior, privação ou catástrofe, pode ter forçado o ser vivo a mudar seus modos de funcionamento e sua organização. Nossa investigação mais minuciosa incidiu sobre esse trabalho de adaptação dos seres vivos que lhes foi imposto por uma das últimas catástrofes, a secagem dos oceanos. Sustentamos que esses seres se adaptaram, por certo, à nova situação, mas com a intenção secreta de restabelecer a antiga situação de quietude nesse novo meio o mais rápida e repetidamente possível (FERENCZI, 1993, p. 320).

Sono, coito, bolsa amniótica, fecundação interna e desenvolvimento intrauterino são para o autor diferentes meios e organizações, e aqui destaca-se a junção de fatores tanto biológicos quanto psíquicos, da tendência de reestabelecer uma fase ultrapassada da evolução. Tudo isso emergiria, para Ferenczi (1993), como uma espécie de retorno do recalcado. Assim como no plano do psíquico, haveria também uma espécie de censura biológica, que barraria atividades que não seriam interessantes para o organismo e permitira as que fossem. Uma espécie de princípio do prazer e de sua versão modificada, o princípio de realidade, também existiriam no plano biológico. Suas formas de atuação seriam semelhantes as de seus correspondentes psíquicos: se uma censura impedisse que o impulso regressivo se manifestasse, ele se tornaria progressivo e avançaria rumo a uma adaptação biológica de complexidade maior.

Ao final de “*Thalassa*”, Ferenczi (1993) aborda questões relacionadas às tendências das pulsões e de toda a vida orgânica. Segundo o autor, a primeira consequência de todo choque vindo do mundo externo seria despertar uma tendência à autotomia, enquanto manifestação da pulsão de morte. No caso de a perturbação ser violenta demais a ponto de ser traumática e não acompanhar a estrutura atual do organismo, haveria um descintrincamento pulsional no qual os elementos em decomposição seriam os materiais da evolução posterior. Dessa forma, é possível perceber que Ferenczi considera duas classes de pulsões a serem desintrincadas – as pulsões de vida, que buscariam a união e complexidade, e as de morte, de forma a excluir as partes desprazerosa do organismo. De acordo com Figueiredo (1999), “o que Ferenczi realmente considera essencial é, por exemplo, a autotomia, em que uma parte do organismo morre para que o conjunto sobreviva quando se dá um trauma, uma catástrofe” (p.206).

Esse processo é ilustrado por Ferenczi (1993) através das experiências do biólogo Jacques Loeb (1859-1924), as quais demonstraram que os óvulos do ouriço do mar, ao serem artificialmente fecundados com água do mar hipotônica durante os experimentos, morrem em sua periferia por citólise e, em seguida, formam uma membrana protetora que impede que o

interior se decomponha e permite, assim, que a célula possa iniciar seu desenvolvimento. O autor complementa ao dizer que a concepção bioanalítica aponta que, dessa maneira, os desejos visam retomar estados anteriores não apenas de vida, mas também de morte. O poder psíquico de materialização nesse processo não deve ser subestimado, visto a histeria ser uma evidência nítida da materialização do desejo, afirma o autor.

A evolução, além disso, poderia se dar de forma autoplástica ou aloplástica. Enquanto a primeira consiste na adaptação do próprio corpo às necessidades impostas pela realidade externa, a segunda consistiria no esforço para adaptar o mundo externo aos desejos do organismo. Essa última seria a mais eficaz, visto que “transformar o mundo externo é muito mais rápido que transformar o próprio organismo [...]” (FERENCZI, 1993, p. 323), além de demonstrar a importância e relevância do desenvolvimento de um sentido de realidade no processo de adaptação. Em uma nota posterior, Ferenczi (1955) diz que apenas um sentido de realidade bem desenvolvido pode proporcionar uma adaptação aloplástica efetiva.

Ferenczi (1993) toca, por fim, na questão da origem da vida, de forma a elucidar sua concepção sobre a origem da tendência à regressão e sua relação com os processos de destruição e criação. Segundo ele, no final de tudo, parece ser plausível admitir que não há uma desintração total entre as duas classes de pulsões. Ao se considerar que a vida veio do inorgânico, toda matéria morta conteria também um germe de vida, assim como a vida contém tendências regressivas que levam à morte. Para o autor, falar que o objetivo de toda vida é a morte, como afirmara Freud (2010a), é ignorar que o inorgânico poderia possuir, em si, algo que também produz vida. Ferenczi (1993) diz:

Mas talvez a morte “absoluta” nem exista; talvez o inorgânico dissimule germes de vida e tendências regressivas; ou talvez até Nietzsche tivesse razão quando disse: “Toda a matéria inorgânica provém da orgânica, é matéria orgânica morta. Cadáver e homem.” Nesse caso, deveríamos abandonar definitivamente o problema do começo e do fim da vida e imaginar todo o universo orgânico e inorgânico como uma oscilação perpétua entre pulsões de vida e pulsões de morte. Em que tanto a vida quanto a morte jamais conseguiriam estabelecer sua hegemonia (p. 325).

Gondar (2016) interpreta que, para Ferenczi, existiriam então tendências complementares de composição e de decomposição, de criação e destruição, e são a essas tendências que ele atribui às pulsões de vida e morte, distanciando-se do sentido estritamente freudiano. Vale lembrar que, como indica Bissoli (2008), o caráter regressivo, atribuído por Freud às pulsões de morte, também é parte essencial da concepção ferencziana da sexualidade, a qual Freud (2010a) aloca nas pulsões de vida. Assim, para esse autor, o que o organismo realmente busca é retomar uma etapa anterior, seja ela qual for. Em determinados pontos do texto, Ferenczi (1993) infere a existência de uma tendência de regressão ao

inorgânico, esta sendo ainda mais arcaica de que a tendência de regressão ao útero. O autor, contudo, não chega a desenvolver essas ideias, e acaba por considerar as tendências de vida e morte como igualmente importantes, ambas possuindo seu papel na manutenção do psiquismo e do organismo. Herzog e Pacheco-Ferreira (2015) concluem que, embora o conceito de pulsão de morte tenha um papel importante no pensamento de Ferenczi, ele parece não aceitar a hegemonia dessas pulsões. Isso se mostra claro ao final de *“Thalassa”*.

A partir do que foi acima exposto, é possível concluir que tanto as pulsões de morte quanto as pulsões de vida encontram um lugar próprio no pensamento de Ferenczi. Embora Ferenczi use o termo pulsão de morte no texto analisado predominantemente quando busca se referir a uma tendência à separação ou destruição total e absoluta do organismo ou de algo dele, sem chance aparente de uma nova reconstrução, ao final o autor passa a desconfiar até mesmo da concepção de um inorgânico absoluto. Não poderia haver, portanto, uma aniquilação total da vida. Haveria apenas um balanço, em maior ou menor escala, da destruição provocada por determinada catástrofe e da criação dela decorrente. Pulsões de morte e de vida, dessa forma, se complementariam mutuamente.

O desenvolvimento de um sentido de realidade, dentro disso, trabalha de modo a possibilitar o maior sucesso das tentativas de regresso, sendo influenciado por vivências psíquicas que se dão na ontogênese e na filogênese. Sua atuação acaba por levar a uma maior complexidade das adaptações impostas pela realidade externa e, logo, a maiores progressos. Tais progressos, como apontado por Ferenczi, poderiam ser vistos tanto no processo de desenvolvimento do Eu, quanto nos desenvolvimentos ontogenéticos e filogenéticos da espécie.

A teoria de Ferenczi sobre o desenvolvimento do sentido de realidade não finaliza aqui. Sua compreensão da pulsão de morte e sobre a destruição como causa da evolução²⁹ também apresenta novos desdobramentos tanto em sua teoria quanto em sua prática clínica posterior. Enquanto, em *“Thalassa”* (1993), Ferenczi aborda predominantemente as catástrofes e as adaptações, posteriormente em sua obra o autor virá a abordar os processos em si que levam às criações derivadas de tais destruições. Em um último texto metapsicológico sobre o sentido de realidade, chamado *“O problema da afirmação do desprazer”* (1927), o autor desenvolve hipóteses adicionais sobre essa parte de sua teoria.

²⁹ Essa linha de raciocínio de Ferenczi, de acordo com Gondar (2016), se mostrará cada vez mais essencial também em sua prática clínica.

6 O PROBLEMA DA AFIRMAÇÃO DO DESPRAZER

Em “*O problema da afirmação do desprazer*” (1927), Ferenczi mais uma vez retoma sua teoria sobre o sentido de realidade. Embora a relação do sujeito com a realidade tenha sido amplamente abordada pelo autor em publicações anteriores, os processos internos que permitem e acompanham a passagem do estado de onipotência ao de realidade ainda não se mostravam completamente esclarecidos. Segundo Ferenczi (1927), até aquele momento “nossa compreensão dos fundamentos mais profundos do psiquismo – especialmente da vida pulsional – ainda não era suficientemente avançada para permiti-lo” (p. 367). Nesse artigo, o autor tenta preencher, então, essas lacunas de sua teoria.

Além de apresentar ideias novas, Ferenczi também complementa hipóteses já apresentadas em “*Transferência e Introjeção*” (1916a) e “*O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*” (1916c), como comentam Bissoli (2008) e Maireno (2017). Acrescentamos que o autor também desenvolve ideias já abordadas em “*Thalassa*” (1993).

6.1 PROCESSOS INTERNOS NO RECONHECIMENTO DA REALIDADE

Como apontam Balint (1967), Herzog e Pacheco-Ferreira (2015) e Caropreso (2019), Ferenczi considera ser possível complementar sua teoria sobre a aquisição do sentido de realidade a partir do segundo dualismo pulsional e de hipóteses apresentadas por Freud em “*A Negação*” (2011a). Nesse texto, Freud introduz a ideia de um mecanismo psíquico que possibilitaria a chegada de um conteúdo desprazeroso à consciência. Tal conteúdo poderia tornar-se consciente, ainda que não fosse aceito, através de sua *negação*, visto que afirmar sua existência acarretaria na produção de desprazer. Sobre esse mecanismo, o autor diz: “com ajuda da negação é anulada apenas uma consequência do processo de repressão, o fato de seu conteúdo ideativo não chegar a consciência. Daí resulta uma espécie de aceitação intelectual do reprimido, enquanto se mantém o essencial da repressão” (FREUD, 2011a, p. 251).

Ferenczi (1927) argumenta que, a partir das ideias de Freud, é possível perceber que a negação da realidade consiste em uma fase intermediária entre a ignorância e o reconhecimento da mesma. Inicialmente, os processos primários tentariam ignorar o desprazer através da alucinação negativa, o que se mostraria insuficiente. Em seguida, haveria a possibilidade de aceitação do conteúdo que gera desprazer, através de sua negação. O autor, logo, guia suas ideias a partir do pressuposto de que algo ainda seria necessário para que, finalmente, o conteúdo negado fosse aceito e sua existência afirmada. Ele comenta:

Uma questão logo surge naturalmente: o que deve acontecer de modo que o último obstáculo à aceitação também seja removido, e que a afirmação de um uma ideia desprazerosa (ou seja, o desaparecimento completo da tendência para a repressão) passe a ser possível? (FERENCZI, 1927, p. 368, tradução nossa)

A afirmação do desprazer, dessa forma, seria o último passo necessário para o reconhecimento da realidade. Balint (1967) considera que o problema de como se daria a aceitação do desprazer consiste no problema fundamental do processo de adaptação como um todo, ponto esse crucial na obra de Ferenczi. Dessa forma, como aponta Caropreso (2019), o problema do desenvolvimento do sentido de realidade é, também, o problema da aceitação do desprazer.

Ferenczi (1927) argumenta que, com base no texto de Freud, é possível concluir que a afirmação do desprazer se dá através de um processo duplo: primeiro nega-se o desprazer enquanto fato e, em seguida, é necessário que essa mesma negação seja negada. A afirmação, assim, resultaria de duas negações. Para que esse processo pudesse ocorrer, entretanto, a existência de uma espécie de compensação seria necessária. Um desprazer só seria aceito de forma a evitar outro desprazer ainda maior.

Esse pensamento pode ser compreendido, diz Ferenczi (1927), através dos casos da transferência na situação analítica, assim como a partir do que ocorre com a fome durante a passagem dos processos primários aos secundários³⁰. Através do amor transferencial, o paciente é capaz de afirmar até o que é mais doloroso em troca do amor do analista. Ao fim do tratamento, caso não encontrasse, na realidade, compensações a esse amor, o paciente voltaria ao estado de negação e, conseqüentemente, à neurose. Balint (1967) acrescenta que a quantidade de desprazer aceito se relaciona tanto à capacidade inata do indivíduo de tolerar o desprazer quanto seu histórico individual, que determina a quantidade de desprazer que ele consegue tolerar, com base em seu desenvolvimento psíquico.

No caso da fome, como abordado anteriormente, após o fracasso do modo alucinatorio como tentativa de satisfazê-la, o bebê reconhece o desprazer imposto pelo mundo externo e precisa desenvolver outras formas de obter a satisfação real. Não reconhecer esse desprazer, logo, geraria ainda mais desprazer, de modo que sua aceitação é o que causa o menor dos danos. Esse ponto, como ressalta Caropreso (2019), já era evidente tanto no pensamento freudiano como no artigo sobre a aquisição do sentido de realidade (Ferenczi, 1916c). No entanto, Ferenczi considera que algo novo ainda precisa ser acrescentado para que esse processo seja devidamente compreendido.

³⁰ Ferenczi retoma esse exemplo de “*A Interpretação dos Sonhos*” (FREUD, 2012).

Para aprofundar essas ideias, Ferenczi (1927) retoma os primórdios do desenvolvimento do psiquismo. Segundo ele, a criança inicialmente não reconhece o mundo a sua volta, tendo seus desejos atendidos instantaneamente e, assim, desconhecendo a realidade externa. Como o mundo não é reconhecido, não é possível que se direcione sentimentos a ele, de forma que a criança vive em um estado de narcisismo primário. Essa é uma ideia que se encontra desde cedo em seu pensamento. Desde “*Transferência e Introjeção*” (FERENCZI, 1916a), o autor já considerava que a criança inicialmente vive o mundo de forma monista e que é apenas através da percepção de que o mundo não responde sempre ao seu desejo que um dualismo entre o eu e o mundo externo pode surgir.

O que Ferenczi (1927) apresenta de novo agora é a conclusão de que, a partir do desprazer provocado pela destruição fisiológica nos tecidos devido a ausência de alimento, ocorre uma espécie de *desintrincamento pulsional*³¹. Esse desintrincamento se manifestaria, a princípio, através de descargas motoras desordenadas, como o choro. Contudo, ao reencontrar o seio materno, a criança não mais seria indiferente à existência do mesmo, visto ele não estar mais ininterruptamente presente. O seio se tornaria objeto de ódio, devido à sua ausência momentânea, e de amor, por conta do reencontro e da satisfação do desejo. Assim, ele se tornaria uma primeira representação de objeto, ainda que rudimentar.

Brum (2019) interpreta que ocorreria nesse momento, uma segunda introjeção. Inicialmente, no período monista, há um período inicial de introjeção de elementos do mundo. Após a projeção primária de elementos do eu no mundo, haveria então um novo processo introjetivo³². Esse, entretanto, seria não de elementos do mundo, mas sim de suas características, traços e sentidos. A autora aponta que esse segundo momento de introjeção não seria mais inaugural, mas sim um processo do aparelho psíquico em si que permitiria a relação com os objetos do mundo externo.

Com base no que Ferenczi (1927) traz no presente texto, torna-se legítimo concluir que, de fato, o psiquismo viveria primeiramente estágios introjetivos e em seguida projetivos, como o autor cogitou anteriormente (1916c). A introjeção inicialmente se daria, portanto, a partir de um movimento de apropriação e, posteriormente, reapropriação da realidade.

Esse processo de reencontro do seio materno, segundo Ferenczi (1927), ilustra outra hipótese freudiana também presente em “*A Negação*” (2011a). De acordo com Freud, o primeiro objetivo do teste de realidade seria não de encontrar um objeto, mas sim reencontrá-

³¹ “*Desfusão pulsional*” em algumas traduções (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992).

³² A isso Ferenczi (1916a) chama, em um primeiro momento, de “transferência primordial” (*primordial transference*). A questão da tradução de “transferência primordial” como “introjeção primitiva” e sua relação cronológica com a projeção primitiva já foi abordada no Capítulo 2.

lo. Logo, para que algo seja reencontrado, diz o autor, é necessário que anteriormente ele também tenha sido perdido. A partir disso, e indo ao encontro dessas ideias, Ferenczi (1927) complementa: “somos tentados a acrescentar que a ambivalência acima indicada, ou seja, o desintrincamento pulsional, é uma condição absolutamente necessária para que apareça uma ideia concreta” (p. 371). Dessa maneira, conclui o autor, o sujeito não toma conhecimento daquilo que o ama incondicionalmente, mas apenas o inclui em seu Eu. Por outro lado, aquilo que lhe é sempre hostil é recalcado. Apenas o que é momentaneamente amado e momentaneamente odiado, que não está sempre à disposição, mas sempre é perdido e reencontrado, dá origem a traços mnêmicos através das oscilações entre prazer e desprazer.

É possível perceber que, em consonância com a importância gradativamente maior que Ferenczi atribui ao desprazer imposto pelo mundo externo, enquanto mecanismo adaptativo, no decorrer de sua teoria, o autor agora considera que a vivência de um desprazer seria importante até para o primeiro processo de reconhecimento da realidade. Tanto o desintrincamento pulsional quanto as primeiras projeções e introjeções, resultantes do fim da percepção monista do mundo, se encontram diretamente relacionados às consequências do desprazer impostos pela realidade.

As características das duas classes de pulsões liberadas pelo desintrincamento, por sua vez, também teriam seu papel nesse processo. O sujeito, aponta Ferenczi (1927), preferiria ter ficado em paz e, em estado de repouso, as duas espécies de pulsão permaneceriam mutuamente neutralizadas. Entretanto, a interferência do desprazer causado pelo mundo externo acarretaria um desintrincamento pulsional e liberaria o componente agressivo das pulsões, o qual buscaria satisfação na destruição do objeto perturbador. O componente amoroso, por sua vez, também procuraria sua satisfação e se manifestaria como amor ao objeto inicialmente hostil. Como observa Caropreso (2019), a ambivalência resultante do desintrincamento pulsional, dessa maneira, também seria condição para a aquisição do sentido de realidade. Ferenczi (1927) diz:

O aparecimento da ambivalência seria, portanto, uma espécie de medida defensiva, instituindo a capacidade geral para a resistência ativa que significa, assim como o fenômeno psíquico que o acompanha, o reconhecimento do mundo objetivo, um dos meios de obter maior controle sobre ele (p. 372, tradução nossa).

Essa ambivalência, a princípio, se manifestaria de forma completamente desordenada, caótica e sem maior controle. Segundo Ferenczi (1927), a partir da ambivalência seria possível a criação de traços mnêmicos e, logo, de representações dos objetos, o que permitira assinalar ou refutar a existência e permanência dos objetos na realidade, seria

necessário também que o sujeito desenvolvesse uma espécie de “visão objetiva” em relação aos mesmos. Desse modo, não haveria uma alternância tão intensa entre os pólos extremos de amor e ódio inicialmente vivenciados.

Ferenczi (1927) formula a hipótese de que essa objetividade seria alcançada a partir de um novo intrincamento pulsional. Uma vez realizado o reconhecimento do objeto na realidade, um novo intrincamento pulsional deveria ocorrer, o que asseguraria uma maior objetividade. Esse intrincamento inibiria a ação frente ao objeto, de forma a adiá-la até que as realidades externa e de pensamento se tornassem semelhantes. A partir disso, um equilíbrio poderia ser encontrado, através da neutralização mútua das tendências de amor e ódio, e um maior grau de objetividade seria atingido. De acordo com Reis (1997), os desintrincamentos e novos intrincamentos pulsionais funcionariam como motores do funcionamento psíquico, na forma de movimentos oscilatórios de rupturas e ligações.

Segundo Ferenczi (1927), esse desenvolvimento da capacidade de objetividade se manifestaria em diferentes graus ao longo do desenvolvimento do sentido de realidade. O maior nível de objetividade poderia ser encontrado no último estágio do sentido de realidade, o período científico, o qual seria marcado também pelo equilíbrio dos mecanismos de projeção e introjeção (Ferenczi, 1916c, 1927). Dessa forma, é possível concluir que uma maior objetividade seria atingida não apenas pelo equilíbrio entre as tendências pulsionais, como também pelo equilíbrio no direcionamento dessas tendências – interno ou externo – através destes mecanismos.

Dentro disso, argumenta Ferenczi (1927), o primeiro passo no reconhecimento do mundo externo consiste em perceber que coisas boas, anteriormente tidas como parte do eu, são na verdade objetos externos – como o seio materno. Em contrapartida, seria necessário se dar conta também de que elementos hostis habitam o próprio eu, não sendo sempre provenientes do mundo externo. O passo seguinte consiste em aceitar que é necessário renunciar a elementos do mundo externo que eram tidos como amados e dos quais que, por imposição da realidade, fomos privados. Outro passo, paralelo a este último como indica Bissoli (2008), se daria pelo reconhecimento de desejos recalcados, os quais tiveram sua realização negada. Através do novo intrincamento pulsional as pulsões de vida entrariam em cena de forma a inibir a agressividade direcionada às fontes de desprazer, e os objetos externos passariam a ser reconhecidos de forma mais objetiva e equilibrada.

É importante ressaltar que Ferenczi (1991a), anteriormente, havia afirmado que todo amor é egoísta. Como o amor a um objeto se daria apenas através do processo de introjeção do mesmo no eu, em sua esfera de interesses, o autor comenta que “amar a outrem equivale a

integrar esse outrem no seu próprio ego” (p. 181). Só é possível amar, dessa maneira, aquilo do mundo externo que estiver incorporado ao eu. Essa hipótese fica evidente e é desenvolvida em sua teoria sobre o sentido de realidade. O reconhecimento da realidade seria proporcionado apenas pela aceitação do desprazer, logo, diz o autor: “[...] uma quota de Eros, *i.e.* amor, é necessária para esse reconhecimento, e como isso seria inconcebível sem introjeção, *i.e.* identificação, somos forçados a dizer que reconhecer o mundo consiste em uma realização parcial do imperativo cristão “Ame seus inimigos” (FERENCZI, 1927, p. 374).

Ao seguir um modo de argumentação já adotado em “*Thalassa*” (FERENCZI, 1993), Ferenczi (1927) fornece um exemplo do mundo biológico que corresponderia ao processo de adaptação à realidade. De acordo com o autor, certos organismos primitivos teriam permanecido no estágio narcísico e aguardado a satisfação de seus desejos de forma completamente passiva. No caso de não terem suas necessidades satisfeitas, esses organismos morreriam. Esse exemplo seria uma ilustração de que a aceitação de um desprazer imposto pelo mundo externo teria também um caráter evolutivo e adaptativo:

Esses seres encontram-se ainda tão próximos do ponto de emergência para fora do inorgânico que sua pulsão de destruição tem muito menos caminho de volta a percorrer, ou seja, é muito mais forte. Num estágio mais evoluído, o organismo é capaz de rejeitar partes de si mesmo que constituem fontes de desprazer e assim salvar sua própria vida (autotomia); uma vez considerei essa espécie de sequestro como o protótipo fisiológico do processo de recalçamento. É preciso esperar uma outra etapa do desenvolvimento para que seja criada a faculdade de adaptação à realidade – uma espécie de reconhecimento orgânico do mundo exterior, para assim dizer; podem ser vistos exemplos no modo de vida de organismos que vivem em simbiose, mas o fato é patente em todo ato de adaptação (FERENCZI, 1927, p. 375, tradução nossa).

Ferenczi (1927) complementa que há, contudo, certa divergência entre o processo de adaptação orgânica e o de adaptação psíquica. Enquanto o primeiro é dotado de maior rigidez, manifesta pelos processos reflexos, o segundo comporta uma disposição permanente para reconhecer novas realidades, assim como a capacidade de inibir uma ação até o término do processo de pensamento. Já a autotomia, como indicam Mello e Herzog (2009), seria como um sacrifício de parte de si em detrimento da sobrevivência do Eu como um todo, presente tanto na vida orgânica quanto psíquica.

Haveria, assim, diz Ferenczi (1927), um grau diferente de inteligência entre o Id, formado apenas por processos primários, e o Eu, o qual já engloba processos secundários e é capaz de realizar a função intelectual. Em “*Thalassa*” (1993), além disso, Ferenczi já havia desenvolvido a hipótese um inconsciente biológico que carregaria conteúdos adaptativos

filogenéticos. Naquele texto, entretanto, o autor não utiliza os termos da segunda tópica freudiana como o faz no texto sobre a afirmação do desprazer. Ferenczi (1927), agora, reconhece um “Id orgânico”, presente também nos trabalhos de Georg Groddeck (1866-1934). O Id, dessa maneira, seria mais primitivo e carregaria determinados traços filogenéticos. O Eu, por sua vez, devido a capacidade de inibir a ação por meio dos processos secundários, estaria mais apto a adaptar-se à realidade e a modificá-la a seu favor através da intelectualidade.

De acordo com Ferenczi (1927), uma mudança na direção dos impulsos masoquistas oriundos das pulsões destrutivas seria provocada durante o processo de inclusão de partes hostis do mundo externo no Eu e de renúncia às partes amadas do mesmo. Tais impulsos destrutivos, dessa maneira, acabariam por retornar ao próprio sujeito. Caropreso (2019) interpreta que esse redirecionamento do masoquismo pode ser compreendido de duas formas. A primeira consiste em destruir partes que antes o Eu acreditava pertencer a si, mas não pertencem e precisam ser renunciadas; a segunda consiste no retorno ao Eu de partes hostis que o mesmo projetou no mundo, de modo que a agressão a elas direcionada acaba por voltar-se também a ele próprio. A partir disso ocorreria, portanto, um processo de autodestruição de partes do Eu.

No texto “*Thalassa*” (FERENCZI, 1993), Ferenczi já argumentara que as catástrofes impostas pelo mundo externo seriam condição para o desenvolvimento da vida. Em 1926, ele acrescenta que essa autodestruição de partes do Eu também seria “causa do devir”³³ (FERENCZI, 1927). Uma autodestruição parcial seria tolerada desde que, a partir dela, fosse possível construir um Eu ainda mais resistente. Seria, então, através da intervenção das pulsões de vida, libertas pelo processo de desintrincamento pulsional, que tal destruição seria transformada em criação.

Os processos internos do Eu de criação e do desenvolvimento do sentido de realidade, assim como o processo de evolução e adaptação abordado em “*Thalassa*” (1993), seriam herdeiros de impressões traumáticas. Kupermann (2019) considera que, desde aquele texto, a destruição possuía também uma dimensão estruturante. Ferenczi (1927), agora, acrescenta que os processos criativos se dariam, de fato, através do trabalho coletivo entre as pulsões de morte e de vida. Seriam essas criações impulsionadas pelas destruições, como indicam

³³ Ferenczi se refere, nessa passagem, ao texto publicado por Spielrein em 1912, “*A destruição como causa do devir*” (Spielrein, 2014). Nesse trabalho, a autora também discute sobre a criação como consequência da destruição, porém dentro dos contextos de sua própria teoria (Caropreso, 2017, 2019).

Caropreso (2019) e Rudge (2003), que possibilitariam o conhecimento e a adaptação à realidade. Ferenczi (1927) diz:

A psicanálise, como toda psicologia, também se choca um dia com a rocha do orgânico quando sonda as profundezas. Não possuo hesitações em considerar os próprios traços mnêmicos como cicatrizes, por assim dizer, de impressões traumáticas, produtos da pulsão de destruição que Eros, incansável, consegue empregar para seus próprios fins, ou seja, para a preservação da vida. Faz deles um novo sistema psíquico que permite ao eu orientar-se melhor em seu meio ambiente e formar julgamentos mais sólidos. De fato, só a pulsão de destruição “quer o mal” e é Eros quem disso “extraí o bem” (p. 377-378, tradução nossa).

Os movimentos de quebra e o próprio trauma, de acordo com Brum (2018), são reconhecidos por Ferenczi como possuindo uma faceta criativa, participando conjuntamente de uma composição vital ampla. Segundo essa autora, “[...] o movimento de aniquilação passa a ocupar um lugar de resistência, a partir do qual ocorre a manutenção da vida” (p. 138).

A destruição, como é possível perceber, se mostra um dos pontos chave no pensamento de Ferenczi. Seja ela imposta pela realidade externa ou causada por mecanismos internos, é tida como condição para qualquer espécie de evolução, adaptação e criação, sob a intervenção das pulsões de vida. O autor supõe a existência de uma espécie de “máquina de calcular”, presente desde a aceitação do primeiro desprazer, tendo em vista evitar um desprazer maior, “[...] cuja existência nos põe diante de questões de resolução talvez ainda mais enigmáticas” (FERENCZI, 1927, p. 370).

A palavra “contar” (*reckon*), indica Ferenczi (1927), possui dois significados que permitem explicitar seu pensamento. O primeiro deles é o sentido de reconhecer algo como um fato. O segundo consiste em escolher entre duas coisas que podem oferecer um prazer maior ou menor. Todo o processo de pensamento, dessa forma, realizaria essas operações matemáticas e certificatórias de forma inconsciente, e apenas o resultado das mesmas poderia emergir na consciência. A capacidade do sujeito de calcular com maior ou menor precisão suas ações estaria diretamente relacionada às suas lembranças, estas compreendidas como uma soma de impressões sensíveis, ou seja, um histórico de reações psíquicas aos mais diversos estímulos ao longo da vida. As lembranças, dessa maneira, seriam os elementos fundamentais na realização desses cálculos. Brum (2018) considera que esse mecanismo matemático é fundamental para apontar as formas mais efetivas de manutenção da vida no aparelho psíquico. Não deixando de lado o paralelo orgânico, como proposto por sua metodologia utraquista, Ferenczi (1927) também infere que “a matemática psíquica seria apenas um prolongamento da matemática orgânica” (p. 379).

O processo de afirmação do desprazer e de adaptação do eu à realidade, dessa maneira, consiste em um processo complexo, que tem início já nos primórdios do psiquismo. Após a primeira experiência desprazerosa do indivíduo, que até então percebia o mundo de forma monista e onipotente, ocorreria um desintrincamento pulsional. A ambivalência entre amor e ódio dele resultante permitiria a criação de traços mnêmicos e representações de objeto. Devido à polaridade caótica dos impulsos de amor e ódio ocorreria, então, um novo intrincamento pulsional, de forma a neutralizar esses impulsos e garantir uma visão mais objetiva da realidade.

Entretanto, com a incorporação de elementos hostis do mundo externo no eu e a constatação de que também há elementos desprazerosos no mesmo, a agressividade direcionada ao objeto pela ação da pulsão de morte acabaria por também voltar-se ao eu. A partir da autodestruição provocada por esse movimento, a pulsão de vida interviria de modo a criar uma forma mais complexa e adaptada do eu frente à ação daquele desprazer que inicialmente fora a causa da autodestruição.

Todo esse processo poderia se dar apenas a partir de cálculos internos inconscientes entre prazer e desprazer. Também é esse processo o que, por fim, permitiria que o sentido de realidade se desenvolvesse e, posteriormente, alcançasse seu ápice, de forma a melhor adaptar o sujeito em sua relação com o mundo externo.

6.2 O TRABALHO CONJUNTO DA DESTRUIÇÃO E DA CRIAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO

Após a discussão das questões acima abordadas, é possível pensar que essas ideias também complementam o que foi abordado por Ferenczi em “*Thalassa*” (1993). Naquele texto, o autor foca predominantemente os aspectos ambientais do processo de adaptação à realidade na ontogênese e na filogênese, como constata Figueiredo (1999), e não deixa claro quais seriam os processos internos envolvidos na adaptação às catástrofes vivenciadas e na transformação de seus efeitos em novas criações. A intervenção das pulsões de vida após os traumas e destruições descrito em “*O problema da afirmação do desprazer*” (FERENCZI, 1927), dessa maneira, parece encaixar-se bem na ideia de que a destruição teria como consequência a criação e a adaptação.

Ao final de “*Thalassa*” (FERENCZI, 1993), Ferenczi também comentara que, a partir de uma perturbação externa, seria produzido um desintrincamento das pulsões. Ele afirma que “[...] os elementos desse começo de decomposição passam a ser os materiais da evolução

ulterior” (p. 321). O que o autor faz no texto de 1926 é desenvolver esse conceito e alocá-lo como um dos fatores estruturantes do psiquismo já nos primeiros momentos da vida.

Em textos anteriores, entretanto, Ferenczi (1916c, 1993) colocara a tendência à regressão a um estado de ausência de desejos encontrado no útero materno como causa principal da adaptação a uma nova realidade, apenas pontualmente indicando a existência de uma tendência ainda mais arcaica de retorno ao inorgânico. No texto sobre a afirmação do desprazer (FERENCZI, 1927), por sua vez, essa tendência regressiva ao útero não volta a ser abordada de forma explícita. O autor parece colocar a tendência de retorno à paz inorgânica, como mais primitiva, e indicar que ela é o que possuiria uma característica criativa, através da manifestação destrutiva da pulsão de morte e da intervenção da pulsão de vida. As tendências de retorno ao útero (FERENCZI, 1916c) e ao oceano primitivo (FERENCZI, 1993) seriam, logo, posteriores a essa primeira tendência. O retorno a um estado de ausência de desprazer, ainda assim, permanece sendo o que o organismo visa alcançar, seja a paz de tudo ter ou de nada ter.

Essa hipótese de que a destruição é o impulso para a criação, contudo, não parece estar em Freud. Apesar dessa importante divergência, segundo Maireno (2017), “talvez seja nesse trabalho que a noção de pulsão de morte, tal como originalmente concebida por Freud, com todas as suas nuances mortíferas e destrutivas, se apresente de forma mais plena num texto de Ferenczi” (p. 177). Isso traz novas implicações para a teoria adaptativa de Ferenczi. Herzog e Pacheco-Ferreira (2015) ilustram bem essas implicações ao comentar que Ferenczi, ainda que reconhecesse os efeitos destrutivos da pulsão de morte, recusou-se em considerá-los os protagonistas de uma tendência única, ainda que extremamente necessários e com um importante papel.

Uma dessas implicações consiste na possibilidade de explicar a razão de certas quantidades de desprazer serem admitidas no eu e também a renúncia de suas próprias partes amadas. Segundo Ferenczi (1927), a aceitação compensatória de um desprazer provisório na evitação de um desprazer maior de maneira passiva, sem que uma destruição também se dê, não traria o ganho secundário proporcionado pelas pulsões de vida em seguida. Essa tentativa regressiva, embora ocorra com certa frequência, tornaria o indivíduo inerte, visto que sem destruição não haveria possibilidade de reconstrução. Ele diz:

Essa explicação pode convir em muitos casos; existem evidências disso na capacidade de regredir para comportamentos ultrapassados há muito tempo e até mesmo arcaicos – capacidade potencialmente preservada e reativada em certas circunstâncias. O que parece adaptação, portanto, seria apenas uma atitude de espera e de expectativa do retorno aos “bons tempos antigos”, diferenciando-se apenas em grau do comportamento dos rotíferos, que se

ressecam durante anos na expectativa de umidade (FERENCZI, 1927, p. 376, tradução nossa).

A tendência à regressão sem a incidência de uma perda, dessa maneira, também operaria e explicaria uma parte dos fenômenos adaptativos, mas não todos. O que Ferenczi (1927) acrescenta, nesse momento, é a consideração de que, para que uma adaptação possa se dar, de fato, é necessário que uma autodestruição parcial também se dê. Com isso, para além das pulsões de vida, todo esse processo criativo e adaptativo se daria também com a ação da pulsão de morte, concebida como manifestação de uma tendência autodestrutiva ativa de retorno ao inorgânico.

Como comenta Bissoli (2008), alguns eventos do domínio psíquico fugiriam à lei da compensação visto que, como também indica Rudge (2003), algumas perdas seriam irreparáveis. Essa lógica compensatória, entretanto, não é abandonada por completo, ao se considerar que uma autodestruição só seria aceita pelo Eu na medida em que fosse encontrado um benefício ainda maior na mesma pelo intermédio posterior das pulsões de vida (Bissoli, 2008).

Visto que seria uma primeira destruição de tecidos corporais e a sensação de desprazer durante a fome, como abordado anteriormente, que provocaria o desitrincamento pulsional, passa a ser legítimo considerar que, de fato, é o desprazer e a destruição de partes de si o que, desde o princípio, traz como consequência não apenas a criação, como também a adaptação. A tendência destrutiva, dessa maneira, seria de fato arcaica, ainda que as pulsões de vida intervissem de maneira criativa em seguida.

Uma semente da dualidade primordial entre destruição e criação no desenvolvimento orgânico e psíquico também já pode ser encontrada na parte final de “*Thalassa*” (1993), na qual Ferenczi cogita que o inorgânico também conteria um germe de vida, e a vida um germe de morte. Ambas as tendências pulsionais, destrutivas e criativas, seriam igualmente importantes e parecem estar presentes de maneira indissociável desde o princípio (Gondar, 2016). A vida sem a (auto)destruição provocada pelo desprazer não iria para frente, da mesma maneira que, sem a vida, não haveria o que ser destruído. Como diz Ferenczi (1927), nada ocorreria enquanto as tendências das duas classes de pulsão estivessem em repouso. A compensação entre prazer e desprazer presente no comportamento regressivo seria, dessa maneira, reflexo de uma ainda mais arcaica – a de destruição e criação.

O retorno ao Um, gradativamente mais explorado ao longo do pensamento de Ferenczi, parece ser, nesse momento, apenas mais um desdobramento da tendência original de retorno ao Zero – um zero acidentalmente criativo, graças a Eros. Isso pode ser observado

quando, ao abordar a questão do retorno do masoquismo ao Eu, Ferenczi (1927) comenta que “[...] a tendência para a autodestruição, para a morte, é a mais primitiva, e só no curso do desenvolvimento passa a ser dirigida ao exterior” (p. 376) e, logo em seguida, aponta que é essa mesma autodestruição que traz o devir, pois a pulsão de vida também é conjuntamente liberado no desintrincamento pulsional.

À luz dessa novas colocações torna-se possível pensar que, quando Ferenczi (1993) argumenta que as pulsões de destruição são predominantes na velhice, isso não se daria por conta da impossibilidade de uma nova adaptação regressiva por meio da genitalidade, como pensado naquele momento. Se daria, na verdade, apenas pelo rebaixamento das ações das pulsões de vida. As pulsões de morte estariam exercendo o trabalho arcaico que sempre exercem, apenas Eros que não se faria mais frequentemente presente e, conseqüentemente, não possibilitaria novas formas de viver. A máquina de calcular, nesse caso, parece ir aceitando a morte como o menor dos desprazeres.

Ao final dessa discussão, é possível concluir que o desenvolvimento do sentido de realidade, dessa forma, pode ser compreendido como derivado de uma série de ataques sofridos pelo Eu vindos da realidade externa – e também por ele próprio. Através dos desprazeres gerados e dos subsequentes desintrincamentos e novos intrincamentos pulsionais, as autodestruições provocadas pelo retorno do masoquismo são transformadas em novas criações pelas pulsões de vida, dando origem a estágios cada vez mais complexos e equilibrados de vida e de funcionamento psíquico. Ao final do texto, Ferenczi (1927) enfatiza o papel das pulsões de vida nesse processo:

O reconhecimento do mundo exterior, ou seja, a afirmação da existência de algo desprazeroso, só é possível após o abandono da defesa contra os objetos que são fontes de desprazer e de sua negação, e seus estímulos sendo incorporados no eu e transformados em impulsos internos. A força que realiza essa mudança é Eros libertado pelo desintrincamento pulsional (p. 379, tradução nossa).

Todo esse processo, como conclui Caropreso (2019), é o que possibilitaria a existência do conhecimento, do juízo, da memória e da adaptação à realidade, tendo sempre como ponto de partida a destruição de partes do Eu e, não obstante, também as limitações impostas pela realidade externa. Gondar (2016) considera que, além de novas possibilidades de existência subjetiva, a destruição também proporcionaria novas formas de existência culturais. As pulsões de morte e de vida, dessa maneira, seriam impulsoras do desenvolvimento psíquico, estando vinculadas aos processos criativos e ao desenvolvimento do sentido de realidade de maneira conjunta.

7 CONCLUSÃO

Através das formulações de Ferenczi apresentadas ao longo desse trabalho, é possível reconhecer não apenas as adições feitas pelo autor ao que foi anteriormente iniciado por Freud, como também a originalidade de suas próprias formulações teóricas na construção de sua obra. Partindo da primeira concepção freudiana do aparelho psíquico e de sua regulação pelos princípios de prazer e realidade, Ferenczi se dedica a compreender, de forma detalhada, como ocorre a passagem do primeiro para o segundo desses princípios.

A divisão em uma série de estágios do processo de sobreposição do princípio de realidade ao princípio do prazer, assim como sua teoria sobre os processos internos que acompanham essa passagem, complementam ricamente a lacuna teórica deixada por Freud e pode ser considerada um ponto chave da teoria metapsicológica de Ferenczi, que ganha seus próprios contornos e se estende por toda sua obra. O autor contribui para a compreensão de aspectos importantes do desenvolvimento do psiquismo ao esclarecer, a partir de suas hipóteses, como se dá a diferenciação entre os mundos interno e externo, como se dá a aquisição da consciência, da capacidade de conhecimento, assim como o processo de adaptação do indivíduo à realidade externa.

Ao abordar o desenvolvimento do eu e dos processos psíquicos a partir do período pré-natal e da primeira infância em “*O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*” (1916c), Ferenczi leva a psicanálise a terrenos até então não tão profundamente adentrados. Dentro disso, o autor propõe ideias originais, como a existência de uma tendência a resgatar a sensação de onipotência que uma vez teria sido experienciada dentro útero, onde tudo se tinha e nada se desejava. Essa jornada, que desde o princípio já teria seu destino inatingível, acabaria por proporcionar ao eu formas mais complexas de existir. Em um movimento paradoxal, as barreiras impostas pelo mundo externo à realização total dos desejos acaba por levar os mesmos a uma maior complexificação. De acordo com Caropreso (2019), ao considerar o psiquismo a partir do período pré-natal, Ferenczi recua ainda mais o estudo do início da vida psíquica em relação ao pensamento freudiano. Suas hipóteses sobre a introjeção e as primeiras relações de objeto vieram posteriormente a influenciar o pensamento de autores como Melanie Klein (LIKIERMAN, 2012) e Donald Winnicott (KUPERMANN, 2019), o que novamente ressalta a importância de suas formulações.

As ideias de pulsão de morte e compulsão à repetição, introduzidas em “*Além do Princípio do Prazer*” (FREUD, 2010a), afetam diretamente a concepção da relação do sujeito com a realidade, ainda que os pressupostos por trás desses dois conceitos já estivessem

presentes em elementos prévios da teoria freudiana. O autor passa a reconhecer explicitamente uma tendência regressiva do organismo, essa, entretanto, ao inorgânico. A compulsão à repetição manifestaria essa tendência ao tentar fazer com que o organismo voltasse à etapas anteriores de sua existência, na qual determinados afetos desprazerosos ainda não teriam incidido sobre o sujeito.

Em “*Thalassa*” (FERENCZI, 1993), texto publicado após a formulação da segunda dualidade pulsional, mas concebido antes, Ferenczi retoma suas ideias sobre a relação entre o indivíduo e a realidade e leva ainda mais adiante suas hipóteses sobre a tendência regressiva e a evolução que a mesma proporcionaria. Além de apresentar os estágios do desenvolvimento do sentido de realidade erótica, algo que havia sido deixado em aberto no texto de 1913, o autor traça exemplos de como a vida pôde sobreviver e se desenvolver após as diversas catástrofes sofridas, tanto em seu aspecto ontogenético quanto filogenético. A sexualidade apresenta-se em um ponto de destaque nessa investigação, visto ser através da fecundação que a vida pôde sobreviver por tanto tempo desde seu surgimento. O contato com a realidade, logo, possibilitaria a autoconservação do indivíduo e asseguraria também o sucesso do desenvolvimento sexual.

A tendência regressiva por trás desses processos, dentro disso, traria de volta tanto os traumas sofridos quanto os triunfos sobre esses traumas, não se limitando a uma tentativa de retorno ao inorgânico. A destruição e a criação são concebidos como elementos associados nesse momento do pensamento de Ferenczi. O autor considera que as capacidades psíquicas de sobrevivência, adaptação e reconstrução frente a um trauma seriam herdeiras da capacidade biológica. Para sustentar esse posicionamento, Ferenczi supõe a ideia de um inconsciente biológico, que carregaria toda a história de lutas e triunfos da espécie.

As considerações de Ferenczi sobre os traumas e as catástrofes, de extrema importância na metapsicologia de “*Thalassa*” (1993), apresentam grande refinamento teórico e reafirmam também as diversas possibilidades de sobrevivência e existência do indivíduo frente aos impasses do mundo e da realidade, como considera Brum (2018, 2019). Kupermann (2019) ressalta que a dimensão estruturante do trauma, presente nesse texto, atinge sua força máxima na clínica ferencziana a partir do ano de 1928.

As elaborações metapsicológicas de Ferenczi acerca do sentido de realidade se completam em “*O problema da afirmação do desprazer*” (1927). Nesse texto, ao retomar o que fora desenvolvido até então, o autor prioriza o estudo dos processos internos ao invés da influência do ambiente. Nesse momento, ele apresenta um último estágio do sentido de realidade, o científico, no qual os mecanismos de projeção e introjeção se equilibrariam. Ele

ressalta a importante dimensão que o desprazer e a destruição podem possuir no psiquismo humano e acrescenta que reconhecer – e aceitar – a existência de elementos desprazerosos é o que, por fim, proporciona ao psiquismo a possibilidade de evolução interna, através da ação das pulsões de morte, na destruição desses elementos, e das pulsões de vida, em sua seguinte reconstrução, mais complexa e desenvolvida. Aceitar o desprazer, portanto, seria condição para o desenvolvimento do sentido de realidade e para a possibilidade de modificação do mundo externo trazida por ele.

Pode-se dizer que a teoria de Ferenczi sobre o sentido de realidade é, dessa maneira, uma teoria adaptativa. Kishner (1993) comenta que as hipóteses de Freud e de Ferenczi sobre a relação do sujeito com a realidade, embora possuam pontos divergentes, se mostram fundamentais para a compreensão de como a realidade é concebida dentro da psicanálise. Figueiredo (1999) e Caropreso (2019) reiteram que, embora muitas vezes partindo de premissas ou conceitos freudianos, a obra de Ferenczi apresenta muitas ideias originais que vão além delas e merecem maiores estudos. Consideramos que o processo de aquisição do sentido de realidade é uma delas.

Em alguns textos posteriores, ainda que não dedicados especificamente ao sentido de realidade, o autor ainda abordará alguns dos aspectos relacionados a esse processo, o que reforça a importância dessa teoria. A questão do aumento das pulsões de morte e rebaixamento das pulsões de vida ao longo da vida será novamente abordada e desenvolvida em sua prática clínica (BISSOLI, 2008). A questão dos traumas sofridos nos primeiros momentos da vida também é retomada e aprofundada na obra posterior de Ferenczi. Ele levará ainda mais adiante em seu pensamento, especialmente através de sua teoria do trauma, as implicações clínicas das destruições primariamente incididas sobre o Eu (REIS, 1997; HERZOG; PACHECO-FERREIRA, 2015; MAIRENO, 2017; BRUM, 2018; KUPERMANN, 2019). A questão do desejo enquanto propulsor da criação e do desenvolvimento psíquico é enfatizada por Kupermann (2003, 2019), que ressalta também os desdobramentos clínicos proporcionados por essa teoria após o ano de 1928.

Como aponta Rachman (2007), as contribuições de Ferenczi à psicanálise não nasceram exclusivamente em oposição ao pensamento de Freud, como muitas vezes erroneamente difundido no meio psicanalítico, mas também a partir do compartilhamento de ideias em comum entre ambos, ainda que tais ideias se desenvolvessem de maneira particular em cada uma das teorias. Ao considerarmos as formulações de Ferenczi sobre o sentido de realidade, é possível confirmar a veracidade desta colocação. Kupermann (2019) indica que, para um psicanalista fornecer contribuições efetivas à psicanálise, ele precisa atender três

vertentes: uma metapsicologia própria, uma teoria clínica capaz de lidar com quadros psicopatológicos, e reflexões ético-técnico-políticas. Acreditamos que, através do estudo do sentido de realidade aqui desenvolvido, pudemos contribuir para o enriquecimento da rica teoria metapsicológica de Ferenczi.

Por fim, concluímos que o resgate da teoria metapsicológica de Ferenczi sobre a aquisição do sentido de realidade e o processo de adaptação do sujeito à mesma, além de ser essencial para compreender as hipóteses do autor de maneira mais profunda, também permite constatar que pressupostos metapsicológicos reverberaram em sua prática clínica e são importantes para a compreensão desta. O estudo das ideias de Ferenczi, além demonstrar a originalidade das mesmas em muitos aspectos, também se mostra de grande importância para o resgate da história do movimento psicanalítico como um todo e permite traçar novos caminhos de pesquisa e prática para a psicanálise atual.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marília Marra de. **Sentidos da regressão**: Consideração teorico-clínicas em Ferenczi, Balint e Winnicott. 2009. Dissertação (Mestre em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- BÁLINT, M. Experiências técnicas de Sándor Ferenczi *In*: WOLMAN, B. B. (Org.) **Técnicas psicanalíticas, 2**: Freudianos e Neofreudianos. Rio de Janeiro: Imago, 1967, p. 9-34.
- BASTOS, L. A. M. Transferência e desenvolvimento do ego: uma abordagem ferencziana. **Percursos**, v. 10, p. 45-49, 1993. Disponível em: http://revistapercursos.uol.com.br/pdfs/p10_texto08.pdf Acesso em: 18 jun. 2020.
- BISSOLI, Sidney da Silva Pereira. **Uma discussão do conceito de pulsão de morte a partir das contribuições de Freud e Ferenczi**, 2008. Dissertação (Mestre em Filosofia) – Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.
- BRUM, S. A crise dos sentidos: uma perspectiva ferencziana. **Tempo Psicanalítico**, v. 51, n. 2, p. 224-243, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v51n2/v51n2a11.pdf> Acesso em: 18 jun. 2020.
- BRUM, S. S. A positividade de uma vida em fragmentos. **Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)**, v. 40, n. 39, p. 125-144, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v40n39/v40n39a07.pdf> Acesso em: 18 jun. 2020.
- CÂMARA, L. C. P., & HERZOG, R. Um prefácio imaginário para Thalassa. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 18, n. 1, p. 244-260, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/38119/26761> Acesso em: 18 jun. 2020.
- CAROPRESO, F. O conhecimento e o sentido de realidade no pensamento de Sándor Ferenczi. **Psicologia em estudo**, v. 24, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v24/1807-0329-pe-24-e42588.pdf> Acesso em: 18 jun. 2020.
- CAROPRESO, F. Pensamento, linguagem e consciência nos textos iniciais de Freud. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 11, n.20, 29-38, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v11n20/04.pdf> Acesso em: 18 jun. 2020.
- CAROPRESO, F. The death instinct and the mental dimension beyond the pleasure principle in the works of Spielrein and Freud. **The International Journal of Psychoanalysis**, v. 98, n. 6, p. 1741-1762, 2017.
- CAROPRESO, F.; SIMANKE, R. T. Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana. **Ágora**, v. IX, n. 2, p. 207-224, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/agora/v9n2/a04v9n2.pdf> Acesso em: 18 jun. 2020.
- CAROPRESO, F.; SIMANKE, R. T. Life and death in Freudian metapsychology: A reappraisal of the second instinctual dualism. **The International Journal of Psychoanalysis**, v. 89 n. 5, p. 977-992, 2008.

CORRÊA, F. S. O desenvolvimento do eu a partir do mundo que o satisfaz e o potencializa e do mundo hostil que o ataca. *In: MONZANI, L. R.; SORIA, A. C. S. (Orgs.): Freud: Filosofia e Psicanálise.* São Carlos: EdUFSCar, 2019, p. 169-178.

DAL MOLIN, E. C.; COELHO JUNIOR, N. E; CROMBERG, R. U. A pulsão de morte no primeiro Ferenczi: quietude, regressão e os primórdios da vida psíquica. **Estilos da Clínica**, v. 24, n. 2, p. 231-245, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v24n2/a06v24n2.pdf> Acesso em: 18 jun. 2020.

EROS, F. E.; SZECAKS-WEISZ, J. E.; ROBINSON, K. E. **Sándor Ferenczi—Ernest Jones: Letters 1911-1933.** Londres: Karnac Books, 2013.

FERENCZI, S. Autoplastic and Alloplastic Adaptation. *In: BALINT, M. (Ed.). Sándor Ferenczi. Final contributions to the problems and methods of psycho-analysis.* Londres: Karnac Books, 1955, p. 221.

FERENCZI, S. Entwicklungsstufen des wirklichkeitssinnes. **Internationale zeitschrift für psychoanalyse**, v. 1, n. 2, p. 124-138, 1913.

FERENCZI, S. Introjection and transference. *In: JONES, E. (Trad.). Sándor Ferenczi. Contributions to psycho-analysis.* Boston: The Gorham Press, 1916a, p. 30-79.

FERENCZI, S. Introjektion und übertragung. **Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschung**, v. 1, n. 2, p. 422-457, 1909.

FERENCZI, S. O Conceito de Introjção. *In: Psicanálise I.* São Paulo: Martins Fontes, 1991a, p. 181-183.

FERENCZI, S. O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. *In: Psicanálise II.* São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 39-53.

FERENCZI, S. On obscene words. *In: JONES, E. (Trad.). Sándor Ferenczi. Contributions to psycho-analysis.* Boston: The Gorham Press, 1916b, p. 112-130.

FERENCZI, S. Stages in the development of the sense of reality. *In: JONES, E. (Trad.). Sándor Ferenczi. Contributions to psycho-analysis.* Boston: The Gorham Press, 1916c, p. 181-203.

FERENCZI, S. Thalassa, Ensaio sobre a teoria da genitalidade. *In: Psicanálise III.* São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 255-325.

FERENCZI, S. The Ontogenesis of Symbols. *In: JONES, E. (Trad.). Sándor Ferenczi. Contributions to psycho-analysis.* Boston: The Gorham Press, 1916d, p. 233-237.

FERENCZI, S. The problem of acceptance of unpleasant ideas: advances in knowledge of the sense of reality. *In: RICKMAN, J. (Org.). Sándor Ferenczi. Further contributions to the theory and technique of psycho-analysis.* Translated by Cecil banes. New York: Boni and Liveright, 1927, p. 366-379.

FERENCZI, S. The symbolic representation of the pleasure and reality principles in the Oedipus myth. *In: JONES, E. (Trad.). Sándor Ferenczi. Contributions to psycho-analysis.* Boston: The Gorham Press, 1916e, p. 214-227.

- FERENCZI, S. Transferência e introjeção. *In: Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes, 1991b, p. 77-108.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio. (1999). **Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi**. São Paulo: Escuta, 1999.
- FREUD, S. A Negação. *In: SOUZA, P. C. (Trad.). Freud (1917-1920): O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a, p. 249-255.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer. *In: SOUZA, P. C. (Trad.). Freud (1917-1920): História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a, p. 120-178.
- FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. *In: SOUZA, P. C. (Trad.). Freud (1911-1913): Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre a técnica, e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b, p. 81-91.
- FREUD, S. O problema econômico do masoquismo. *In: SOUZA, P. C. (Trad.). Freud (1923-1925): O Eu e o Id, "autobiografia" e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b, p. 165-181.
- FREUD, S. Observações sobre um caso de neurose obsessiva ("O Homem dos Ratos"). *In: SOUZA, P. C. (Trad.). Freud (1909-1910): Observações sobre um caso de neurose obsessiva ("O Homem dos Ratos"), Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci, e outros textos* (pp. 9-85). São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 9-85.
- FREUD, S. Os Instintos e Seus Destinos. *In: SOUZA, P. C. (Trad.) Freud (1914-1916): Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c, pp. 38-60.
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia. *In: GABBI, O. F. (Trad.). Notas a Projeto de uma psicologia*. Rio de Janeiro: Imago, 2003, p. 171-260.
- FREUD, S. Sándor Ferenczi. *In: SOUZA, P. C. (Trad.). Freud (1930-1936): O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d, p. 275-277.
- FREUD, S. Sobre a psicologia dos processos oníricos. *In: A Interpretação dos sonhos*. Porto Alegre: L&PM, 2012, p. 535-648.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In: SOUZA, P. C. (Trad.). Freud (1901-1905): Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 13-172.
- FREUD, S.; FERENCZI, S. **Correspondência - 1912-1914. v. I, Tomo 2**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- GONDAR, J. Trauma, cultura e criação: Ferenczi com Christoph Türcke. **Tempo Psicanalítico**, v. 48, n. 2, p. 135-148, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v48n2/v48n1a09.pdf> Acesso em: 18 jun. 2020.

HARTMANN, H. Notes on the Reality Principle. **The Psychoanalytic Study of the Child**, v. 11, n. 1, p. 31–53, 1956.

HERZOG, R.; PACHECO-FERREIRA, F. Trauma e pulsão de morte em Ferenczi. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 18, n. 2, p. 181–194, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/agora/v18n2/1516-1498-agora-18-02-00181.pdf> Acesso em 18 jun 2020.

HONDA, Hélio. **Sándor Ferenczi e as perspectivas da psicanálise**. Curitiba: Appris, 2018.

KIRSHNER, L. A. Concepts of reality and psychic reality in psychoanalysis as illustrated by the disagreement between Freud and Ferenczi. **International Journal of Psycho-Analysis**, v. 74, n. 2, p. 219–230, 1993.

KLEIN, T.; VERTZMAN, J.; PACHECO-FERREIRA, F. Pensar é sempre representar? Sobre os limites da representação na psicanálise. **Cadernos de Psicanálise-SPCRJ**, v. 32, n.1, p. 60-70, 2017. Disponível em: https://spcrj.org.br/ojs/index.php/cad_psi_spcrj/article/view/10 Acesso em 18 jun. 2020.

KUPERMANN, Daniel. **Ousar rir: humor, criação e psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

KUPERMANN, Daniel. **Por que Ferenczi?** São Paulo: Zagodoni, 2019.

KUPERMANN, D. Presença sensível: a experiência da transferência em Freud, Ferenczi e Winnicott. **Jornal de Psicanálise**, v. 41, n. 75, p. 75-96, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v41n75/v41n75a06.pdf> Acesso em: 18 jun. 2020.

LABAKI, M. E. P. Hipocrisia e trauma: elaborações para uma metapsicologia da técnica em Ferenczi. **Jornal de Psicanálise**, v. 47, n. 87, 179-194, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v47n87/v47n87a11.pdf> Acesso em: 18 jun. 2020.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. **Dicionário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LIKIERMAN, M. The “here-and-now” in Ferenczi’s thinking and its influence on Melanie Klein. In: SZECAKS-WEISZ, J.; KEVE, T. (Eds.). **Ferenczi for our time: Theory and practice**. Londres: Karnac Books, 2012, P. 19-25.

MAIRENO, Daniel Polimeni. **Pulsão de morte e seus destinos nas obras de Freud e Ferenczi**. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

MÉSZAROS, J. Ferenczi in Our Contemporary World. **Psychoanalytical Inquiry**, v. 34, p. 112-121, 2014.

MEZAN, R. O inconsciente segundo Karl Abraham. **Psicologia USP**, v. 10, n. 1, p. 55-95, 1999. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000100004&lng=pt&tlng=pt Acesso em: 18 jun. 2020.

- MONZANI, L. R. Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas. *In: PRADO JUNIOR, B. (Org.). Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 108-138.
- MONZANI, Luiz Roberto. **Freud o movimento de um pensamento**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- MORENO, M. M. A.; COELHO JUNIOR., N. E. Trauma, memory, and corporeal acts: A dialogue between Freud and Ferenczi. **International Forum of Psychoanalysis**, v. 22, n. 1, p. 17–25, 2013.
- PORCHAT, Patrícia. **Freud e o teste de realidade**. Casa do Psicólogo, 2005.
- RACHMAN, A. W. Sándor Ferenczi's contributions to the evolution of psychoanalysis. **Psychoanalytic Psychology**, v. 24, n. 1, p. 74–96, 2007.
- RUDGE, A. M. Pulsão de morte como efeito de supereu. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 9, n. 1, p. 79–89, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/agora/v9n1/a06v9n1.pdf> Acesso em: 18 jun. 2020.
- RUDGE, A. M. Trauma e temporalidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 6, n. 4, p. 102-116, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rlpf/v6n4/1415-4714-rlpf-6-4-0102.pdf> Acesso em: 18 jun. 2020.
- SOREANU, R. Something was lost in Freud's Beyond the pleasure principle: A Ferenczian reading. **The American Journal of Psychoanalysis**, v. 77, n. 3, p. 223-238, 2017. Disponível em: http://repository.essex.ac.uk/25916/1/Soreanu_Something%20was%20lost%20in%20Freuds%20BPP%20AJP%20%5BRIS%20Essex%5D.pdf Acesso em: 18 jun. 2020.
- SPIELREIN, S. A destruição como origem do devir. In: CROMBERG, R. U. (Org.), **Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise, v. 1**. São Paulo: Livros da Matriz, 2014, p. 227-277.
- VERSIANI, E. R. A realidade “ora-psíquica-ora-material” em Freud. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 4, n. 1, p. 131–144, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/agora/v4n1/v4n1a09.pdf> Acesso em: 18 jun. 2020.
- VERTZMAN, J.; PACHECO-FERREIRA, F. O uso do afeto na obra de Sándor Ferenczi. **Cadernos de psicanálise (CPRJ)**, v. 30, n. 21, p. 45-78, 2008. Disponível em: http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno21_pdf/O-uso-do-afeto-na-obra-de-Sandor-Ferenczi.pdf Acesso em: 18 jun. 2020.